



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ELISÂNGELA MARINHO BEZERRA

O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA NO JORNALISMO: Uma análise do
Repórter Rá-Teen-Bum

JOÃO PESSOA
2023

O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA NO JORNALISMO: Uma análise do
Repórter Rá-Teen-Bum

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, na Área de Concentração *Produção Jornalística* e na Linha de Pesquisa *Processos, Práticas e Produtos*.

Orientador:

Dr. Luis Augusto de Carvalho Mendes

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B5741 Bezerra, Elisângela Marinho.
O lugar social da criança no jornalismo: uma análise
do Repórter Rá-Teen-Bum / Elisângela Marinho Bezerra. -
João Pessoa, 2023.
158 f. : il.

Orientação: Luis Augusto de Carvalho Mendes.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo infantil. 2. Criança. 3. Adolescente.
4. Sociologia da infância. I. Mendes, Luis Augusto de
Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070-053.2(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos dezesseis dias do mês de junho de 2023, às 15 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **ELISÂNGELA MARINHO BEZERRA**, sob a matrícula **20211006153**, cuja pesquisa intitula-se “**VÍNCULOS ENTRE A CRIANÇA E O JORNALISMO: Uma análise do Repórter Rá-Teen-Bum**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof(a). Dr(a). **Luis Augusto de Carvalho Mendes**
Presidente


Prof(a). Dr(a). **Patricia Monteiro Cruz Mendes**
Examinador(a) Interno(a)


Prof(a). Dr(a). **Juliana Doretto**
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

AGRADECIMENTOS

A Deus, que foi o responsável por colocar no meu coração a vontade de fazer o mestrado em plena pandemia. A professora Lucillen Lima, que revisou o projeto diversas vezes e me ajudou a enviar um bom trabalho para a seleção. Aos professores que durante as disciplinas nos ajudaram a expandir nosso conhecimento e criticidade, contribuindo para que fizéssemos questionamentos importantes e necessários sobre o jornalismo que praticamos.

À melhor turma de mestrado deste mundo, uma rede de afeto, companheirismo, generosidade e parceria. Um espaço de muito estímulo, acolhimento e colo.

À minha mãe, Maria Marinho, que não teve as mesmas oportunidades que eu, não possui os conhecimentos da leitura e escrita e por isso não entende bem o que se significa um mestrado. Mas sabe que é importante e certamente se orgulha vendo que seus esforços tiveram resultado. Da mesma maneira meu pai Antônio Bezerra (In memoriam), que também na condição de analfabeto, não entenderia a conclusão desta pós-graduação, mas provavelmente diria aos amigos que a filha dele fez mestrado, assim como fez quando entrei na faculdade.

Aos meus irmãos Edson Marinho e Wellington Marinho e aos meus sobrinhos Pedro Marinho e Liz Marinho. Esses são minha morada de afeto, o significado da minha existência e luta diária.

Aos meus amados amigos, a família que eu escolhi, que vibram com cada conquista minha e sei que estão vibrando agora. A conclusão deste trabalho deve-se muito a cada um deles, que me incentivaram e acreditaram quando eu desanimei.

Ao meu orientador, professor Luís Augusto de Carvalho Mendes. Sei que foi um grande desafio orientar um tema tão pouco explorado em nosso país, por isso não cabe em mim a gratidão por ele ter topado essa empreitada. Obrigada por acreditar na importância dessa temática e embarcar na pesquisa junto comigo. Conseguimos.

À professora Patrícia Monteiro, tão afetuosa e acolhedora. Que honra ter sido aluna de um ser tão amoroso, que honra maior ter feito o estágio docência justamente com ela, que é o meu maior exemplo de ensino. Além disso, que privilégio tê-la em minha banca, pois é a certeza de que receberei ótimas sugestões para melhoria da pesquisa e todas oferecidas com zelo, respeito e carinho.

Por fim, e longe de ser menos importante, à professora Juliana Doretto, não apenas por ter aceitado o convite para esta banca, mas principalmente por ser a responsável por plantar em mim o desejo de pesquisar jornalismo infantil. Antes mesmo de nos conhecermos

pessoalmente a professora Juliana Doretto já me inspirava, seus trabalhos me alcançaram em lugares muito importantes, que me fizeram compreender o quanto a discussão para a criação de um jornalismo para crianças é urgente no nosso país. As pesquisas da professora Juliana muito contribuíram com este trabalho, por isso ela está tão presente nesta pesquisa, exatamente como deve ser, pois não é possível falar em jornalismo infantil no Brasil sem falar de Juliana Doretto.

RESUMO

Esta pesquisa investiga o jornalismo infantil brasileiro a partir de um estudo do Repórter Rá-Teen-Bum, exibido de 2016 a 2018, na TV Cultura e TV Rá-Tim-Bum. O objetivo é analisar a participação infantil e os valores-notícias adotados pelo programa. Para atingir esta proposta, optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Para compor o *corpus*, foram escolhidos os 36 episódios do Repórter Rá-Teen-Bum, disponíveis no YouTube. A finalidade específica foi conhecer o lugar que as crianças e adolescentes ocupavam nas matérias e reportagens, a partir da defesa do protagonismo infantil apontado pela Sociologia da Infância. Assim como o direito de participação assegurado na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989). Também buscou-se observar quais assuntos o Repórter Rá-Teen-Bum escolhia ofertar ao seu público e para isso foram utilizados os critérios de valor-notícia elaborada por Silva (2005). Sobre o programa, abordam-se, ainda, detalhes dos quadros, cenário, linguagem, logomarca, trilha sonora, entre outras informações. O resultado da análise nos indica que o Repórter Rá-Teen-Bum buscou oferecer entretenimento ao seu público por meio de histórias de crianças e adolescentes que fazem coisas exóticas ou estão inseridas em uma realidade pouco comum. Foi por meio dessa linha que o programa debateu diversos temas com suas audiência e foi a partir desses assuntos que podemos identificar alguns erros cometidos pelo RTB, como o não respeito à faixa etária ao qual o produto escolheu se destinar. Por vezes, foram apresentados temas de pouco ou nenhum interesse de crianças com até dez anos e usadas palavras não habituais a esse grupo. Mas nossa pesquisa também nos apontou à promoção de um protagonismo infantojuvenil nos conteúdos, ao percebermos a predominância da criança e adolescente como protagonistas das matérias e reportagens. O programa ofereceu lugar de fala a esse grupo, permitindo que se expressasse à sua maneira. Assim, concluímos que o Repórter Rá-Teen-Bum alcançou o que defende a Sociologia da Infância, que reivindica esse destaque para a criança. Além de ter cumprido dois artigos importantes da Convenção sobre os Direitos da Criança, que assegura o direito que esse público tem de receber informações adequadas às suas idades e de ser ouvido nos mais diversos espaços, como o jornalismo.

Palavras-chave: Criança; Adolescente; Repórter Rá-Teen-Bum; Sociologia da Infância; Jornalismo.

ABSTRACT

This research investigates Brazilian children's journalism from a study of Reporter Ra-Teen-Bum, aired from 2016 to 2018, on TV Cultura and TV Ra-Tim-Bum. The goal is to analyze children's participation and the values-news adopted by the program. To achieve this proposal, we opted for a research of basic nature, exploratory objective, qualitative approach through a documentary study. To compose the corpus, the 36 episodes of Reporter Ra-Teen-Bum, available on YouTube, were chosen. The specific purpose was to know the place children and adolescents occupied in the stories and reports, based on the defense of child protagonism pointed out by the Sociology of Childhood. As well as the right to participation ensured by the International Convention on the Rights of the Child (1989). It was also sought to observe which issues the Reporter Ra-Teen-Bum chose to offer to its audience and for that the criteria of value-notice elaborated by Silva (2005) were used. About the program, we also approached details of the frames, scenery, language, logo, soundtrack, among other information. The result of the analysis indicates that Reporter Ra-Teen-Bum tried to offer entertainment to its audience through stories of children and teenagers that do exotic things or are inserted in an unusual reality. It was through this line that the program debated several issues with its audience and it was from these issues that we can identify some mistakes made by RTB, such as not respecting the age group to which the product chose to be aimed. Sometimes, topics of little or no interest to children up to ten years old were presented, and words that are not usual for this group were used. But our research also pointed us to the promotion of a child and teen protagonism in the contents, as we noticed the predominance of children and teenagers as the protagonists of the stories and reports. The program offered a place for this group to speak, allowing them to express themselves in their own way. Thus, we conclude that the Reporter Ra-Teen-Bum reached what the Childhood Sociology defends, which claims this prominence to the children. Besides having fulfilled two important articles of the Convention on the Rights of the Child, which assures the right that this public has to receive age-appropriate information and to be heard in the most diverse spaces, such as journalism.

Keywords: Child; Adolescent; Ra-Teen-Bum Reporter; Sociology of Childhood; News-Value.

Lista de tabelas

Tabela 1 Artigos citados no estado da arte.....	47
Tabela 2 Proposta de sistematização de valores-notícia elaborada por Silva (2005).....	68
Tabela 3 Categorização livre - a participação da criança e adolescente	70
Tabela 4 Assuntos abordados em todos os programas do Repórter Rá-Teen-Bum	77

Lista de gráficos

Gráfico 1 Valores-Notícias adotados pelo Repórter Rá-Teen-Bum.....	83
Gráfico 2 Valor-Notícia Entretenimento/Curiosidade.....	84
Gráfico 3 Valor-Notícia Conhecimento/Cultura	84
Gráfico 4 Valor-notícia Raridade	85
Gráfico 5 Temas frequentes que apareceram no Repórter Rá-Teen-Bum.....	88
Gráfico 6 O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Repórter Rá-Teen-Bum.....	131
Gráfico 7 O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Quadro Repórter.....	132
Gráfico 8 O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Quadro Gira Girou	133
Gráfico 9 O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Quadro É Nós!	133
Gráfico 10 O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Quadro Você viu?	135
Gráfico 11 Gênero das crianças e adolescentes entrevistadas pelo Repórter Rá-Teen-Bum	137
Gráfico 12 Idade das crianças e adolescentes entrevistadas pelo Repórter Rá-Teen-Bum	138
Gráfico 13 Estados das crianças e adolescentes entrevistadas pelo Repórter Rá-Teen-Bum.....	138
Gráfico 14 Países das crianças e adolescentes entrevistadas pelo Repórter Rá-Teen-Bum	139

Lista de imagens

Imagem 1.....	51
Imagem 2.....	52
Imagem 3.....	53
Imagem 4.....	60
Imagem 5.....	73
Imagem 7.....	73
Imagem 9.....	74
Imagem 11.....	75
Imagem 12.....	75
Imagem 13.....	89
Imagem 14.....	90
Imagem 15.....	94
Imagem 16.....	96
Imagem 17.....	97
Imagem 18.....	97
Imagem 19.....	98
Imagem 20.....	100
Imagem 21.....	102
Imagem 22.....	103
Imagem 23.....	104
Imagem 24.....	105
Imagem 25.....	106
Imagem 26.....	107
Imagem 27.....	108
Imagem 28.....	110
Imagem 29.....	114
Imagem 30.....	117
Imagem 31.....	118
Imagem 32.....	120
Imagem 33.....	123
Imagem 34.....	126
Imagem 35.....	127
Imagem 36.....	140
Imagem 37.....	141
Imagem 38.....	141
Imagem 39.....	141
Imagem 40.....	142

Imagem 41.....	142
Imagem 42.....	143
Imagem 43.....	143
Imagem 44.....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E SUAS CONEXÕES COM O JORNALISMO INFANTIL	18
2. ESTADO DA ARTE.....	26
3. JORNALISMO INFANTIL NO BRASIL	49
3.1 JORNALISMO INFANTIL IMPRESSO	49
3.2 JORNALISMO INFANTIL NA INTERNET	54
3.3 JORNALISMO INFANTIL NO RÁDIO	55
3.4 JORNALISMO INFANTIL NA TELEVISÃO.....	57
4. JORNALISMO E TELEJORNALISMO	60
5. MÉTODO.....	67
5.1. Valor-Notícia	67
5.2. Categorização livre	69
6. RESULTADOS.....	70
6.1 TV CULTURA	70
6.2 REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	71
6.3 ABERTURA E ENCERRAMENTO	72
6.4 LOGOMARCAS, VINHETAS, TRILHAS E TELA DE FUNDO	73
6.5 APRESENTADORA - FIGURINO E PLANOS	74
6.6 QUADROS	75
7. VALORES-NOTÍCIAS DO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM.....	77
7.1. TEMAS ABORDADOS NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM.....	87
7.2. ASSUNTOS QUE APARECERAM MAIS DE UMA VEZ NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	87
7.3. ASSUNTOS QUE APARECERAM UMA ÚNICA VEZ NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	114
7.4. LUGAR DA CRIANÇA NO REPÓRTER RÁ-TENN-BUM	130
7.5. PERFIL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENTREVISTADAS PELO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	136
7.6. CRIANÇA E ADOLESCENTE OCUPANDO OUTROS LUGARES NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	140
7.7 OUTRAS PERCEPÇÕES SOBRE O REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM	144
7.8 COMO O REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM PODERIA TER SIDO MELHOR?	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	155

INTRODUÇÃO

O jornalismo tem como base fazer conhecer, levar informação à população e amplificar sua voz, mas assim como em muitos espaços da sociedade, o público infantojuvenil é afastado da narrativa jornalística. Raramente vemos crianças sendo entrevistadas, mesmo sobre assuntos que as afetam diretamente, ressaltando que todos os acontecimentos alcançam de alguma forma esse grupo. Suas falas são sempre intermediadas por adultos, como se essas não fossem capazes de se expressar.

É importante ter em mente que o jornalismo impacta a vida das pessoas, inclusive, das crianças, e por isso precisamos considerá-las como audiência, mas não uma audiência passiva, e sim uma audiência com capacidade de ajudar na elaboração do material, com suas percepções e histórias. Mas é preciso ouvi-las respeitando suas visões de mundo.

O jornalismo ao qual temos acesso está sempre em busca de discursos prontos, em especial, pela celeridade que esse campo exige. Situação que dificulta a inclusão do público infantojuvenil na narrativa. Mas esse não pode ser um argumento para a invisibilidade e silenciamento da criança, até porque não se trata de um favor, mas um direito assegurado na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). Mais do que incluí-la no discurso jornalístico, garantindo seu direito de participação, devemos também nos preocupar em oferecer um jornalismo feito para elas. Um jornalismo que respeite as especificidades deste momento da vida, as ajudando a compreender o mundo em que vivem. Esse também foi um assunto tratado na Convenção.

Há uma escassez de jornalismo para crianças no Brasil. E quando falamos em criança e adolescente neste trabalho usamos como base o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que em seu art. 2º diz que “considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade”. O público adolescente é mencionado com frequência neste trabalho tendo em vista que foi presença recorrente em nosso objeto de estudo. Mas as discussões, em especial, em nossa fundamentação teórica, acontecem em torno da criança. Tratam-se de dois grupos com características e demandas muito diferentes e não conseguiríamos dar conta dessas particularidades numa mesma pesquisa.

No Brasil, a informação é um direito previsto na Constituição Federal (BRASIL, 1988), que deve ser assegurado por todos os órgãos públicos. De modo geral, ele é garantido à população através dos veículos de comunicação, que por meio dos seus discursos têm uma contribuição significativa no fazer pensar da sociedade. Um instrumento de cidadania que

informa e forma e as crianças, embora estejam à margem dele, o consomem, muitas vezes por meio de mediação familiar, e elaboram percepções a partir do que veem e ouvem na televisão, no rádio e na internet. “Entendido como um espaço e um sujeito narrativo, o jornalismo representa, talvez, a principal esfera de produção de sentidos” (MORIGI; ROSA, 2007, p. 76).

Todos os dias temos acesso a conteúdos que tratam sobre temas que dizem respeito às crianças, mas não vemos suas percepções sobre eles. Não sabemos o que pensam, suas vozes são silenciadas. Em geral, o público infantil está presente no discurso jornalístico em três situações: em tópicos “leves”, como Dia das Crianças; quando cometem um crime; ou quando são vítimas de um. Ao fazer essa exclusão de temas de decisão, como economia e política, por exemplo, o jornalismo deixa claro e reforça a criança imaginada pela sociedade.

Tem também a ver com o lugar exterior à sociedade em que são colocadas crianças e adolescentes, fora do mundo dos adultos, sem voz nem capacidade de exprimirem as suas experiências, sentimentos e perspectivas. Esta ideia pode ser ilustrada pela falta de recursos informacionais dirigidos a audiências dos mais novos, por parte das organizações mediáticas (PONTE, 2006, p.19).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018¹, o Brasil tem 35,5 milhões de crianças (pessoas de até 12 anos de idade), o que corresponde a 17,1% da população, que naquele ano era de 207 milhões. Percebemos assim que estamos falando de quase 20% da população brasileira que é excluída do jornalismo e que não tem conteúdos noticiosos direcionados para si, em especial, se pensarmos nos canais de TVs abertos. É por isso que este trabalho vai na contramão e apresenta e analisa um exemplo de jornalismo infantil.

O objeto de estudo é o Repórter Rá-Teen-Bum, que passava nas noites de sábado e domingos às 20h15, na TV Rá Tim Bum e TV Cultura. A produção era feita pelas equipes das duas emissoras, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). A iniciativa na verdade foi do grupo Wadada News for Kid², da ONG holandesa de mídia *Free Press Unlimited*. Um trabalho que é feito também em diversos outros países, onde através de parcerias são ofertados conteúdos jornalísticos na perspectiva dos jovens.

No Brasil, o programa que tinha como público crianças até dez anos de idade, foi exibido de 2016 a 2018 e embora findada sua produção todos os episódios podem ser encontrados no canal do YouTube da TV Rá Tim Bum³.

¹ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html>. Acesso em: 26/02/2022.

² Disponível em: <https://www.freepressunlimited.org/en/wadada-news>. Acesso em: 26/02/2022

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimum>. Acesso em: 26/02/2022

Esse material permitiu a verificação da importância do protagonismo infantil no jornalismo, já que o programa em questão, durante seu tempo de exibição, teve as crianças e adolescentes como suas principais fontes. Essa participação nos ajudou a ampliar a discussão sobre como o jornalismo pode contribuir para o reconhecimento da cidadania infantil. A opção por este conteúdo deve-se, ainda, pelo fato de ser o único programa televisivo totalmente jornalístico para crianças, até hoje, exibido no Brasil.

A escolha de discutir sobre jornalismo infantil no mestrado parte de uma pesquisa a que me dedico desde a graduação, quando produzi um jornal experimental para crianças (MARINHO, 2017). Para essa produção, realizei antes e depois do produto, grupos focais. Oportunidade em que pude ouvir esse público e ser impactada com suas respostas e visões de mundo. Chamou-me a atenção como tinham opiniões sobre tudo e como sabiam o que estava acontecendo. As reflexões deste primeiro trabalho me fizeram chegar a convicção de que as crianças precisam ser ouvidas pelo jornalismo e necessitam de notícias que atendam suas demandas sociais e cognitivas. Pontos que são reforçados nas considerações finais.

Assim, a dissertação está dividida em sete capítulos, além da introdução e considerações finais. Desse modo, no capítulo 1 é apresentada a Sociologia da Infância e suas conexões com o jornalismo infantil. Antes de chegar ao que aborda essa área, é feita uma referência a Philippe Ariès (1986), que explica como aconteceu a construção sociohistórica do que é ser criança e como essa definição mudou e pode mudar ao longo dos anos. Após esse entendimento do que é a infância, apresentamos teóricos da SI (Sociologia da Infância) e suas principais correntes de pensamentos. Observando que a principal contribuição desta área para este estudo é entender a criança como um cidadão já no presente. Não devemos somente nos preocupar que adultos serão, mas o que estamos fazendo com elas agora. Como desejar que elas sejam cidadãos que participem ativamente das questões sociais na fase adulta se negamos esse direito no presente? Importante mencionar que aqui não são abordadas características cognitivas das crianças.

No capítulo 2 está nosso estado da arte. No universo acadêmico destacamos trabalhos, sobretudo artigos científicos, publicados entre 2010 e 2020 com a temática jornalismo infantil. Alguns dos bancos de dados utilizados foram Scielo e Google Acadêmico. Os estudos localizados são expostos em uma tabela. Foi verificada uma lacuna de trabalhos que abordam este assunto. Mas o levantamento muito contribuiu, pois foi de suma importância conhecer o que já foi investigado, tendo em vista que o foco deste estado da arte foram pesquisas que conversaram com crianças sobre jornalismo ou que analisaram algum produto jornalístico voltado para esse grupo. Todas nortearam os entendimentos que tivemos sobre o Repórter Rá-

Teen-Bum.

No capítulo 3 é feito um resgate histórico do que já foi produzido jornalisticamente para crianças no Brasil e o que existe atualmente. Esse ponto nos permitiu perceber o quão esse mercado já foi mais preenchido e o vácuo que existe hoje. Ainda neste capítulo é abordado o que ficou acordado em 1989 na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia-Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) e assinada pelo Brasil em 1990. Entre tantos direitos assegurados na Convenção dois deles chamaram nossa atenção e por isso norteiam este trabalho: o direito que as crianças têm de receber notícias adequadas a sua idade e o direito de participação, ou seja, o direito de ouvirem sobre o que está acontecendo e serem ouvidas sobre esses assuntos nos mais diversos lugares, entre eles a imprensa. Dois pontos assegurados pelo Repórter Rá-Teen-Bum.

No capítulo 4 é abordado um breve histórico da televisão no Brasil e telejornalismo. Buscamos entender o papel da televisão na vida das pessoas e o que o jornalismo pode causar nas crianças e adolescentes. São expostas pesquisas que comprovam que esse veículo de comunicação está presente no dia-a-dia da população e age diretamente no fazer pensar da sociedade.

A metodologia é apresentada no capítulo 5, quando abordamos os critérios de noticiabilidade adotados por Silva (2005). A escolha por observar os valores-notícias do Repórter Rá-Teen-Bum se dá porque este trabalho considera fundamental saber o que o programa considerava relevante e significativo para o seu público, nos ajudando a perceber que imagem da criança se tinha e a que desejava passar. Além disso, explicamos a categorização livre elaborada a partir da base teórica da Sociologia da Infância, observando a criança enquanto notícia (protagonista); e a criança como fonte primordial. Essa categorização vai de encontro a um dos objetivos deste trabalho, que é perceber o lugar que a criança ocupava no Repórter Rá-Teen-Bum e se esse espaço garantia o protagonismo infantil.

No capítulo 6 iniciamos os resultados da pesquisa a partir da apresentação do objeto de estudo com um breve histórico da TV Cultura. Sendo importante lembrar que esta emissora foi palco do Castelo Rá-Tim-Bum, programa infantil que fez grande sucesso na década de 90. Inclusive, o nome do produto que escolhemos estudar é devido a esta produção. Também há uma explicação do que é o grupo Wadada News for Kid, da ONG holandesa de mídia Free Press Unlimited. O Repórter Rá-Teen-Bum é fruto de uma parceria da TV Cultura com o Wadada, que tem esse trabalho ao redor do mundo.

Depois chegamos de fato ao Repórter Rá-Teen-Bum, programa que ficou no ar de 2016 a 2018 na TV Rá-Tim-Bum e TV Cultura, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta

(Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). O Repórter Rá-Teen-Bum era exibido nas noites de sábado e domingos às 20h15. Os episódios também eram disponibilizados no canal do YouTube da emissora, onde ainda se encontram. Segundo Pereira (2018) o programa tinha como público crianças de até dez anos de idade. A duração de cada episódio ficava entre 9 e 13 minutos, sem intervalo. Aqui são apresentados tópicos como duração, estilo de apresentação, cenário, logomarca, quadros, entre outras características mais técnicas que ajudam a conhecer melhor o programa.

A seguir, no capítulo 7, apresentamos as análises dos episódios estudados. As 36 edições do programa disponíveis no canal do YouTube da TV Rá Tim Bum, de 2016 a 2018, foram vistas. A partir do material verificado, a presente pesquisa responderá ao seguinte problema: o Repórter Rá-Teen-Bum promoveu através dos seus programas o protagonismo infantil? Para responder a esta pergunta, buscou-se conhecer que lugar a criança ou adolescente ocupavam nas reportagens e matérias e que valores-notícias eram adotados pelo programa. Chegamos então as seguintes hipóteses: 1) o Repórter Rá-Teen-Bum adota critérios de noticiabilidade semelhantes aos do telejornalismo tradicional, e 2) com o espaço que abre ao público infantojuvenil consegue promover o protagonismo infantil, como defende a Sociologia da Infância.

A discussão sobre o Repórter Rá-Teen-Bum recai principalmente a partir dos assuntos abordados, observando a importância da temática, linguagem utilizada, as falas das crianças (muitas dessas falas foram transcritas) e o aprofundamento do tema. As observações estabelecem relações entre os conceitos debatidos ao longo da dissertação.

1. SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E SUAS CONEXÕES COM O JORNALISMO INFANTIL

As crianças sempre tiveram espaço nos estudos da medicina, psicologia, pedagogia e outras áreas. Na Sociologia, Sarmiento (2008) diz que o tema nunca foi ausente do pensamento sociológico, inclusive, referencia a obra da teoria da socialização de Emile Durkheim (1938), mas ressalta que o assunto ganhou força apenas no fim do século XX, com destaque para a década de 90. Essa introdução aconteceu observando-se a necessidade de levar em consideração toda dimensão social que perpassa a infância.

A psicologia nos ensinou através de Piaget (1979), primeiro pesquisador a explicar como acontece a construção da inteligência nesse momento da vida, que o desenvolvimento da criança acontece por meio de fases e em cada idade é esperado dela um determinado tipo

de comportamento. Também existem e existiram neste campo pesquisadores com olhares mais interacionistas, como Vygotsky (1998). E é nesse caminho que este trabalho segue, percebendo que o meio influencia no desenvolvimento da criança, “e por meio entenda-se algo muito amplo, que envolve cultura, sociedade, práticas e interações” (RABELLO; PASSOS, 2010, p. 1). A Sociologia da Infância (SI) enxerga a criança como um sujeito construído historicamente, socialmente e culturalmente. Sendo influenciado pelo entorno, mas também influenciando na sua própria socialização.

Em resumo, podemos dizer que a teoria piagetiana tem um direcionamento que individualiza a criança. Já a Sociologia, contempla este ser humano a partir de um olhar macro, observando tudo ao redor e buscando entender de que maneira o contexto em que vivem as formam, mas sem deixar de levar em consideração seu estado biológico.

A SI trabalha com dois pontos centrais. O primeiro que iremos abordar é a infância como uma construção social (SARMENTO, 2008), culturalmente produzida, não como uma fase. Não passa, não acaba, as pessoas é que saem dela, mas outras entram, ou seja, ela nunca deixa de existir. Sendo assim, não é possível compreender a infância sem levar em conta o movimento que ela fez ao longo da história e faz no presente. Então, para entender como se deu essa formação recorreremos a um dos principais estudos sobre o tema, o livro “História social da criança e da família” (1986), de Philippe Ariès.

O autor fez uma investigação histórica para entender como se deu a ideia de infância que possuímos hoje. Ao observar, por exemplo, pinturas do século X-XI, Ariès percebe que não havia quadros com representações de crianças e que isso não aconteceu por falta de habilidade dos artistas e sim porque não havia lugar para a infância naquele período. “Os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. [...], a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida” (ARIÈS, 1986, p.52). Foi no século XIII, que a iconografia, em especial a religiosa, começou a representar a infância. As representações de Maria com o menino Jesus, ou crianças como anjos, ligando a infância à pureza, sentimento mais próximo do que temos hoje.

Um pouco antes disso, as crianças apareciam, algumas vezes, como adultos de tamanho reduzido. Foi apenas nos séculos XV e XVI, que elas surgiram para além das representações bíblicas, mas sempre em meio aos adultos. Mas foi também no século XVI que houve o aparecimento do retrato da criança morta. Segundo Ariès, esse fato representa uma modificação no sentimento para com a infância. O pesquisador nos diz que a morte da criança antes desse período não era lamentada, pois as famílias tinham muitos filhos e a mortalidade

infantil era frequente. Logo, perder um filho não era sinônimo de tanto sofrimento, pois além de comum, outro viria em seguida. Então, as representações de pinturas de crianças que morreram, mostra que esse sentimento de luto vai mudando e a criança morta não é apenas mais uma, por isso deve ser lembrada. No século seguinte, XVII, começam a surgir pinturas de crianças sozinhas.

Ou seja, o autor percebeu que a indiferença à infância aconteceu principalmente na Idade Média (do século V ao XV), pois neste período a vida da criança era totalmente misturada à dos adultos. Isso é notado de muitas maneiras, como as roupas. Os meninos até por volta de quatro-cinco anos, chamada de crianças "de babador", eram vestidos como meninas e as meninas pouco antes disso já eram trajadas como mulheres (Foi só a partir do século XVIII que elas foram recebendo roupas reservadas à suas idades). Isso também acontecia com jogos e brincadeiras, mesmo aqueles de azar envolvendo dinheiro, as crianças participavam, pois não havia uma separação do adulto. As punições físicas e a participação de crianças nas diversões e conversas dos adultos também eram normalizadas.

Além de que, dentro das casas não havia intimidade, em muitos lares sequer existiam quartos para as crianças e essas dormiam no mesmo espaço que os adultos. Mas no fim do século XVI nasce o respeito pela infância, quando as crianças começam a ser privadas de algumas questões, como sexualidade. Assim, no século XVII surge um sentimento de decência, ligado diretamente à religião, e é iniciado o processo de afastamento da criança do mundo adulto na tentativa de preservar sua moralidade.

Antes disso, já havia surgido um sentimento que Ariès chama de papparicação. A criança começou a ser vista em seus primeiros anos de vida como uma coisinha engraçadinha. Tornou-se uma distração para aqueles que delas cuidavam. Mas era uma infância curta, tão logo fossem conseguindo certa independência iniciava-se o processo de introduzi-la no mundo adulto. A partir daí já lhe eram atribuídas algumas atividades e conforme o tempo passava iam adquirindo mais responsabilidades, como trabalhos domésticos para as meninas (que eram preparadas, inclusive, para se tornarem esposas e mães muito novas) e trabalhos externos para os meninos (ARIÈS, 1986).

O trabalho infantil era normalizado, não existia, segundo Qvortrup (2015), uma ideia de proteção, “e que se existia não era a criança que primordialmente precisava ser protegida: era a futura força de trabalho que precisava ser criada o mais rápido possível” (p.12). O objetivo era manter o patrimônio e a linhagem. Isso nos faz interpretar que a infância era um período muito curto para a sociedade da Idade Média, sequer podíamos dizer que existia.

Segundo Ariès, a descoberta da infância começou no século XVIII. “Tudo que se

referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação - a criança havia assumido um lugar central dentro da família” (ARIÈS, 1986, p. 164). Mas foi o aparecimento das escolas, que teve um papel determinante e que demonstra o progresso de uma preocupação com a infância. Foi entendido que a criança deveria ser preparada para o futuro e por isso precisava de formação. A escola veio para substituir a única forma de aprendizado que se tinha na época: a empírica. Quando tudo que as crianças aprendiam era a partir do que viam os adultos fazendo.

Inclusive, Ariès menciona um hábito das famílias da Idade Média, que enviavam suas crianças à casa de estranhos. Elas iam viver com outras pessoas, para que aprendessem afazeres domésticos, no caso das meninas, e as maneiras de um cavaleiro ou outros ofícios, no caso dos meninos. Foi apenas entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, que a criança foi permanecendo em seu lar e conquistando um lugar junto de seus pais. É claro que isso alcançou primeiro as classes mais favorecidas, pois mandar seus filhos para outras famílias educarem era um fato percebido até o início do século XIX na população mais pobre.

Mas também é fato que a família passou a se interessar pelos estudos dos filhos e a se organizar em torno da criança. No fim da Idade Média, mais precisamente no século XII, os colégios eram apenas asilos para estudantes pobres. Depois a intenção foi criar instituições educacionais para afastar os estudantes das tentações da vida leiga, ou seja, um movimento da igreja. Nas escolas, no início, misturava-se adultos e crianças, mas nos séculos seguintes, XIII e XIV, houve uma ação em favor das crianças menores, a fim de que sua inocência fosse protegida. “Graças a esse modo de vida, a juventude escolar foi separada do resto da sociedade, que continuava fiel à mistura das idades, dos sexos e das condições sociais. Esta era a situação ao longo do século XIV” (ARIÈS, 1986, p. 170).

Aos sete anos, ele podia entrar para o colégio, e até mesmo para o 7º ano. Mais tarde, a idade escolar, ao menos a idade da entrada para as três classes de gramática, foi retardada para os 9-10 anos. Portanto, eram as crianças de até 10 anos que eram mantidas fora do colégio. Dessa maneira conseguia-se separar uma primeira infância que durava até 9-10 anos de uma infância escolar que começava nessa idade. O sentimento mais comumente expresso para justificar a necessidade de retardar a entrada para o colégio era a fraqueza, “a imbecilidade”, ou a incapacidade dos pequeninos (ARIÈS, 1986, p. 176).

Esse sentimento de fraqueza é outro para o qual Ariès nos chama a atenção, pois foi a partir dele que surgiu a ideia do dever dos adultos em preservar a infância. A divisão das idades em sala de aula começou pela observação da capacidade dos alunos, aqueles que

estavam no mesmo nível foram colocados juntos. Ainda de acordo com o autor, as crianças só entravam na escola a partir dos sete anos. No século XVII, essa era considerada uma idade importante, pois entrava-se no colégio ou começava-se a trabalhar.

Mas a separação dos estudantes só acontecia até os 9 anos. Em geral, a criança de 10 anos já estava misturada aos mais velhos e a adolescência era confundida com a infância. Existiam turmas com pessoas dos 10 aos 25 anos. Isso permaneceu até o fim do século XVIII. Apenas no século seguinte, os “homens feitos” foram separados da infância e adolescência, mas essas fases continuavam a ser confundidas. A distinção só começou no fim do século XIX. Outra situação que ocorreu é que até o início do século XVII as crianças passavam um ano ou dois no colégio e logo já eram introduzidas no mundo adulto. Ou seja, era-se criança até enquanto estudava-se e foi a escola que conseguiu prolongar a infância, aumentando os anos de ensino escolar.

Antes da separação de idade, no século XVI, aconteceu outro tipo de separação: a de classes sociais. Havia um ensino direcionado para o povo e um estudo para as camadas burguesas e aristocráticas. Quando chegaram as classes populares, foi principalmente com objetivo de ensinar-lhes “hábitos de limpeza, [...], compostura, obediência, respeito à autoridade, etc” (VARELA; URIA-ALVAREZ, 1992, p. 15). Ariès também destaca que o sentimento de infância alcançou primeiro os meninos. A menina, ao ser excluída da escola (algumas poucas eram enviadas a escolas pequenas ou conventos), continuou a ser confundida com uma mulher e desde muito cedo era tratada como uma adulta. Sua educação, em geral, acontecia em casa. A presença das meninas nas escolas só se difundiu no fim do século XVIII e início do XIX.

Percebemos assim, que foi principalmente a escola que intensificou o sentimento de infância e promoveu a separação dessas do mundo adulto. Foi visto que a criança antes de ingressar neste mundo devia ser preparada e essa preparação começou a ser assegurada pelo colégio.

É com ciência da história da infância que a SI sabe que a criança é um ser culturalmente e socialmente construído. A partir daí reconhece que não existe uma infância universal. Existem várias infâncias e é preciso considerar as diversidades que são determinadas a partir de muitos fatores, como gênero, raça, local em que vive, condição socioeconômica, religião, família, escola e etc. A criança vai ocupar o espaço designado para ela dentro de cada grupo a qual pertence, por exemplo: o lugar da filha, irmã mais velha ou filha única, a menina negra ou branca de família cristão ou não, moradora da zona urbana ou rural. Os movimentos feitos em cada ambiente deste têm um papel na construção do eu, pois

irão repercutir nos seus pensamentos, sentimentos e ações, no presente e também no futuro.

Outro ponto que nos faz pensar sobre as várias infâncias é quando tomamos ciência que os direitos de proteção, não alcançam todas as crianças. São muitos os exemplos de crianças em situação de rua, trabalho infantil, sem acesso a escola, alimentação e etc. Além disso, temos no imaginário popular a ideia da criança que deve ser protegida (a criança limpa, com pais, escolarizada), mas existem aquelas que fogem a essa lógica e são tratadas de maneira diferente, como a criança delinquente, que alguns cientistas sociais vão chamar de “não-criança”.

[...] Não somente a infância com suas prerrogativas modernas não está disponível a todas as crianças no Brasil, como o próprio conceito de “criança” também não está. E o maior paradoxo encontra-se na perversa inversão das consequências desta falta. Ou seja, no plano social, não são proporcionadas a todas as famílias condições de criarem “crianças” (no sentido normativo do termo) e, no entanto, estas (famílias e crianças) são penalizadas por não estarem adequadas à norma (SARMENTO; MARCHI, 2008, p.11).

E assim reforçamos as desigualdades, como as percebidas quando falamos em acesso a tecnologia, que gerou o que a SI chama de “Nova Infância” (SARMENTO, 2005), que surge, em especial, com as conexões em rede. Um fato que modificou de muitas formas a infância, alterando seu brincar, falar, vestir, consumir, comportamento com os pares. Essas mudanças não se esgotam, não param de acontecer e é preciso estar atento aos impactos que elas nos causam, dificultando por vezes a nossa relação com as crianças, já que tivemos uma infância diferente e mesmo assim temos aspirações semelhantes às que tiveram conosco. Para lidar com a nova infância é preciso encontrar novas maneiras de se comunicar.

Como percebemos, a infância é resultado de um grande número de sociedades e isso modificou o lugar que ela ocupa no mundo, mas principalmente a forma como agimos com relação às crianças. Com o passar dos séculos cada vez mais a separação adulto-criança foi acontecendo, ao ponto de elas serem afastadas dos espaços de decisão.

É importante dizer que este trabalho não se opõe aos direitos de proteção à criança, reconhecemos a importância de cada um, como a proibição do trabalho infantil, o direito a escola, saúde e toda a legislação brasileira que versa sobre essa proteção, seja no código penal, civil e, em especial, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA (BRASIL, 1990). O único ponto destacado neste estudo é que o direito de proteção não anula o de participação social.

Essa discussão sobre a garantia do direito à participação nos leva ao segundo ponto central da Sociologia da Infância: a criança como ator social (SARMENTO, 2008), dotado de

pensamento crítico e reflexivo. Para isso, a SI entende a criança como um cidadão no presente, não como seres incompletos que estão em fase de transição e devem ser preparados para o futuro. Como se ainda não existissem e estivessem sendo orientados para entrar no mundo de fato, neste caso, o mundo dos adultos. E mais, na Sociologia da Infância a criança não é tratada apenas como um objeto que precisa ser cuidado, mas como um sujeito com autonomia (PINTO, 1997).

A SI questiona a posição em que a criança foi colocada na sociedade moderna, um lugar de invisibilização, de discriminação. Um ser que não pode falar, que não tem capacidades e por isso suas opiniões e ações precisam ser intermediadas por adultos (SARMENTO, 2008). Aqui consideramos importante mencionar as vertentes da SI e para isso usaremos as definições de Sarmento e Marchi (2008), que classificam as correntes em: estrutural, crítica e interpretativa. Elas são escolhidas pelo pesquisador a depender da sua intenção analítica, levando em conta que o principal objetivo é entender a criança a partir do meio em que vive e de suas vozes. Todas essas vertentes trabalham a infância como uma construção histórica e a criança como sujeito dotado de competência cognitiva.

Na estrutural, a infância é vista como categoria geracional e sua proposta é conhecer como acontece a relação da criança com outras gerações e principalmente como isso afeta e como modifica a estrutura social. “São temas privilegiados o estudo (desconstrucionista) das imagens históricas da infância, as políticas públicas, a demografia e a economia, os direitos e a cidadania” (SARMENTO; MARCHI, 2008, p.3). Métodos estatísticos e estudos documentais são frequentemente utilizados nesta corrente. Um dos principais pesquisadores desta vertente é o sociólogo dinamarquês Jans Qvortrup (1991), responsável pela constituição do primeiro grupo de pesquisa no campo da Sociologia da Infância. O autor publicou um conjunto de relatórios sobre a situação das crianças em vários países.

Já a abordagem crítica percebe a infância como um grupo social oprimido, que vive condições de exclusão e a SI deve contribuir para sua emancipação social. Aqui é feito um trabalho investigativo, por vezes através de estudos aplicados. “Os temas privilegiados são a dominação cultural da infância, além da patriarcal e de gênero, os maus-tratos, as políticas públicas, os movimentos sociais” [...] (SARMENTO; MARCHI, 2008, p. 3 e 4). Em outro estudo, Sarmento (2008) vai chamar essa corrente de estudos de intervenção.

A última vertente, a interpretativa, segundo Sarmento e Marchi (2008) está presente na maior parte dos estudos da Sociologia da infância. Esta também reconhece o pertencimento da criança a uma categoria geracional, mas tem ênfase nos processos de elaboração que a criança faz sobre seu mundo. Nesta categoria é forte o conceito de “reprodução interpretativa”, de

William Corsaro (1997). Busca-se conhecer como o infante interpreta e transforma a herança cultural que recebe. Para alcançar suas respostas, essa corrente recorre a estudos qualitativos, como os de caso e etnográficos. “São temas privilegiados a desconstrução do imaginário social sobre a infância, a ação social (agency) das crianças, as interações intra e intergeracionais, as culturas da infância, as crianças no interior das instituições, no espaço urbano, junto aos media [...]” (SARMENTO; MARCHI, 2008, p.3).

Neste campo de pesquisa da SI, é possível encontrar trabalhos que cruzam mais de uma abordagem e dentre as mencionadas nos chama a atenção a teoria da “reprodução interpretativa”. Entendemos que a sociedade enxerga muitas vezes o público infantil como um balão vazio, onde precisamos apenas enchê-los do que consideramos correto e a mágica da reprodução acontecerá. Mas, assim como Corsaro (1997), acreditamos que as crianças fazem elaborações e interpretam aquilo que recebem, a partir de muitos fatores: social, gênero, raça, entre tantos outros. “As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas sociais” (SARMENTO, 2008, p.29).

E esse é um dos principais pontos que devemos pensar: que interpretações nós estamos permitindo a esse grupo. A criança dá sentido a sua vida através de suas experiências, a família, para os que a tem, é a principal instituição nessa construção do eu. Mas existe uma rede que a torna fruto de múltiplos processos.

[...] hoje temos de reconhecer também que as crianças, assim como os adultos, vivem em uma sociedade pluralista. São confrontadas com uma série de valores e perspectivas concorrentes, complementares e divergentes dos pais, da escola, da mídia, da sociedade de consumo e de seu círculo de relações. [...] pais, professores e outros responsáveis pelo cuidado das crianças têm menos poder para controlar e direcionar esses diversos fatores em sua totalidade. Por isso, é importante compreender as crianças nas suas tentativas, individuais e coletivas, de dar coerência e sentido ao mundo em que vivem (PROUT, 2010, p.743 e 744).

As crianças têm reivindicações que não conhecemos e precisamos ouvi-las para saber como se relacionam com o mundo. Essa é a proposta da SI, dar voz a criança, entendendo que essas precisam de protagonismo em todas as áreas, entre elas o jornalismo que está presente na vida diária das pessoas e tem um papel social de extrema importância. É fundamental incluir a criança no discurso jornalístico e descobrir como elas podem reconfigurar as narrativas tradicionais apresentadas. “Há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas” (PINTO, 1997, p.65).

Neste capítulo destacamos as principais contribuições da Sociologia da Infância e suas conexões com o jornalismo infantil. Aqui conseguimos compreender que a criança não é um objeto onde depositamos nossas expectativas, através de valores e normas de comportamento, esperando delas obediência ao que ensinamos. As crianças são criativas e dotadas de capacidade cognitiva e de ação, por isso a SI nos estimula a pensarmos o protagonismo infantil, e aqui pensamos esse protagonismo no jornalismo, sobretudo no Repórter Rá-Teen-Bum.

Não enxergamos a criança como uma mera consumidora de informações, na verdade acreditamos que se tratadas como cidadãs que são podem transformar o mundo na qual estão inseridas, não no futuro como estamos acostumados a dizer, mas no presente, no agora. Não podemos esquecer que o desenvolvimento da criança perpassa por aquilo que lhe é permitido, mas também pelo que é lhe negado. Existem negativas que são fundamentais para este grupo (até mesmo para sua sobrevivência), mas certamente o silenciamento das suas vozes não é um deles. É nesse sentido que buscamos compreender a participação da criança em nosso objeto de estudo.

2. ESTADO DA ARTE

A nossa revisão da literatura científica sobre jornalismo infantil no Brasil nos levou a encontrar 45 trabalhos num mapeamento feito em 20 bases de dados: Biblioteca digital IbiCT; Periódicos Capes; Scielo; Academia EDU; Redalyc; Repositórios da UFPB e Casper Libero; Eric Institute of Education Sciences; Periódicos Eletrônicos em Psicologia; Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados; BVS Psicologia Brasil; Repositório Institucional da Fiocruz; Scholarpedia; refseek; SpringerLink; CERN Document Server; Dialnet; Google Acadêmico; Plataforma Sucupira; e BASE Bielefeld Academic Search Engine.

A varredura aconteceu no dia 24 de maio de 2021. Usamos as seguintes palavras chaves: “Jornalismo Infantil” e “Jornalismo para Criança”. Foram localizados 29 artigos, 7 dissertações e 2 teses. O nosso foco foram artigos científicos, publicados entre 2010 e 2020. A exceção recai sobre os artigos frutos de trabalhos de pós-graduação, como mestrados e doutorados, neste caso optamos por observar o estudo completo. Com esse filtro chegamos a um total de 23 trabalhos acadêmicos. Priorizamos observar apenas pesquisas que analisaram algum material noticioso voltado para crianças e/ou adolescentes ou que tiveram a participação de crianças na metodologia e principalmente que seus achados pudessem de alguma maneira contribuir com esta dissertação. Sendo assim o corpus chegou ao total de 18

publicações. Destacamos a seguir o que discutem esses materiais e os resultados aos quais chegaram.

Todos os artigos encontrados apresentam uma revisão bibliográfica e literária sobre jornalismo e jornalismo infantil. Dos 18 analisados, oito observam materiais impressos, seja jornais ou revistas; cinco estudam programas televisivos; dois trabalham com jornalismo digital; e apenas uma pesquisa analisa programas radiofônicos para as crianças. Além disso, alguns desses trabalhos ouviram crianças utilizando metodologias como grupo focal, entrevistas individuais e questionário.

Dentro dos filtros já mencionados, identificamos os trabalhos da professora Juliana Doretto, que estuda o tema jornalismo infantojuvenil. Sua dissertação de mestrado “Pequeno Leitor de papel - jornalismo infantil na folhinha e no estadinho” (2010) e sua tese de doutorado “Fala conosco!: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil (2015)”.

Na dissertação, Doretto buscou conhecer, por meio da análise de conteúdo, quem é o “leitor de papel” dos cadernos infantis dos jornais impressos Folha de São Paulo e Estadão: Folhinha e Estadinho. A averiguação observou características das crianças que apareciam nos periódicos, como idade, gênero e de onde falavam. Além disso, as temáticas abordadas, o uso de verbos imperativos e de infográficos também foram pontuados.

Cinquenta edições foram estudadas, 25 de cada suplemento, de julho a dezembro de 2009. É importante dizer que a professora analisou apenas a capa das revistas e as reportagens de capa, levando em conta tudo a esses dois pontos relacionados, como as fotografias, por exemplo.

Na Folhinha, Doretto identificou que 127 crianças foram ouvidas nas matérias de capa e a predominância é pela voz da menina, já que 71 garotas foram escutadas, contra 56 garotos. Essas crianças tinham em sua maioria 10 e 11 anos (43%); 8 e 9 anos (28%) e 6 ou 7 anos (12%). Elas falam majoritariamente do estado de São Paulo, com destaque para a capital (9 indicações) e litoral e interior paulista (7 indicações cada um).

Fotos de crianças apareceram em 60% das capas no período analisado, e dessa vez os meninos predominaram, suas imagens estiveram em 9 capas e as das meninas em 5. Ao todo foram 14 meninos sendo a capa do jornal, contra 8 meninas. Os dois apareceram juntos em uma única edição. Quando a professora faz a somatória das crianças que apareceram nas capas e na reportagem interna, a diferença entre meninos e meninas diminui, 32 garotas e 34 garotos.

Na Folhinha, o tema predominante foi comportamento (36%), seguido de

entretenimento e conteúdo paradidático, com 20% cada um. Sobre os verbos no imperativo foram identificados 113. Por meio da tabela apresentada no estudo da professora Juliana percebemos que o primeiro e segundo lugar ficaram com os verbos Confira (5) e Faça (5). De acordo com Doretto, a observação do uso desses verbos foi uma estratégia para perceber se há uma tentativa desses cadernos infantis em ditar comportamentos. A Folhinha também utilizou infográficos em 56% das suas edições.

No tocante ao Estadinho, o jornal ouviu menos crianças, 45 ao todo e diferente da Folhinha a predominância foi pela voz do menino, ainda que a diferença seja pouca, 25 contra 20. A faixa etária mais ouvida foi das crianças com 6 e 7 anos (31%); na sequência estavam as que possuíam entre 10 e 11 anos (29%); e as de 8 e 9 anos (16%). A criança que aparece no Estadinho fala, em sua maioria, da cidade de São Paulo (8 indicações). O litoral e o interior do estado tiveram 5 menções. De acordo com a investigadora, a busca por essa informação é entender se, para a redação dos dois jornais, suas crianças leitoras (imaginadas) estão na capital paulista.

A imagem das crianças na capa também foi menor quando comparado com a Folhinha, aparecendo apenas em 32%. Aqui as meninas apareceram em três oportunidades e os meninos em duas. A partir da observação também das reportagens internas, foram 18 meninas (57%) e 20 meninos (51%) fotografados. Somando capa e matéria principal meninas 51% e meninos 49%.

No que diz respeito aos verbos no imperativo, 181 foram encontrados e os dois primeiros lugares ficaram com Veja (11) e Vá (8). Em relação à presença de infográficos, 40% das edições não fizeram uso desse recurso. Sobre os assuntos predominantes o consumo é o mais presente (40%), seguido de entretenimento (36%).

A análise da professora Juliana Doretto permitiu entender para quem a Folhinha e o Estadinho imaginam falar. Meninos e meninas da cidade de São Paulo, com idade entre 10 e 11 anos (Folhinha) e 6 e 7 anos (Estadinho). Ambas recorrem com frequência a infográficos para alcançar seu leitor imaginado, mas a Folhinha utiliza mais esse recurso. O caderno infantil da Folha de São Paulo também ouve mais as crianças. Inclusive, Doretto pontua que o Estadinho deveria ter aberto mais espaço ao seu público já que “ouvir crianças e contar a história delas a outras é uma forma interessante de chamar a atenção do leitor” (DORETTO, 2010, p. 113).

Sobre o uso dos imperativos, a pesquisadora pontua que é preciso preocupação com a utilização dos termos e que o ideal são textos que façam as crianças pensar nas próprias ações. A professora também defendeu que esses jornais deveriam construir conteúdos que atendam

melhor as faixas etárias a que se destinam. “A sugestão nesse caso é que se criem diferentes cadernos, com equipes, projetos editoriais e publicações autônomas sendo um para os anos iniciais da alfabetização, 6 a 8, e o outro para as de 9 a 11, conforme demonstram os estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget” (DORETTO, 2010, p.113).

A pesquisa de Doretto sobre jornalismo infantojuvenil continuou no seu doutorado e em 2015 ela publicou sua tese. Neste novo trabalho, entre os objetivos da autora estava perceber se as crianças e jovens do Brasil e Portugal, consumidores das Revistas Ciência Hoje das Crianças (Brasil) e Visão Júnior (Portugal) exercem seu direito de participação, estabelecido na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). Segundo a professora, o direito à participação é o espaço garantido e utilizado pela criança para dizer o que pensa sobre o que consome na mídia. Além de produzir seus próprios conteúdos.

Foi a partir disso que Doretto analisou cartas e e-mails para as redações dos seus objetos de estudo, a fim de identificar o gênero e idade do autor do e-mail ou carta; se o autor era um adulto ou criança; a natureza da mensagem (crítica, sugestão, parabéns, correção etc.); e o aproveitamento da sugestão. Em 12 meses, de julho de 2013 a junho de 2014, mais de 500 mensagens foram analisadas.

Após a análise, descobriu-se que a maior parte das correspondências traz sugestões de pauta e/ou agradecimento pela divulgação de algum conteúdo ou até mesmo pelo trabalho da revista como um todo. Sobre as indicações de assuntos a serem abordados pelos magazines, a professora interpreta esse fato como o desejo das crianças e adolescentes intervirem na produção jornalística. Seria elas reivindicando o direito a representação, mencionado por Buckingham (2009). Doretto diz que esse direito garante não só a escuta do público infantojuvenil, mas abre espaço para seus pedidos de melhores formas de representação nos canais de mídia. E isso acontece através da participação.

No caso da Ciência Hoje das Crianças e Visão Júnior, a professora interpretou, a partir do material analisado, que a participação dos leitores acontece de modo a reforçar o que as revistas fazem, pois pedem para ver mais daquilo que já gostam no produto. “Em resumo, as crianças veem os canais abertos pelas publicações como forma de poder interferir na produção jornalística, dizendo às redações para que não se desviem do rumo que tomaram e, ao contrário, reforcem a cobertura em determinadas áreas” (DORETTO, 2015, p.178). De acordo com a pesquisadora, isso aponta para a necessidade de um trabalho de literacia midiática para estimular uma participação mais crítica que reivindique um jornalismo melhor para elas.

Percebeu-se, ainda, que as meninas escrevem mais aos magazines e mantêm uma relação afetiva com esses produtos. Ou seja, os leitores que escrevem as duas revistas são

majoritariamente crianças. Outro ponto é que os públicos dos magazines usam de forma considerável o correio eletrônico para essa comunicação, o que segundo Doretto mostra a importância da inserção digital, já que esta tende a aumentar a interação online com esses veículos.

Na *Ciência Hoje das Crianças* predominam as cartas coletivas, como as assinadas por uma turma de uma escola. Isso mostra, diz a pesquisadora, o uso desse material no ambiente escolar. E neste caso a participação acontece em especial por estímulo dos professores que usam, por vezes, a revista para atividades pedagógicas. Por isso, Doretto chama esse público de um leitor “aluno”. Na “*Visão Júnior*”, a participação, segundo a pesquisadora, é mais autônoma.

Sobre como a revista responde a interação do seu público, Doretto analisou as páginas dedicadas aos leitores da revista e notou que a resposta vem principalmente com uma mensagem de agradecimento. Na sequência aparecem considerações e respostas positivas que indicam que a ideia de pauta sugerida pela criança será concretizada ou analisada. No caso da *CHC*, se destaca também a indicação para o acesso à página online da publicação.

Um ponto interessante é que ao observar as sugestões de pautas do público das duas revistas, Doretto consegue visualizar os assuntos que atraem a atenção dessas pessoas. Citamos: animais, natureza, carreira, curiosidades e esportes. Elas também gostam de conteúdos que contenham humor, porque entendem assim que o jornalismo seria mais interessante e geraria mais prazer.

Ainda em sua tese, Doretto ouviu 51 crianças e adolescentes do Brasil e Portugal, com idade entre nove e 16 anos, em entrevistas individuais semiestruturadas e em grupos de foco, para saber como se relacionam com as notícias em geral e se têm contato com o jornalismo infantojuvenil, se sim, o que pensam dele. As percepções aconteceram a partir de uma interpretação ampla das falas. Entre os achados da professora, ela entendeu, que o interesse desse público pelas notícias é circunstancial, ou seja, quando o assunto é do seu agrado ou lhe chama a atenção. Por vezes, a busca por essas informações acontece digitalmente, quando clica no post que viu sobre o tema ou faz uma busca no Google.

Quando questionados sobre notícias na TV (um ponto que interessa a nossa pesquisa), eles classificaram como “chato, chatice, sempre a mesma coisa, [com] quase nada de notícia boa etc” (DORETTO, 2015, p.200 e 201). Eles percebem os telejornais como um espaço onde o negativo predomina e se repete, por isso não lhes desperta interesse, pelo contrário, não gostam e quem acompanha, o faz por conta do hábito dos pais.

Já sobre o jornalismo infantojuvenil, Doretto notou pouco consumo das crianças e

adolescentes que participaram da sua pesquisa. Alguns mencionaram como ruim o uso de termos no diminutivo, como “Jornalzinho”, pois durante a investigação Doretto notou que a partir dos 12 ou 13 anos, essas pessoas vão se afastando do que consideram infantil, porque já se veem como adolescentes. Por isso, o uso desses termos não as atrai, pelo contrário. A investigadora percebeu, ainda, que por vezes essa segmentação jornalística é vista como “superficial e simplória com temáticas aquém de seus interesses” (DORETTO, 2015, p.224). Vejamos uma fala destacada no trabalho:

— Gostava, mas é que eu era bem pequena também. Mas eu paro para pensar hoje e acho que não informa as crianças sobre o que está acontecendo necessariamente. É tipo peça de teatro, quadrinhos. É a imagem que ficou. Não era um jornal com informação do mundo real para crianças. Era tipo “Você é criança. Vamos discutir o novo show da Palavra Cantada”. (DORETTO, 2015, p.217).

Mas Doretto reforça que mesmo com essas ressalvas ao jornalismo infantojuvenil, esse público não quer uma cópia do jornalismo feito para os adultos, pois este, como já percebemos nesta pesquisa da investigadora, também é alvo de contestação por esse grupo. “As crianças e jovens não querem programas noticiosos paternalistas e enfadonhos. Por outro lado, não buscam entretenimento, mas sim informação, principalmente sobre temas que sejam do seu interesse cotidiano (que não costumam estar presentes no jornalismo para adultos)” (DORETTO, 2015, p.71).

A partir das conversas com as crianças e adolescentes, Doretto entendeu que para elas a notícia é entendida como algo novo e interessante, o que a autora vai chamar de conceito expandido de notícia (DORETTO, 2015, p.198).

Outro ponto importante mencionado por Doretto a partir da escuta que realizou, retoma a discussão que a professora trouxe quando buscou conhecer se a participação da criança ou adolescente que escrevia as revistas *Ciência Hoje das Crianças* e *Visão Júnior* se dava a um estímulo ou se acontecia de forma espontânea. Porque a pesquisadora percebeu nos grupos de foco e nas entrevistas semiestruturadas, a influência dos adultos que convivem com a criança na relação construída com o jornalismo, como o infantojuvenil. Aqui ela cita a família e a escola. E mais que isso, percebeu-se que aqueles que tiveram contato com o jornalismo infantojuvenil na infância cultivaram uma curiosidade pelo jornalismo quando saíram dessa fase.

A partir das cartas e e-mails das crianças e adolescentes enviadas às revistas *Ciências*

Hoje das Crianças e Visão Júnior e das entrevistas semiestruturadas e grupos de foco, a professora pontua atividades que o jornalismo infantojuvenil pode fazer para criar uma melhor relação com seu público. Listamos algumas a seguir (DORETTO, 2015, p. 224 e 225):

- Ofertar uma maior variedade temática com informações mais aprofundadas;
- Oferecer informações nas mais variadas plataformas, (Ex: televisão e internet), a fim de atender diferentes públicos e expectativas;
- Utilizar as possibilidades abertas pela internet, com destaque para perfis em redes sociais e aplicativos de celulares;
- Sempre que possível construir notícias bem-humoradas, ou seja, unir informação e entretenimento;

Ainda dentro das pesquisas que observaram materiais impressos, foi encontrado o Trabalho de Conclusão de Curso de Gabriela Vanni Arroyo, de 2017, que faz uma análise da Folhinha e do JC Criança, ambos do estado de São Paulo. A autora apresenta, por meio da análise de conteúdo, as características desses jornais e suas estratégias para alcançar seus públicos, a intenção era descobrir se eles colaboraram com o desenvolvimento infantil. O período de análise foram os meses de março e abril de 2016, sendo cinco edições de cada suplemento, totalizando um corpus de 10.

Arroyo observou que nas capas da Folhinha, textos e imagens têm importância equilibrada, embora as imagens ocupem lugar de destaque, já nas capas da JC Criança, as imagens predominam. Ambos os jornais apresentam jornalismo, entretenimento e publicidade, sendo que na Folhinha há predomínio do jornalismo. Dentro desse campo, a pesquisadora leva em conta José Marques de Melo (2010) e diz que o caderno infantil da Folha de São Paulo trabalha principalmente com o jornalismo informativo.

No JC Criança o que mais aparece é o entretenimento, mas quando se fala em jornalismo, o informativo é o único presente, pois segundo a autora não foi encontrado jornalismo opinativo nas edições analisadas. Os dois suplementos têm como foco maior pautas culturais e comportamentais. Sobre as fontes, a Folhinha valoriza a voz da criança, de acordo com Arroyo, e o JC a de adultos especialistas.

No caderno infantil da Folha, os textos são em sua maioria para as próprias crianças lerem, mas existem textos direcionados aos pais como caminho para se chegar ao público infantil. Já o JC, também fala principalmente com a criança, mas aposta, em alguns conteúdos, na escola para alcançar esse objetivo. A partir dessas observações, Arroyo entende

que esses dois jornais são elementos culturais capazes de auxiliar no desenvolvimento infantil, em especial no desenvolvimento motor e cognitivo. A autora também fala que eles auxiliam na formação social dessas pessoas que estão no começo da vida.

A partir da nossa varredura, encontramos outro trabalho que analisou o caderno infantil do jornal Folha de São Paulo, a dissertação de Ana Luiza Menezes Baldin, de 2014. O objetivo da autora foi conhecer que leitor era representado pela Folhinha, a partir da escrita utilizada. A análise aconteceu levando em conta apenas exemplares que apresentassem uma relação direta ou indireta com o tema “Dia das Crianças”, comemorado em 12 de outubro. O período foi de 1963, ano de lançamento do periódico, até 2014. Embora este estudo esteja muito mais ligado a área da linguística que do jornalismo, ele traz interpretações interessantes sobre esse jornal infantil.

Baldin (2014) pontua que em seu início, em especial no período de ditadura militar, já que a Folhinha começou a circular um ano antes do golpe de 1964, a representação no caderno dava conta da criança como símbolo do futuro da nação, o que a autora chama de um leitor patriótico. Inclusive, inicia com mais textos e depois as imagens se tornam ponto central, permitindo uma leitura mais dinâmica. Nesse momento eram difundidos valores tradicionais burgueses e isso acontece por causa da censura ao qual o jornalismo estava sujeito “as crianças [...], portanto precisavam ser moldadas para amar, conhecer e servir ao país” (BALDIN, 2014, p.85).

A autora também percebe nesse período a partir da sua análise a presença de dicas de comportamento apresentadas num tom pedagógico, em especial, para as meninas que recebiam instruções de como cuidar da aparência e da casa, por exemplo. Isso acontecia, em especial, através da personagem Augustinha, que, embora, e às vezes no mesmo texto, tentasse passar a sensação de não hierarquização, sua posição era a de um sujeito adulto que ensina. No fim da década de 60, essas instruções para o público feminino foram diminuindo porque Baldin fala sobre o novo contexto social que estava se formando.

De acordo com a pesquisadora, a Folhinha oferecia aos seus leitores nos primeiros anos de publicação temas diversos nas edições do dia 12 de outubro e nem todos diziam respeito à criança. Foram localizados conteúdos, por exemplo, sobre dia do professor, dia dos animais e descobrimento da América.

Já no fim dos anos 70, a representação da criança começa a mudar e ela se torna o centro das publicações. São destaques atividades escolares e culturais e a participação delas passa a ser mais estimulada, através de cartas, envio de desenhos, entre outras formas.

Após esse momento, começa a aparecer, ainda que de forma tímida, as variadas

infâncias, pelo menos são feitas referências à existência delas. Segundo Baldin, isso surge no início de abertura do país e com tom de denúncia a atuação militar, o que antes não acontecia, já que o projeto defendido pelos militares buscava evidenciar a criança que tinha acesso a tudo, uma forma de maquiar a realidade do país. Mas a Folhinha continuou falando majoritariamente com a classe média, seu público leitor.

A partir da década de 90, a criança passa a ser vista como consumidora e tem início grande estímulo para a compra de brinquedos e outros bens no dia 12 de outubro, que se tornou uma data comercial. O objetivo passa a ser estimular o consumo a partir de uma criação de demandas. Logo em seguida, é forte também a presença de indicações de livros, espetáculos e shows.

Algumas estratégias da revista atravessaram os momentos históricos do país, como o uso de quadrinhos (inclusive, isso tem a ver com um de seus criadores, Maurício de Souza), ficção, contos, ilustrações, uso de personagens. O objetivo é fazer algo frequente no jornalismo infantil brasileiro, informar com entretenimento. Mas este é um campo difícil de administrar, porque segundo Baldin, a Folhinha enxergava seu público como um leitor maduro, que saberia, por exemplo, identificar os tipos de gênero e separar o que é realidade ou não. Outra forma de alcançar o leitor e mantida durante os anos de circulação foi o uso de palavras no diminutivo. De acordo com a pesquisadora, essa é uma tentativa que tem como objetivo gerar o sentimento de afetividade e aproximação, mas que confirma a condição de desigualdade entre a criança e o adulto.

Ainda segundo Baldin, a Folhinha em muitos momentos não conversava diretamente com seu público e às vezes que o fez foi pelo uso do imperativo, com ordem, pedidos ou instruções. Esse ponto também foi abordado por Doretto (2010), já mencionado neste estado da arte. Além disso, o caderno usava com frequência a interpelação direta ao leitor, com perguntas e utilização do pronome você, numa tentativa de simular um diálogo.

A análise da autora, nos chama a atenção porque podemos perceber que algumas estratégias adotadas pela Folhinha foram também percebidas em nosso objeto de estudo. Do mesmo modo foi importante observar como o caderno foi moldado de acordo com o momento histórico vivido, levando em consideração que as crianças mudaram, o que reafirma o que foi discutido em nosso primeiro capítulo, quando abordamos que a infância é uma construção sociocultural e que passou e passa por mudanças a todo instante.

Como pontuado no início deste capítulo, a maior parte dos trabalhos localizados tratam sobre veículos impressos, entre eles está o de Patrícia Tavares Raffaini, de 2016, com o título *A Voz da Infância: um jornal escrito para as crianças pelas crianças, 1936-1948*. Raffaini fala

sobre a experiência de um jornal infantil do passado e é interessante perceber como as crianças responsáveis por produzir esse noticiário se envolviam com a atividade demonstrando o quanto podem contribuir com o jornalismo se houver espaço para elas nesse lugar.

O jornal *A Voz da Infância* era produzido pelas crianças frequentadoras da Biblioteca Infantil da cidade de São Paulo e de acordo com a autora as crianças eram responsáveis por todas as etapas de produção: escolha dos conteúdos, textos, ilustrações, impressão, distribuição e venda. Em suas edições era possível encontrar desenhos, palavras cruzadas, histórias em quadrinhos, notícias do cotidiano, mas a ênfase do jornal era a leitura (RAFFAINI, 2016).

O informativo trazia entrevistas com escritores do universo infantojuvenil, como Monteiro Lobato, e resenhas de livros infantis. Raffaini (2016) traz, ainda, uma importante observação quando fala que o jornal revela as preocupações das crianças daquela época. Após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, é possível, de acordo com a autora, encontrar comentários das crianças sobre a falta de artigos básicos como carne e a baixa qualidade desses produtos, além dos elevados preços dos mesmos. Isso nos faz pensar o quanto as crianças e adolescentes estão atentos ao que acontece à sua volta e o quanto refletem sobre isso. “As resenhas analisadas nos revelam crianças e jovens com opiniões muito bem definidas, em geral afinadas com o que a imprensa adulta veiculava, mas que não deixam de apresentar pontos de vista originais e perspicazes” (RAFFAINI, 2016, p. 107).

O estudo *A voz de crianças e adolescentes na imprensa - Uma análise sobre a inclusão de meninas e meninos como fontes noticiosas nos diários Gazeta do Povo e Folha de Londrina*, de Ana Paula Braga Salamon (2013), observa algo importante. Ele busca identificar se o *Gazeta do Povo* e o *Folha de Londrina*, jornais do Paraná, usam o público infantil como fonte em matérias que tratam de questões relacionadas à infância e à adolescência. Durante os 14 dias de análise, Salamon (2013) chegou a um corpus de 69 notícias e nelas encontrou 226 fontes. Desse total, 15 textos (22%) trouxeram entrevistas com crianças e adolescentes, 19 meninas e meninos. A maior parte como atleta (31,8%), estudante (21,05%) e usuários de projetos sociais (21,05%). (SALAMON, 2013, p. 8 e 9).

Com seus achados, Salamon (2013) traz uma discussão recorrente para aqueles que estudam a relação do público infantojuvenil com o jornalismo. O primeiro é o quanto é marcante a pouca participação desse grupo como fonte, mesmo em temas que lhe dizem respeito diretamente. E quando analisamos assuntos que a imprensa e a sociedade consideram de não interesse infantil, como política e economia, a situação fica ainda pior. A autora vai

nos dizer que os meninos e meninas não são vistos como sujeitos políticos e participativos, o que resulta na falta de suas opiniões e colocações sobre esses tópicos. Mesmo nas matérias em que percebeu a presença do público infantojuvenil, a autora nos aponta a falta de profundidade dessas vozes, não por culpa dos mesmos, mas porque as falas foram colhidas para caber numa proposta de reportagem pré-concebida, com relatos sucintos. (SALAMON, 2013, p. 11).

Nessa linha de investigação sobre o tratamento da criança pelo jornalismo, a professora Lídia Marôpo traz um importante estudo Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo, 2015. Nele a autora busca saber se os jornalistas consideram as crianças como fontes de informação. O estudo começa na verdade com uma crítica a mídia como um todo, que escolhe sempre as mesmas fontes. Marôpo lembra que não apenas as crianças, mas que as vozes de muitos outros grupos são silenciadas, porque há sempre uma preferência por perspectivas adultas e institucionais. “Grande parte da população não participa de forma ativa nas narrativas noticiosas sobre o que acontece no mundo, incluindo os temas e acontecimentos que lhes dizem diretamente respeito” (MARÔPO, 2015, p. 6).

Mas o ponto forte do estudo está no resultado das entrevistas realizadas com jornalistas para saber se no dia-a-dia ouvem crianças em suas pautas. Marôpo (2015) conversou com 21 profissionais, portugueses e brasileiros, que cobrem temas relacionados à infância ou produzem conteúdos noticiosos destinados a essa audiência. Como resultados, a autora descobriu que esses trabalhadores:

Não se sentem preparados para entrevistar crianças e têm dúvidas sobre as circunstâncias em que podem e devem ouvi-las. Sentem-se ao mesmo tempo criticados por exibir as imagens e identidades das crianças e por não lhes dar voz. Afirmam também que as crianças são desvalorizadas como fontes porque não ocupam posições representativas na sociedade. Os jornalistas reclamam que as instituições – escolas, ONGs, centros de acolhimento, entre outros – dificultam o acesso às crianças e não incluem os pontos de vista destas nos seus relatórios (MARÔPO, 2015, p.13).

Os entrevistados pontuaram, ainda, como dificuldade para ouvir crianças, as rotinas produtivas do jornalismo e as prioridades comerciais das empresas de comunicação. Marôpo usa essas respostas para trazer ideias de como os jornalistas podem incluir o público infantil no discurso noticioso. A autora traz o exemplo da revista Visão Júnior, que faz parcerias com escolas de Portugal, geralmente no início do ano, e pede autorização aos pais de alunos para realizar entrevistas ao longo dos meses sobre temas variados. Então quando esse magazine

precisa de uma fonte, ela já sabe onde procurar. Outras sugestões trazidas por Marôpo são a organização de concursos para crianças, onde o prêmio seria escrever ou produzir conteúdos em vídeo para as páginas da internet do veículo de comunicação. (MARÔPO, 2015, p.13, 14, 15).

Também a criação de um conselho juvenil de leitores, escolhidos através de concurso “eles seriam consultores de temas infanto-juvenis e poderiam dar feedbacks sobre as notícias publicadas durante reuniões de pautas” (MARÔPO, 2015, p.14).

É importante dizer que essa discussão da professora Lídia Marôpo já vinha sendo posta em trabalhos anteriores da mesma, como no artigo *Jornalismo e direitos infantis: a voz de crianças e jovens na produção, recepção e monitorização do discurso noticioso*, de 2011. Aqui, a autora faz um estado da arte de estudos que conversaram com crianças sobre jornalismo. As pesquisas que Marôpo (2015) encontrou, no Brasil e em Portugal, ajudaram a saber se as crianças consomem notícias, de que forma, temáticas prediletas, se falam sobre os materiais que têm contato e que tipo de implicações esses conteúdos têm sobre suas vidas. Neste trabalho, a pesquisadora reforça como a participação infantil no jornalismo pode contribuir para o desenvolvimento das crianças, já que é uma forma de estimulá-los a pensar por conta própria e a expressar opiniões, sem a intervenção de adultos.

Em 2017, Tamires Vichi de Andrade e Elizeu do Nascimento Silva publicam um artigo sobre o desaparecimento de periódicos informativos para crianças no Brasil, *Jornalismo Infantil: a extinção de um segmento*.

Os pesquisadores fazem uma análise de conteúdo usando 105 edições da *Folhinha*, desde o seu surgimento na década de 60. A averiguação consiste, em resumo, em descrever como era a diagramação; tipo de textos utilizados (quadrinhos, matérias, artigos, entre outros); seções, linguagem, que, inclusive, muda ao longo dos anos; critérios de noticiabilidade; e interação do público infantil (concursos de redação, publicações e desenho, espaço para o leitor com comentários, críticas e sugestões). Andrade e Silva (2017) dizem que a *Folhinha* sempre trabalhou em duas frentes: o informativo/didático e o recreativo (p.8). O estudo é na verdade uma lamentação pelo fim da versão impressa da *Folhinha*, que aconteceu em abril de 2016 (mas retornou em 2022, com uma página aos sábados), ao que eles creditam a perda da hegemonia do impresso devido ao advento da internet e o desinteresse de crianças e jovens por notícias (p.12).

É difícil dizer se o fim de algumas publicações impressas de fato representa a extinção do jornalismo infantil. Talvez estejamos apenas falando de uma mudança característica em toda a sociedade, já que muitos jornais impressos foram encerrados e hoje funcionam apenas

em versões online. Mas entendemos o ponto de vista dos autores, que tentam chamar a atenção para um segmento com muitas lacunas, já que são pontuais as experiências de jornalismo infantil no Brasil.

Um campo vago com poucas opções para quem o deseja consumir. Inclusive, os pesquisadores falam sobre a importância de incentivar a busca pela informação desde a infância, ressaltando que isso seria bom não apenas para esse público, mas para o próprio jornalismo. “Pensar no Jornalismo infantil é pensar nas crianças, que são potenciais agentes de transformação social, é pensar no futuro do jornalismo e ainda mais, é projetar uma sociedade mais consciente e sensata” (ANDRADE; SILVA, 2017, p.14).

Como visto, a maior parte dos artigos encontrados que tratam sobre material impresso falam de jornais, mas destacamos o trabalho da professora Thaís Helena Furtado que publicou em 2013 a tese de doutorado O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio*. O objetivo foi investigar se a *Recreio* (revista que não circula mais) fazia jornalismo e sua conclusão é que sim: jornalismo revistativo, um jornalismo segmentado com características próprias. Ela confirma que a revista oferecia muito entretenimento ao seu público, inclusive, era famosa por vir acompanhada de um brinquedo. Mas ela também cita que o periódico continha textos curtos, ilustrações, comentários, opiniões e interpretações de temas de interesse das crianças.

Outro ponto que Furtado cita é a periodicidade, característica do jornalismo. A autora também percebe que havia conteúdos embasados em pesquisas jornalísticas e em entrevistas com fontes especializadas. Observando os critérios de noticiabilidade de Traquina (2005), ela nota, ainda, que a *Recreio* usava com frequência os critérios de atualidade e novidade, que são centrais para os jornalistas. Exemplo: lançamentos de filmes, de programas de televisão ou de games, entre outros (FURTADO, 2015, p.26). “Há também informações sobre eventos – como as Olimpíadas – ou sobre questões ambientais ou geográficas. Sendo assim, é possível defender que a revista *Recreio* faz, como várias outras revistas segmentadas, um tipo específico de jornalismo” (FURTADO, 2015, p.26).

Existem alguns tipos de jornalismo que pouco são encontrados quando falamos em estudos acadêmicos sobre notícias e crianças, como jornalismo televisivo. Neste estado da arte, localizamos o artigo de Anelise Schütz Dias e Gabriela Borges, de 2012, com o título *Jornalismo para crianças: um serviço público da televisão portuguesa*. Nesta pesquisa é analisado o programa *Diário XS*, da TV portuguesa RTP2. O telejornal é destinado a crianças de 8 a 12 anos, com duração de cinco minutos, veiculado diariamente às 17h40 e às 19h45. As autoras dizem que esse horário, é próximo ao horário nobre da televisão portuguesa, ou seja,

período de maior audiência (p.404).

O programa apresenta notícias de Portugal e do mundo com uma linguagem extra-simples, assim define a própria emissora. Ele é feito apenas com notas cobertas e com poucas e curtas entrevistas. São tratados temas como: política, economia, cultura, meio ambiente, esporte, lazer, meteorologia e educação. Segundo as pesquisadoras quando é utilizado termos mais complexos, esses são explicados. São conteúdos bastante resumidos e o programa busca despertar a curiosidade sobre os assuntos divulgados, para que aqueles que se interessem possam ir atrás de outras fontes para aprofundar o conhecimento. Os episódios também ficam disponíveis no site da RTP2 e no Facebook. Através da rede social o público pode interagir com comentários e outras reações. (DIAS; BORGES, 2012).

O trabalho de Dias e Borges pontua que as crianças se interessam por notícias e que existe um público infantil para o jornal, mas que precisam de informações feitas para ele. As pesquisadoras abordam o quanto é difícil produzir um programa noticioso para o infante, principalmente quando esse grupo não é ouvido para colaborar com a construção do material, ficando essa tarefa apenas nas mãos de adultos, que por mais que se esforcem não conseguem traduzir o mundo infantil (DIAS; BORGES, 2012, p. 402). É extremamente interessante ver iniciativas como a do Diário XS para entender a importância da disponibilização de conteúdos informativos para crianças na TV aberta, algo que não existe no Brasil, nem mesmo nas TVs públicas.

Uma investigação mais recente envolvendo televisão é da Patrícia Silveira, em 2019, com o artigo Notícias televisivas e públicos infantis: o porquê da aposta em jornalismo segmentado para as crianças. Neste estudo Silveira analisou 685 questionários respondidos por crianças com idade entre 8 e 12 anos e realizou grupos de foco com 43 crianças de 9 a 11 anos. A pesquisa foi feita em Portugal. O principal objetivo foi compreender de que maneira as crianças tinham acesso a notícias e como se apropriam e interagem com elas (p.53). Seus achados nos trazem reflexões importantes. Com base na análise dos questionários, a autora descobre que mais da metade das crianças entrevistadas acompanham notícias todos ou quase todos os dias (58,9%). Esse consumo acontece principalmente pela televisão e jornais impressos.

Entre aqueles que mencionaram a televisão (58,9%), o telejornal foi apontado como favorito por apenas 18,9%. O que dá a entender que as crianças não gostam de ver notícias, mas a pesquisadora traz um dado mostrando que 86,9% dos respondentes que afirmaram acompanhar, gostam desse tipo de conteúdo. A maior parte dessas crianças não acompanha notícias sozinhas, geralmente estão na companhia do pai e da mãe e é com eles que

conversam sobre o que veem ou leem. (SILVEIRA, 2019, p. 55, 56, 57, 58).

O grupo focal traz percepções ainda mais interessantes, como a preferência temática desse público, quando falamos em notícias: esporte, música, acontecimentos da História, cinema, educação, animais, ciência e meio ambiente (p.59). Os participantes disseram, ainda, não gostar do excesso de notícias sobre violência e política, pois os acham pessimistas e perturbadores (SILVEIRA, 2019, p.59). Economia também desperta pouco interesse desse grupo.

Nas respostas dos participantes, a economia aparece majoritariamente associada à crise e às (más) decisões políticas. As crianças estão informadas do que se passa, demonstrando esse conhecimento através das suas respostas, porém, observa-se também uma descrença e um desagrado para com os políticos e as suas ações, resultando num distanciamento e na pouca vontade em seguirem esses temas [...]. Além disso, de acordo com a generalidade dos participantes, estes temas são “mais para os adultos” e os jornalistas não têm a preocupação de adequá-los às crianças e aos seus interesses (SILVEIRA, 2019, p.60 e 62).

Silveira traz, ainda, algumas falas das crianças que integram o grupo focal e relata uma queixa dos mesmos com relação a não serem percebidos como audiência do jornalismo. Vejamos uma destas falas:

- Eles pensam que as crianças raramente veem as notícias. Se eles pensassem nas crianças, não punham certas palavras (SILVEIRA, 2019, p.62).

Os achados da autora trazem constatações e discussões importantes, como a informação de que as crianças consomem sim notícias. Com base no que a pesquisadora traz de que esse público vê telejornais acompanhados dos pais, outro dado interessante dela é que mais da metade (71,9%) preferia estar vendo outra coisa (p.56). Por que isso acontece? Elas mesmas nos oferecem as respostas, quando falam que as notícias são feitas para adultos. “Os públicos infantis desejam ter espaços de informação mais adequados e que lhes expliquem os assuntos que acontecem no mundo de uma forma que os cativa e que possam compreender” (SILVEIRA, 2019, p.65).

A Laíssa Sardiglia publicou em 2015 seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o programa jornalístico infantil TV Piá, do canal TV Brasil. O produto, que não está mais no ar, era direcionado para crianças entre 6 e 12 anos de idade. O objetivo do estudo foi discutir a qualidade do conteúdo e para isso a autora avaliou a participação, a informação e a linguagem do programa. A pesquisadora observou esses pontos, por meio de um estudo de caso, de 28 episódios do quadro Piá Repórter.

Sobre a participação, Sardiglia entendeu que esse é um ponto forte do programa, já que as crianças aparecem tanto como entrevistadas como participam do processo de produção, embora esse último não seja uma prática em todas as matérias. A autora vai nos dizer que esse público participou na maioria das vezes, trazendo opiniões ou descrições sobre algo. Ela fala que o lugar da informação sobre o assunto tratado fica com os adultos entrevistados. Outro ponto questionado pela pesquisadora é que por vezes a criança aparece com um microfone em mãos, mas é possível perceber que as perguntas que fazem ou respondem foram feitas pela produção do programa, que é composta por adultos. E ainda de acordo com a autora, as crianças participavam, por vezes, com falas superficiais até mesmo descrevendo o que estava sendo mostrado no vídeo.

Sardiglia também entendeu uma centralização da TV Piá na criança da região sudeste, com destaque para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de uma representação mais frequente de crianças de classe média branca. Aqui a autora pontua sobre os problemas que isso pode trazer, como a falta de interesse de crianças que não se sentem representadas pelo programa.

A respeito da informação, o principal questionamento da pesquisadora é sobre a falta de profundidade dos temas tratados no quadro Piá Repórter. Ela fala sobre a falta de contextualização e diz que o ideal é que mesmo que o programa não siga os moldes tradicionais do jornalismo, é importante que um conteúdo possa responder as perguntas básicas de uma reportagem, como Onde, Quê e Quando. Em algumas matérias, segundo a autora, não foi possível visualizar essas informações e os acontecimentos mostrados ficaram perdidos no tempo e espaço, “a maioria das informações no quadro não incluíam aprofundamentos que pudessem esclarecer mais sobre o tema mostrado e o que se relacionasse com ele” (SARDIGLIA, 2015, p.67).

No tocante aos assuntos que o quadro escolhia ofertar ao seu público, foram percebidas abordagens sobre ciências, meio ambiente, além de temáticas culturais, como dança, música e exposições. Sardiglia diz que seria importante uma variedade maior de temáticas e principalmente uma diversidade que alcance variadas infâncias. Já que, por exemplo, uma criança do Nordeste não tem acesso a uma exposição em São Paulo. A pesquisadora também destacou a falta de problemáticas no programa, como questões sobre pobreza, preconceito e violência, “divulga-se, como na maioria do jornalismo infantil, um mundo bonito a ser conhecido” (SARDIGLIA, 2015, p.66). Sobre a linguagem, o trabalho traz que era usada ludicidade e didatismo para torná-la mais compreensível a seu público. Porém, não era utilizada uma linguagem infantilizada.

O estudo de Sardiglia aponta os pontos fortes e fracos do programa, mas reconhece a importância dele dentro desse cenário de escassez de produções jornalísticas para crianças na televisão.

Ainda dentre os poucos trabalhos encontrados sobre jornalismo para crianças na televisão, está a monografia de Camila Brandão Wunderlich, de 2016. A pesquisadora realizou um mapeamento das produções audiovisuais dedicadas ao público infantil disponíveis na TVs abertas e fechadas do Brasil. Seu objetivo foi identificar quais destes produtos oferecem conteúdos informativos a essa audiência.

De acordo com a autora, 20 canais e 783 programas foram observados de 30 de novembro a 6 de dezembro de 2015 e apenas seis produtos foram classificados pela pesquisadora como programas informativos infantis. São eles: X-Tudo e Blog do Geninho, da TV Rá Tim Bum; O Teco Teco e Pandorga, da TV Brasil; Mundo da Leitura, do Canal Futura; e Pequenos Campeões, do SBT. Wunderlich diz que para essa classificação levou em conta características como multiplicidade de fontes e se a transmissão das notícias acontecia diretamente do local dos acontecimentos; entre outras.

A autora apresenta cada programa identificado em sua pesquisa. O “X-Tudo” conta com o quadro Reportagem, que apresenta pautas frias sobre variados assuntos, como ciência e tecnologia. Alguns episódios do programa trazem, ainda, matérias jornalísticas. No “Blog do Geninho”, a informação aparece sobre o que foi postado no blog, o personagem Geninho aborda um tema específico, que conta com entrevista, contextualização da história, entre outras características jornalísticas. Novamente são pautas frias, como curiosidades sobre a Copa do Mundo. Ambos os programas são do canal fechado TV Rá Tim Bum.

Na TV Brasil, o “O Teco Teco”, tem dois quadros que Wunderlich classificou como informativo, “Olha o Cara!”, que numa espécie de documentário ouve crianças de vários lugares do Brasil que falam sobre suas culturas. O outro é o quadro “Um minuto, um lugar”, quando o personagem Betinho visita diversos lugares do país e os apresenta ao público, como o Museu da Língua Portuguesa e o metrô de São Paulo.

Já no programa “Mundo da Leitura”, do canal Futura existe o quadro “Fique esperto” que adota um formato de reportagem. A apresentadora do produto vai a lugares junto com o boneco Galileu fazer matérias jornalísticas sobre diversos temas, a exemplo de inclusão digital. Esses programas e quadros não são propriamente jornalísticos, às vezes misturam ficção com realidade, através da presença de personagens e animação, mas segundo a pesquisadora buscam levar informação de maneira didática e atrativa para o público infantil.

Além desses, aqueles que mais se destacaram na pesquisa são os programas Pandorga,

da TV Brasil e Pequenos Campeões, do SBT. O Pandorga conta com o quadro Jornal Legal, quando simula um jornal tradicional com a presença de um casal de apresentadores numa bancada. Eles abordam um assunto específico, pautas frias, como música, clima, esporte e outros. Os apresentadores se vestem a caráter da temática e introduzem o assunto, depois passam a fala para um professor que aprofunda a história. “Os dois apresentadores também complementam as informações com mais conteúdos pedagógicos e curiosidades” (WUNDERLICH, 2016, p.37). Em alguns episódios, o professor é substituído pelo profissional da área abordada ou criança entrevistada pela personagem Tinta (fantoche), que age como uma repórter. “o boneco usa um microfone, interage com a câmera, vai até o local da reportagem, utiliza imagens de apoio e locução em off” (WUNDERLICH, 2016, p.37).

O programa “Pequenos Campeões” é sem dúvida o que mais se enquadra no campo do jornalismo. Os episódios eram exibidos aos domingos e consistia em contar a história de crianças que por meio da prática esportiva conseguiram superar dificuldades, como timidez, bullying e hiperatividade. O produto apresentava entrevistas com as crianças, pais e profissionais das áreas de Psicologia e Educação Física, que eram filmados em ambientes que ajudavam na contextualização do assunto.

O Jornal Legal do Pandorga recorria a uma linguagem ficcional, já o Pequenos Campeões não, esse usava animações gráficas apenas para tornar a imagem mais atrativa ao público infantil. O Pandorga embora seja totalmente direcionado a criança, a ouve pouco no Jornal Legal, dá preferência a vozes de especialistas, ou seja, adultos. Já o programa do SBT não tem o infante como sua única audiência, mas a criança está sempre presente em sua narrativa, já que o objetivo é contar a história de meninos e meninas que praticam algum esporte.

Mas Wunderlich faz uma crítica que levanta questões importantes sobre programas infantis, que por vezes tratam a criança como um ser que precisa ser moldado e não prioriza o estímulo do pensamento crítico, “determinados quadros podem ser considerados como ferramentas moralizantes dos adultos, apresentando modelos de comportamento que as crianças devem seguir. Elas também acabam reproduzindo e influenciando a formação de padrões de saúde, gosto e comportamento pelo público infantil” (WUNDERLICH, 2016, p.61). Mesmo com esse importante apontamento, a autora acredita que esses programas podem contribuir para a formação das crianças, as ajudando a entender a realidade social e cultural de onde vivem.

Existe um trabalho que nos chamou a atenção mesmo não ouvindo crianças ou analisando algum produto jornalístico para elas voltado. Trata-se da dissertação de Heron

Ledon Pereira, “Jornalismo Rá-Tim-Bum: uma proposta de vínculos entre imprensa, escola e criança”, de 2018. A pesquisa buscou analisar o programa Castelo Rá-Tim-Bum, a fim de identificar nele elementos que possuíam relação com o jornalismo. A ideia foi apontar estratégias que podem ser utilizadas pelo jornalismo infantil.

Ele cita personagens e quadros que remetem a práticas jornalísticas, como a Penélope, repórter de jornal e TV. O autor vai nos dizer que o programa estimulou seu público, durante os anos de exibição, a questionar diversos assuntos através do personagem Zequinha, que não ficava satisfeito com respostas prontas e sempre desejava mais informações sobre o tema abordado; também induziu sua audiência a buscar informações em fontes confiáveis, como faziam as crianças do Castelo quando iam ao Gato Pintado, responsável pela biblioteca; além de ensiná-los a duvidar daquilo que ouviam quando a fonte não é confiável, como acontecia quando recebiam uma informação da cobra Celeste, que tinha fama de fofoqueira.

O pesquisador também fala sobre a variedade temática do seu objeto de estudo, abordando assuntos como: natureza, política, cinema, saúde, entre diversos outros. Essa observação nos faz lembrar de trabalhos já mencionados aqui neste estado da arte, mostrando que é possível falar de tudo com crianças, pois não é sobre o que se fala, mas como se fala.

Ao fazer essa análise, Pereira nos aponta ideias a serem aproveitadas pelo jornalismo infantil, como o espaço designado à criança. No Castelo Rá-Tim-Bum elas ocupavam lugar de destaque dando sentido à história contada. Outra sugestão está no estímulo à curiosidade da criança para que essa possa receber informação de maneira divertida. Segundo o pesquisador, isso pode acontecer por meio de jogos, adivinhações, brincadeiras, músicas e contação de histórias, como o Castelo Rá-Tim-Bum fazia (não quer dizer que uma matéria tenha que ter todos esses pontos).

Sendo importante recordar que o programa não oferecia informações factuais, mas de acordo com o autor, o jornalismo infantil poderia usar essas ferramentas para pautas quentes. Pereira reconhece que a utilização desses instrumentos leva ao conceito de infotainment, que une informação com entretenimento. O pesquisador também acredita que a escola é um ambiente propício para criar um vínculo entre jornalismo e criança, através de experiências educacionais.

A análise do Castelo mostrou como a série pode contribuir para se pensar um projeto de jornalismo voltado para crianças e feito por e com elas. São inúmeros os exemplos criados pelos próprios personagens, que revelam a profunda vontade da meninada de produzir algo comunicativo ou participar de um trabalho do gênero com profissionais. Acreditamos que justamente falta aos veículos de comunicação aproveitar esse encantamento dos pequenos (PEREIRA, 2018, p. 115 e 116).

Levamos em consideração este trabalho por considerarmos interessante algumas ideias sugeridas, acreditando que de fato a aplicação delas poderia ser bem-vinda no jornalismo feito para crianças. Mas não visualizamos que elas sejam aplicáveis a toda a faixa etária que corresponde a infância. Acreditamos que provocariam melhor recepção nas crianças que estão nos anos iniciais da alfabetização, com idade entre 6 e 8 anos.

Se é difícil encontrar estudos sobre produção de conteúdos informativos para crianças na televisão, no rádio é ainda mais. Localizamos um único trabalho que teve como material de análise programas radiofônicos informativos voltados para o público infantil: Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil, 2020. O artigo é de Michele Letícia Custódio e de Suely Maciel. As autoras fazem um estudo de caso do Mambembeiro, transmitido pela Rádio Nacional da Amazônia e do Unespinha, pela Rádio Unesp. Foram analisados cinco episódios de cada, entre os anos de 2017 e 2019. As produções seguem a linha de emissoras públicas, com cunho educativo-cultural e informativo e são denominadas pelas pesquisadoras como revistas radiofônicas.

Maciel e Custódio nos explicam que são projetos que pertencem ao gênero especial, pois reúnem jornalismo, ficção, música e outros (p.345). No que diz respeito ao jornalismo foram encontrados formatos como notas, reportagens e entrevistas. Os dois programas, que têm duração de 60 minutos, apresentam em suas edições um tema em destaque abordado de maneira didática. De acordo com o estudo, foi possível encontrar assuntos como literatura, política, ciência e educação, etc. O Unespinha é voltado para uma programação musical, mas com um tema em destaque desenvolvido no formato de nota, comentários e dicas entre os blocos de música. (CUSTÓDIO; MACIEL, 2020, p. 347).

O Mambembeiro nos chamou a atenção pela estratégia utilizada para atrair o público infantil, pois o programa recorre a arte circense e se autodenomina “um espetáculo para ouvir e imaginar”. O objetivo é simular ambientes e o primeiro que se deseja criar na cabeça do ouvinte é o picadeiro de um circo. A apresentação também segue esse estilo, inclusive, com o uso do bordão “respeitável público” no início do programa. O Mambembeiro tem vários quadros, mas destacamos o “Eu falo criança”, que estimula a participação infantil, quando uma criança dá opinião sobre o assunto tratado na edição do dia (p.347 e 348). Segundo Maciel e Custódio (2020) ele está fora do ar desde 2018.

Além da escassez de estudos sobre jornalismo infantil no rádio e na tv, o que se explica pela falta de materiais para esse público nesses veículos, também percebemos uma lacuna quando pensamos em jornalismo digital. Dentro do período estudado e a partir dos

nossos filtros, localizamos apenas dois trabalhos que tem esse tema como norteador. Um deles é o artigo Natureza do hipertexto no jornalismo digital em dois suplementos para o público infantil, de Izabel Cristina Diniz e Leila Aparecida Anastácio, publicado em 2012.

As autoras buscaram saber se há e como se dá a utilização do hipertexto na página online da Folhinha, do jornal Folha de São Paulo e do Blog do Guri, do jornal Estado de Minas. Elas trazem algumas características do hipertexto, segundo Marcuschi (2001), como leitura não-linear, fragmentário, acessibilidade ilimitada, multissemiótica, entre outras (DINIZ; ANASTÁCIO, 2012). Alguns resultados que podemos destacar é que a Folhinha, opta pela não-linearidade, permitindo ao público leitor navegar por diversos espaços e o Blog do Guri escolhe oferecer uma ordem cronológica quando apresenta os conteúdos em sua interface, o que caracteriza num texto linear. No tocante a principal característica do hipertexto, o que Diniz e Anastácio trazem como topográfica, que são os links e as possibilidades de vinculações entre os conteúdos, as autoras dizem que isso foi facilmente verificado nos suplementos estudados.

O estudo tem uma grande importância porque nos traz uma discussão sobre as possibilidades que a internet permite se decidirmos produzir conteúdos informativos para crianças, principalmente quando pensamos o quão presente elas estão nesse universo. Inclusive, as pesquisadoras frisam que as características do jornalismo online poderiam ser melhor exploradas pelos sites estudados e que, em geral, pouco atraem o público infantil (DINIZ; ANASTÁCIO, 2012). O que nos leva a pensar que não basta oferecer notícias para crianças, mas ofertar conteúdos que atendam suas demandas e principalmente que estejam adequadas a essa nova infância, imersa no mundo digital.

Em nossas pesquisas localizamos, ainda, trabalhos que ligam o jornalismo infantil à educação, como o estudo de Mayra Fernanda Ferreira, Potencialidades Educomunicativas do Jornalismo para Crianças, publicado em 2011. Na verdade, a autora criou um site com notícias para esse público, com o nome “Jornalismo para Crianças”. Como a própria Ferreira diz, trata-se de um projeto experimental. O trabalho além de discutir as potencialidades da internet para a produção de conteúdos informativos para crianças, aborda o viés de uma comunicação educativa. A pesquisa tem como principal objetivo apresentar o site, direcionado para um público de 10 a 12 anos e que foi construído a partir de observações de outros materiais semelhantes já existentes.

Ele foi composto por seções como Educação, Ciência, Esportes, Atualidades e outras. Essas temáticas foram escolhidas a partir de uma pesquisa feita com crianças, onde Ferreira verificou esses interesses. Para atrair a atenção desse público o site recorreu a personagens

(avatars) para caracterizar as seções e usa algumas características do jornalismo online, como multimídia, interatividade e hipertextualidade, ou seja, além do texto verbal, há a utilização de fotos, vídeos, hipertextos e ferramentas de interação. De acordo com a autora, a linguagem é simples e clara, inclusive, com uso de verbos no imperativo e frases interrogativas. Não conseguimos ver exemplos dessa linguagem. As matérias são construídas a partir de consultas a veículos de comunicação já consagrados, como Veja, UOL, Folha de São Paulo, entre outros. (FERREIRA, 2011, p.7).

Como mencionamos, o estudo tem como um dos seus focos o jornalismo usado como instrumento de transformação social, o que ele já é por si só, mas neste caso Ferreira fala do uso do jornalismo para a construção do senso crítico da criança. “Ao favorecer essa formação crítica e possibilitar a participação, o jornalismo infantil seria o espaço ideal para as crianças agirem em busca de uma transformação social, com base democrática” (FERREIRA, 2011, p.13). Fizemos uma busca para saber se o site está no ar, mas não o encontramos.

A seguir, uma tabela (organizada a partir dos mais recentes trabalhos aos mais antigos, levando em conta o período definido para esta dissertação), com as pesquisas acima observadas (autor, título e ano).

Tabela 1. Artigos citados neste estado da arte

Autores	Título	Ano
Michele Letícia Custódio e Sueley Maciel	Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil	2020
Patrícia Silveira	Notícias televisivas e públicos infantis: o porquê da aposta em jornalismo segmentado para as crianças	2019
Heron Ledon Pereira	Jornalismo Rá-Tim-Bum: uma proposta de vínculos entre imprensa, escola e criança	2018
Tamires Vichi de Andrade e Elizeu do Nascimento Silva	Jornalismo Infantil: a extinção de um segmento	2017
Gabriela Vanni Arroyo	Jornalismo infantil no jornal impresso: um estudo dos suplementos Folhinha e JC criança	2017
Patricia Tavares Raffaini	A Voz da Infância: um jornal escrito para as crianças pelas crianças, 1936-1948	2016
Camila Brandão Wunderlich	Jornalismo para crianças: um estudo sobre a produção	2016

	audiovisual informativa dedicada ao público infantil na TV	
Lidia Marôpo	Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo	2015
Thaís Helena Furtado	O jornalismo infantil revistativo da Recreio	2015
Juliana Doretto	“Fala conosco!": o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil	2015
Laíssa Grabinski Saldanha Bocker Sardiglia	Qualidade no jornalismo infantil: estudo do programa TV Piá da TV Brasil	2015
Ana Luiza Menezes Baldin	Continuidades e discontinuidades em representações do Leitor infantil: Uma análise de projeções discursivas do leitor da Folhinha de 1963 aos dias atuais	2014
Ana Paula Braga Salamon	A voz de crianças e adolescentes na imprensa - Uma análise sobre a inclusão de meninas e meninos como fontes noticiosas nos diários Gazeta do Povo e Folha de Londrina	2013
Anelise Schütz Dias e Gabriela Borges	Jornalismo para crianças: um serviço público da televisão portuguesa	2012
Izabel Cristina Diniz e Leila Aparecida Anastácio	Natureza do hipertexto no jornalismo digital em dois suplementos para o público infantil	2012
Lidia Marôpo	Jornalismo e direitos infantis: a voz de crianças e jovens na produção, recepção e monitorização do discurso noticioso.	2011
Mayra Fernanda Ferreira	Potencialidades Educomunicativas do Jornalismo para Crianças	2011
Juliana Doretto	Pequeno Leitor de papel - jornalismo infantil na folhinha e no estadinho	2010

Fonte: autoria própria

Essa pesquisa nas principais plataformas de produção científica nos mostra que há poucos trabalhos acadêmicos sobre jornalismo e crianças e mais escassos são os estudos sobre jornalismo infantil. A maioria dos artigos trata de publicações impressas, como Folhinha. Um

dos fatores que pode explicar essa situação são as poucas produções de notícias nos mais diversos veículos de comunicação para o público infantil no Brasil, como discutiremos no próximo capítulo. Por fim, sabemos que nossa revisão de literatura pode apresentar alguma lacuna: apesar da nossa busca, possivelmente nos escaparam estudos importantes que desenvolveram o tema.

3. JORNALISMO INFANTIL NO BRASIL

A oferta de jornalismo adequado ao público infantil é um direito que foi assegurado na Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989 (ONU, 1989). O Brasil ratificou o documento em 24 de setembro de 1990 e segundo a Unicef, é o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal.

Art.17.1- Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental. Para tanto, os Estados Partes: a) incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança (ONU, 1989).

A resolução da convenção que trata sobre Procedimento de Comunicações, ainda reforça que mais do que oferecer conteúdos informativos para crianças, elas devem também ser incluídas na narrativa, tendo assim assegurado seu direito de participação.

Art.13.1- A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e idéias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança (ONU, 1989).

A seguir iremos conhecer um pouco do que já foi produzido para criança no Brasil, quando falamos em jornalismo. É importante dizer que esse tipo de levantamento não alcança por vezes a precisão, mas tem como objetivo apresentar algumas experiências que vão nos ajudar a entender a história do jornalismo infantil em nosso país.

3.1 JORNALISMO INFANTIL IMPRESSO

O impresso é o meio com maior acervo histórico de conteúdos jornalísticos voltados para crianças e adolescentes e foi o principal canal de informação infantil no Brasil durante

anos (ANDI; IAS, 2002). E por ser o primeiro veículo de comunicação de massa foi nele que surgiu o jornalismo infantil. No trabalho de Varão e Bemfica (2009) “Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças”, eles creditam isso a criação da literatura infantil, ou seja, do surgimento de conteúdos de leitura para o público infantojuvenil. Primeiro os livros, depois quadrinhos e revistas e por fim jornais. Acontece quando a concepção de infância vai sendo construída e daí percebe-se a necessidade de ofertar produtos exclusivos para esse grupo.

Não era possível educar com livros com temas e linguagem adulta. Dessa forma, foi essencial criar a literatura infantil. Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século 17 e durante o século 18. Antes desta época não se escrevia para elas, porque não existia infância. [...] Os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores, com intenções de sentido educativo (TASSI, 2002, p.1-2).

Depois os diversos campos, além do educativo, foram sendo explorados e surgem os contos de fadas, a exemplo do “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela Adormecida”, de Charles Perrault. No Brasil, no período republicano, o gênero tinha um lado didático, folclórico e patriótico. Depois foram acontecendo as primeiras traduções de obras de grande sucesso na Europa, mas o primeiro registro de livro genuinamente brasileiro para crianças é o “Contos da Carochinha” (1894), de Alberto Figueiredo Pimentel. Passados os anos, muitos escritores entraram nesse universo e se destacaram, talvez o mais memorável deles seja Monteiro Lobato, com seu Sítio do Pica-Pau Amarelo. Foi na literatura infantil que o jornalismo para crianças nasceu, pois as obras para esse público passaram a trazer discussões sobre acontecimentos atuais vivenciados pela sociedade. (VARÃO; BEMFICA, 2009).

Em 1898 surge “O Jornal da Infância”, considerado a primeira revista infantil brasileira, mas é “O Tico-Tico”, que marca a história das publicações infantis. Uma revista semanal que surgiu em 1905. Tinha poucas informações tratando de acontecimentos atuais e os temas que trazia vinham com tom educativo (VARÃO; BEMFICA, 2009).

O Tico-Tico trazia em suas páginas tanto dicas de moral e civismo como textos ilustrados de clássicos da literatura mundial, em capítulos semanais, e principalmente lançou uma gama de personagens de quadrinhos que ficaram famosos nacionalmente como Faustina e Zé Macaco, Reco-Reco, Bolão e Azeitona e [...] Chiquinho e Jagunço em suas estripulias com o negrinho Benjamin [...]. Poesias, contos, jogos, datas históricas, textos sobre as séries mais populares do cinema, partituras, letras de músicas, até peças teatrais, [...] contos de carochinha, passatempos, páginas de armar, histórias fantásticas, premiações, histórias em quadrinhos (MERLO, 2004, p. 9).

Além disso, promovia a participação dos seus leitores que enviavam fotos, desenhos, poemas e textos. Sua última edição foi em 1962 (VARÃO; BEMFICA, 2009). Bem antes disso, em 1938, o jornal O Globo criou a seção “Globinho”. Doretto (2015) diz que é “possivelmente o mais antigo espaço para crianças vinculado a um jornal no Brasil e a primeira publicação com caráter mais jornalístico” (p.35). Em 1940 a sessão acabou, em 1972 voltou e em 2013 virou um blog, que já não existe mais. Também em 2013, após 25 anos de existência, o Estadinho, do Jornal Estadão, virou página na internet e neste mesmo período deixou de ser atualizada. Hoje não está mais no ar. (DORETTO, 2015).

A Folhinha, do jornal Folha de São Paulo, teve trajetória semelhante. Surgiu em 1963 e não foi apenas uma seção, em seu início eram 16 páginas em formato tabloide, esse número caiu com o tempo (DORETTO, 2015). Em 2016 a versão impressa deixou de ser publicada e virou blog⁴. Mas em 2020, a empresa retornou com a versão impressa da Folhinha, que hoje sai com uma página aos sábados.

Foram nesses jornais que o jornalismo infantil ficou mais evidente, pois os produtos anteriores, como o Tico-Tico, caminhavam mais pelo campo do entretenimento. “A inclusão de matérias com informações atuais e culturais de interesse dos leitores, a busca por informações novas e explicações com fonte e seções destinadas à participação dos leitores, conferiram aos semanários mais características do jornalismo” (VARÃO; BEMFICA, 2009, p.13).

Imagem 1. Primeira Capa do jornal O Globinho



Fonte: Acervo online do jornal O Globo⁵

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>. Acesso em: 18/07/2022

⁵ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 12/007/2022

Imagem 3. Capa do Jornal Folhinha (18 de Dezembro de 1999)



Fonte: Acervo online da Folha de São Paulo⁷

Outros jornais no país lançaram alguma iniciativa voltada para o público infantil, como o Zero Hora, do Estado do Rio Grande do Sul, que tinha a seção “Para o Seu Filho Ler”. Não se tratava de uma seção separada, mas notas dentro dos cadernos do jornal explicando as notícias daquela página para as crianças. O “Para o Seu Filho Ler” não existe mais. (DORETTO, 2015).

Em nossa pesquisa, descobrimos, ainda, o Jornal Joca, que se intitula, em seu site, “O único jornal para jovens e crianças” do Brasil. Ele é adquirido por meio de assinatura. É publicado pela editora Magia de Ler desde 2011, e segundo seu portal “foi inspirado nas publicações do gênero na Europa e nasceu para suprir uma deficiência no mercado editorial brasileiro: a inexistência de um jornal exclusivamente para esse público”. É veiculado quinzenalmente levando em consideração o calendário escolar. O Joca tem uma linha pedagógica, inclusive, oferece conteúdos para pais e professores trabalharem com as crianças, mas também apresenta notícias e reportagens sobre temas da atualidade.

Com relação a revistas, destacamos talvez a mais conhecida delas, a “Recreio”. Nasceu em 1969 e teve uma pausa em 1982. Nos anos 2000 voltou a circular, mas foi

⁷ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1661431298196986-folhinha-um-jornal-a-servico-da-crianca>. Acesso em: 12/07/2022.

encerrada em 2018. Foi um magazine que ofertou entretenimento ao seu consumidor, sendo importante lembrar que ela vinha com um brinde para coleção, mas a professora Thaís Helena Furtado (2013) defendeu que o trabalho que a Recreio fez também pode ser considerado jornalístico. Essa discussão já foi aprofundada em nosso estado da arte com base no trabalho publicado pela investigadora.

O campo das revistas em geral é segmentado e dentro desse universo o público infantil tem no Brasil a “Ciência Hoje das Crianças”. Seu surgimento foi em 1986 e trata-se de um produto que divulga de maneira divertida e educativa temas científicos (FURTADO, 2013). Segundo o site⁸ da revista ela é distribuída para mais de 60 mil escolas públicas do país. A iniciativa é da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Também encontramos a revista Nosso Amiguinho, publicada pela editora Casa Publicadora Brasileira, da Igreja Adventista do Sétimo Dia. De acordo com o site⁹ da revista “Nosso Amiguinho apresenta bons valores, por meio de histórias, experiências, receitas saudáveis, brincadeiras, curiosidades e atividades que ajudarão as crianças a se desenvolver social e intelectualmente”. Ela é publicada mensalmente e pode ser adquirida por meio de assinatura.

3.2 JORNALISMO INFANTIL NA INTERNET

Além do blog da Folhinha, o Joca também está no mundo virtual. Seu site¹⁰ oferece notícias diariamente sobre os assuntos que ganham destaque na mídia, usam como fontes os principais portais do Brasil: UOL, G1 e outros. Em geral fazem uma reescrita das matérias desses sites, numa tentativa de adaptar a linguagem ao seu público. No site do Joca é possível, ainda, encontrar reportagens autorais, além de diversos conteúdos educacionais, como a possibilidade de baixar o layout do jornal para preenchê-lo como desejar, colocando fotos e textos. Também há enquetes e a possibilidade de por lá acessar a TV Joca no YouTube ou ouvir os podcasts.

Numa busca no Google usando o termo “site com notícias para crianças” feita no dia 08/07/2022 achamos alguns portais. O primeiro foi o “Jornal da Criança - explicando as notícias¹¹”, ao abri-lo percebemos que se trata de mais um veículo que une comunicação e

⁸ Disponível em: <http://chc.org.br/>. Acesso em: 12/07/2022

⁹ Disponível em: <http://nossoamiguinho.cpb.com.br/>. Acesso em: 12/07/2022

¹⁰ Disponível em: <https://www.jornaljoca.com.br/>. Acesso em: 12/07/2022

¹¹ Disponível em: <https://jornaldacrianca.com.br/>. Acesso em: 12/07/2022

educação, inclusive, se coloca como um meio que busca simplificar notícias para leitores do ensino fundamental. Existe, ainda, uma aba com o nome “Apoio ao Professor”, ao abri-la vimos que está disponibilizado um vídeo com dicas de atividades ensinando os professores como usar o Jornal da Criança em sala de aula. No site existem matérias sobre temas atuais e sobre diversos assuntos, como cultura, ciência, esporte, meio ambiente e até mesmo opinião. Para ler os textos é preciso assinar o jornal. Isso também acontece com o Joca, que tem um limite de acesso gratuito, ao extrapolar o número de matérias, é necessário pagar para continuar consumindo o conteúdo no site.

Ainda encontramos o site “Criança e Natureza¹²”, que como o próprio nome indica trata apenas sobre temas ligados à natureza, atuais ou não, exemplo: De férias com a natureza: 5 dicas para incluir mais verde na vida das crianças nestas férias escolares¹³.

Os outros sites que apareceram na nossa busca no Google, a partir do termo chave que usamos, nos levou a conteúdos que falam sobre crianças ou temas relacionados à infância, mas não para elas, por isso não iremos citá-los. Achemos importante pontuar que um site com notícias para crianças que ganhou destaque foi o Recontando, que buscava explicar o que estava acontecendo no Brasil e no mundo e se apresentava como “jornalismo na medida das crianças”. Ele apresentava vídeos com animações que traziam fatos do cotidiano, geralmente hard news. Surgiu em março de 2013, mas não está mais no ar. (DORETTO, 2015).

3.3 JORNALISMO INFANTIL NO RÁDIO

Desde a sua gênese não é possível dizer que o rádio teve a criança como um dos seus públicos alvos, muito pouco foi e é feito pelas emissoras para atrair o público infantil. O que podemos lamentar tendo em vista que através desse veículo, que tem como sua essência efeitos sonoros, a imaginação da criança poderia ser ainda mais estimulada.

Como já dito anteriormente, não foi possível precisar todos os materiais produzidos para criança nos veículos de comunicação existentes. Sobre o rádio, percebemos produtos experimentais feitos por escolas e universidades, como é o caso do Unespinha, citado em nosso estado da arte, exibido pela Rádio Universitária UNESP FM, vinculada à Universidade Estadual Paulista.

Alguns também são ligados a igrejas, um exemplo é trazido por Rodrigo Fonseca

¹² Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/>. Acesso em: 12/07/2022

¹³ Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/noticias/ferias-com-natureza/>. Acesso em: 18/07/2022

Fernandes (2015), na sua tese de doutorado “Rádio Brincadeira: os jogos sonoros e performances do corpo nos programas infantis”. Trata-se do programa “Para ouvir e aprender”, veiculado na Rádio Rural de Santarém, no Pará, vinculada à Diocese de Santarém. A iniciativa é ligada ao Projeto Rádio Pela Educação. O programa tinha um cunho educacional e se apresentava como uma extensão da sala de aula, com participação de alunos e professores. Era possível encontrar entrevistas, leitura de cartas dos ouvintes, reportagens, entre outros formatos (FERNANDES, 2015). No site da Rádio Rural de Santarém não encontramos mais na grade de programação o programa.

Ainda usando Fernandes (2015) como referência, ele traz também como exemplos alguns programas das rádios Nacional e MEC, como a Rádio Maluca, feito ao vivo no auditório da Rádio Nacional e durante algum tempo no teatro do Sesc, ambos no Rio de Janeiro. Isso quer dizer que esse programa contava com a participação direta do público que ia assisti-lo nesses espaços. Em geral, cada episódio apresentava um tema e o apresentador Zé Zuca questionava a plateia sobre o assunto, com muita descontração e brincadeira. Também existia o quadro Repórter Mirim que apresentava uma reportagem feita por uma criança sobre a temática do dia. O programa era exibido aos sábados, próximo ao horário do almoço, mas feita uma busca no site das duas emissoras percebemos que ele não está mais na grade de programação. Em seu perfil oficial no Facebook a última publicação foi em 2020.

Outro programa dessas duas rádios foi a Estação Brincadeira, que ia ao ar antes da Rádio Maluca, aos sábados das 9hs às 11hs. Essa é uma iniciativa interessante de como atrair o público infantil e estimular sua imaginação. Além da programação musical que a Estação Brincadeira exibia, tinha também o assunto do dia. Geralmente algo atual tratado de maneira lúdica por personagens divididos entre heróis e vilões. “Nas aventuras, Dr. Malvadeza realiza alguma peripécia que irá desencadear no tema que se pretende apresentar [...] e os heróis são chamados a resolver o problema” (FERNANDES, 2015, p.54). O programa contava, ainda, com entrevistas, charadas, agenda cultural e outros quadros. O Estação Brincadeira também não consta mais na grade de programação da Rádio Nacional.

Aproveitamos esses exemplos de Fernandes (2015) para fazer uma busca nos sites das duas emissoras citadas e identificamos como conteúdo infantil o programa “Rádio Animada¹⁴” que tem seleção musical, contação de histórias, agenda cultural, reportagens especiais e outros quadros. Vai ao ar na Rádio MEC aos domingos, das 8h às 10h, com reprise aos sábados, no mesmo horário.

¹⁴ Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/radioanimada>. Acesso em: 12/07/2022

Em nossa busca também localizamos, ainda, o Radinho BdF, produto da Rádio Brasil de Fato. Segundo o site da emissora¹⁵ trata-se de um programa semanal de 30 minutos voltado às crianças. Vai ao ar às quartas-feiras, às 9h, na Rádio Brasil de Fato e na Rádio Brasil Atual (98,9 FM/Grande São Paulo). Ele traz brincadeiras, contação de histórias, receitas culinárias e informação.

Numa busca feita no site www.rádios.com.br localizamos 65 rádios com programação para o público infantil, em sua maioria, web rádios. A maior parte oferece apenas música. No universo dos podcasts também são muitos os produtos para crianças, em geral é possível encontrar contação de histórias e playlists com músicas para esse grupo. Alguns tratam de curiosidades, a exemplo do “Coisa de Criança¹⁶”, que explica assuntos como para onde vai o lixo e como nascem os vulcões.

Não são comuns podcasts com cunho jornalístico para o público infantil, mas a rádio CBN fez uma parceria com o Joca e criou o RevisTeen¹⁷, que traz sempre um assunto por episódio, inclusive, alguns temas são atuais. A apresentação principal é da jornalista Pétria Chaves e junto com uma criança ou adolescente ela aborda a temática. O RevisTeen começa com um bate papo entre Pétria e o apresentador convidado e nesse contexto já tem início a explicação do tema do dia. Sempre há entrevistados, às vezes, é a própria criança ou adolescente, para aprofundar o assunto tratado. No site da rádio o último episódio postado foi em dezembro de 2021. Além desse, o Joca tem, ainda, os podcasts¹⁸ Papo Joca (ligado a curiosidades e dicas, ex: como fazer amigos) e Saiu no Joca, Prô!, (repercuta o que foi divulgado no site e revista do Joca).

3.4 JORNALISMO INFANTIL NA TELEVISÃO

O foco deste trabalho são as crianças e o jornalismo, mas não podemos deixar de pontuar que vivemos há não muito tempo um período onde as crianças tinham muitos conteúdos disponíveis para elas na grade de programação da televisão brasileira. Desde o início da chegada da TV ao Brasil, na década de 50, o público infantil foi notado como audiência, em especial, pelo mercado, que investia em propagandas televisivas voltadas para esse grupo.

¹⁵ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/radioagencia/podcasts/radinho-bdf>. Acesso em: 29/06/2023

¹⁶ Disponível em: <https://coisadecrianca.com.br/>. Acesso em: 12/07/2022

¹⁷ Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/752/revisteen-cbn-joca>. Acesso em 12/07/2022

¹⁸ Disponível em: <https://www.jornaljoca.com.br/ouca-os-podcasts-do-joca/>. Acesso em 12/07/2022

Em trabalho recente dos pesquisadores Mayara Araújo e Arthur Felipe Fiel sobre a televisão infantil no Brasil e na China, publicado em 2022, eles destacam um ponto importante sobre a relação da infância com a mídia televisiva em nosso país. Os autores pontuam que essa construção foi guiada, assim como em outras áreas, pelo olhar dos adultos, que representavam seus próprios interesses.

Cabe pontuar que a história e a construção da relação entre as crianças e a televisão não se deram somente por um elo dialógico entre a criança e a mídia, mas principalmente por uma construção plural, atravessada e guiada pelo olhar dos adultos – representantes dos interesses públicos e privados em seus respectivos Estados – sobre as infâncias, que sob sua tutela se constituíam, e sobre seus interesses na formação das crianças e, conseqüentemente, das narrativas e conteúdo que direcionaram ao público infantil (ARAÚJO; FIEL, 2022, p.117).

Num resgate histórico feito por Araújo e Fiel (2022) do que já foi produzido para criança no Brasil quando falamos em televisão, eles vão nos informar que o primeiro programa infantil da TV brasileira foi o Gurilândia, na TV Tupi. As crianças declamavam poemas, faziam encenações ao vivo e traziam cantigas populares. O programa recebeu esse nome por causa do patrocínio do achocolatado Guri.

Outro ponto importante mencionado pelos autores foi a influência da ditadura, na década de 1960, nos conteúdos televisivos direcionados ao público infantil. Assim como diversas outras programações, as destinadas às crianças também foram alvos de interferências militares. Eram exibidos, por exemplo, programas como Capitão Furacão, na rede Globo, e Capitão AZA, na TV Tupi. Em geral, esses conteúdos desejavam passar uma imagem dos militares como heróis. (ARAÚJO; FIEL, 2022, p.118).

Ao longo das décadas outros programas foram surgindo e diversos formatos experimentados. Passado o período da ditadura, podemos dizer que os que predominaram durante muitos anos foram os programas de auditório, onde havia interação, através de brincadeiras e competições, com as crianças da plateia e convidadas, e em geral, com chamadas de desenhos animados. Havia também apresentações musicais e muita publicidade. É nesse momento, mais precisamente na década de 80, que começaram a ganhar destaque os apresentadores infantis, como o palhaço Bozo, no SBT, e Xuxa Meneghel, na Globo. A Rainha dos Baixinhos, como é conhecida, já fazia trabalho semelhante na TV Manchete.

De acordo com Borges, Arreguy e Souza (2012), entre as décadas de 80 e 90 cerca de 30 horas diárias da programação na TV aberta eram voltadas para as crianças e segundo Araújo e Fiel (2022), o programa do Bozo, por exemplo, chegou a ocupar oito horas da programação do SBT. Inclusive, hoje apenas o Sistema Brasileiro de Televisão conta com um

programa destinado a infância na tv aberta, o "Sábado Animado" que vai ao ar todos os sábados, a partir das 6h. A atração exibe desenhos e promove brincadeiras, gincanas e dá prêmios aos seus telespectadores, que participam por telefone. O SBT também está no ar (maio de 2023) com três novelas voltadas para o público infantojuvenil: Chiquititas; A Infância de Romeu e Julieta; e Cúmplices de um resgate.

No site da Globo e Record só foram localizados dois realitys shows que podem ser enquadrados como programas que tem o público infantil como uma de suas audiências, o The Voice Kids (Globo) e o Canta Comigo Teen (Record). São atrações com a mesma finalidade: crianças que sabem cantar se inscrevem para mostrar seus talentos e vão passando por várias fases, muitas ficam pelo caminho, apenas uma se consagra vencedora na grande final. No site da Band não foi encontrado nenhum programa para o público infantil.

Essa situação é diferente quando falamos de tvs públicas, como a TV Cultura, que mostra, em seu site, na sessão infantil, 52 atrações para crianças e adolescentes, tanto produções próprias, a exemplo do desenho animado Cocoricó, como trabalhos já consagrados em outras redes, como Galinha Pintadinha e Patrulha Canina, sucessos no YouTube. Na TV Brasil e Futura também foi possível encontrar uma programação infantil. Essas emissoras são conhecidas por ofertarem produções educativas e informativas.

Com relação a TV fechada, são inúmeros os canais com programação exclusiva para a infância e juventude, a própria TV Cultura tem o canal pago TV Rá Tim Bum (primeiro canal infantil brasileiro da TV por assinatura) e a Globo, que possui o Gloob. De acordo com Wunderlich (2016) o objetivo destes canais infantis de tv por assinatura são em geral entreter e educar.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad Contínua¹⁹) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas 30,4% dos domicílios, em 2019, possuíam TV por assinatura e embora vejamos uma crescente no uso de streaming, onde também é possível encontrar muitos conteúdos para o público infantil, isso não tira a responsabilidade da TV aberta em ofertar produtos para o infante. Principalmente quando falamos em informação, já que como mencionado no início deste capítulo, é um direito da criança. Sendo importante lembrar também as desigualdades do país em que vivemos, onde muitas crianças e adolescentes não têm acesso a tv por assinatura, streaming ou mesmo a internet, mas os aparelhos de televisão e rádio, por exemplo, estão em mais de 80% ²⁰ dos

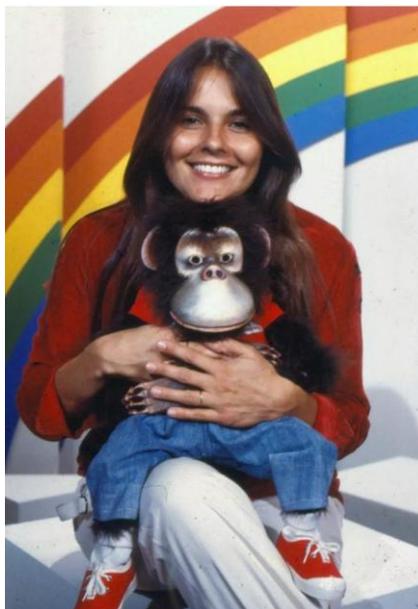
¹⁹ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 12/07/2022

²⁰ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular->

lares do país, daí a importância de garantir o direito à informação através desses veículos.

Sobre jornalismo para crianças na TV aberta, são dois os registros, o primeiro é o Globinho, da TV Globo, que foi exibido de 1972 a 1983. Ao longo desse período o programa teve vários formatos e diferentes dias, horários e duração de exibição. De 1977 até seu encerramento, a apresentação ficou por conta da jornalista Paula Saldanha. Em 1981 ela ganhou a companhia do macaquinho Loiola (um boneco fantoche). No programa era possível ver ilustração de notícias, exibição de filmes, desenhos animados, concursos de fotografias e indicações de leituras. Uma mistura de jornalismo e entretenimento. (PEREIRA, 2018).

Imagem 4. Paula Saldanha e Macaco Loiola no cenário do Globinho



Fonte: Memória Globo²¹

Os programas da televisão brasileira que levaram ou levam informação para crianças, o fazem numa linha educativa, muitas vezes recorrendo até a ficção para atrair esse público. Hoje, o país não tem nenhum programa televisivo jornalístico voltado para crianças.

O único programa com características totalmente jornalísticas voltadas à infância e juventude brasileira, foi o Repórter Rá-Teen-Bum, nosso objeto de estudo que será apresentado detalhadamente no capítulo 6.

4. JORNALISMO E TELEJORNALISMO

no-brasil.html. Acesso em: 12/07/2022.

²¹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/globinho/>. Acesso em 18/07/2022.

O Repórter Rá-Teen-Bum foi um programa jornalístico exibido durante três anos na televisão aberta. Embora não siga os padrões do telejornalismo tradicional a qual estamos habituados e isso acontece porque foi produzido para o público infantil, ele pode ser considerado um telejornal. Por isso, neste capítulo vamos discutir a influência do telejornalismo na vida de quem o consome. Percebemos este veículo como um importante instrumento do fazer pensar.

A comunicação sempre fez parte da existência humana, o que mudou foi a forma como ela acontece. No período pré-histórico temos registros de pinturas em rochas e muitas outras tentativas de se comunicar, mas foi a invenção de Johann Gutenberg, em 1455, que permitiu o surgimento das notícias no formato industrial. Com a máquina de impressão tipográfica, a informação, que antes era compartilhada apenas de forma oral para grupos específicos, encontrou novos caminhos para percorrer e chegar a mais lugares e consequentemente a mais pessoas (JESPERS, 1998).

O jornalismo surgiu quando a diversidade e a complexidade das sociedades exigiram uma resposta que já não era transmissível pela simples comunicação de sinais e mensagens. A comunicação primitiva, eminentemente oral, individual e anárquica, cedia o passo a uma comunicação organizada e hierarquizada – a informação – capaz de selecionar os acontecimentos mais relevantes e de os levar ao conhecimento da comunidade (JESPERS, 1998, p.13).

O impresso foi durante séculos o principal meio de informação da população; ainda que muitas pessoas não tivessem domínio da leitura, elas conseguiam, através de terceiros, saber o que o jornal do dia estava dizendo. No século XIX, mais um grande passo para a popularização da informação: surgem as ondas Hertzianas. Começa a era do rádio e antes o que estava apenas no papel passa a ser lido diante de um microfone e escutado por diversas pessoas ao mesmo tempo. Neste momento esse novo veículo ainda não tinha encontrado sua própria linguagem, pois nos noticiários radiofônicos eram lidas as matérias que saíam nos jornais impressos. Mas logo esse meio percebeu que haviam muitas possibilidades a serem exploradas, como a divulgação dos fatos no instante em que aconteciam. (FERRARETO, 2007).

Com uma linguagem mais popular e com os aparelhos se tornando mais acessíveis financeiramente, o rádio se expandiu e ganhou lugar de destaque na sociedade. Foi o rádio quem mudou a maneira de se consumir notícias, pois já não era mais preciso parar para ler o jornal; com o rádio era possível fazer qualquer coisa enquanto o ouvia. Hoje é possível escutá-lo no carro, no celular, computador e em tantos outros dispositivos.

Quase dois séculos depois, o mundo passou a obter imagem e som em um mesmo

canal; surge a tv. “O homem na sua ânsia de vencer barreiras no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo que surge a televisão, com a informação na sua forma mais dinâmica e universal: a imagem” (PATERNOSTRO, 2006, p. 20). Mas não eram apenas imagens que a sociedade queria, porque isso o jornal impresso já oferecia através da fotografia. A população queria a imagem em movimento, ansiava pela informação dinâmica. Segundo Paternostro (2006), a TV não tem um único pai. Ela não foi criada de uma só vez, foi sendo construída aos poucos, em várias partes do mundo, e sendo muitos os responsáveis pelos primeiros aparelhos, além daqueles que vieram depois para nos entregar o que temos hoje, a exemplo das smart tvs.

Foi o paraibano Assis Chateaubriand quem trouxe as primeiras TVs para o Brasil, na década de 50. A emissora pioneira foi a TV Tupi, inaugurada em São Paulo. Desde o início, o jornalismo esteve presente e, assim como aconteceu com o rádio que no começo apenas oferecia aos ouvintes a leitura das notícias do jornal impresso, a televisão, em sua gênese no Brasil, apenas copiou o rádio, inclusive, levando para a TV programas radiofônicos de grande sucesso, como o Repórter Esso. (PATERNOSTRO, 2006).

Não eram exploradas as imagens em movimento, as entradas ao vivo dos repórteres e todo o dinamismo que a TV permitia. É claro que isso não durou por muito tempo e devido às mudanças tecnológicas logo essas potencialidades começaram a ser usadas. E da mesma maneira que aconteceu com o rádio, a acessibilidade econômica dos aparelhos fez com que a TV estivesse mais presente na vida das pessoas, e conseqüentemente o telejornalismo. “A programação diária de notícias se transformou em parte integrante da cultura de cada sociedade que incorporou a televisão” (YORKE, 2006, p. 3). De acordo com Paternostro (2006), o primeiro telejornal foi o Imagens do Dia e o primeiro jornal em cadeia foi o Jornal Nacional, exibido pela primeira vez em 1969.

Cada veículo que mencionamos tem características próprias, e, embora vivamos na era da convergência midiática com o surgimento da internet no século passado, essas particularidades ainda são bem visíveis. Como o nosso objeto de pesquisa, o Repórter Rá-Teen-Bum, é um produto audiovisual jornalístico, o nosso foco aqui será o jornalismo de televisão, que tem como principal distinção a imagem.

Os nossos olhos são treinados para acreditar no que está diante deles: como duvidar daquilo que se vê? A imagem é o recurso mais importante da TV, e o que contribui para a crença no que está sendo dito, pois ela não apenas fala, mostra, comprova. Berger (1996) diz que é da natureza do jornalismo fazer crer e Lisboa e Benetti (2017) falam que temos disposição a confiar no que os outros nos dizem e como o jornalismo exerce a função de

informar, de fazer conhecer, a ele atribuímos credibilidade. Ou seja, existe uma tendência construída de confiarmos nos relatos jornalísticos.

Existe um acordo tácito entre os que escolhem esta profissão de jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador que torna possível dar credibilidade ao jornalismo: o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas (TRAQUINA, 2005, p. 19 e 20).

A linguagem oral também tem papel fundamental nessa tentativa de persuasão, buscando se assemelhar a uma conversa entre amigos, de forma simples e clara, para que todos possam compreender. Nunca narrando, mas sim complementando o que está sendo mostrado. Esse gênero usa, então, duas narrativas: a visual e a falada. Ambas contribuem para a experiência da audiência com o jornalismo. Outro grande diferencial é que aquele que fala na TV, seja apresentador, repórter, ou até mesmo o entrevistado, fala para você, gerando uma grande sensação de proximidade e intimidade. Verón (2004) nos diz que tudo está ligado ao modos de dizer jornalístico.

Sendo importante pontuar que a informação, o fato e o acontecimento que são transformados em notícia passam por um processo de reconstrução discursiva, são enquadradas dentro de muitos significados (FRANCISCATO, 2005).

A notícia ocorre por ações pessoais, em suas competências e subjetividades (pauteiro, repórter, redator, editor, publisher); depois é dependente da ação organizacional (linha editorial do veículo, recursos tecnológicos e econômicos da empresa, localização da sede da redação, política de correspondentes ou enviados especiais etc.); sofre também a ação de atores externos ao veículo/empresa sem os quais o exercício jornalístico praticamente se inviabiliza (fontes, público-alvo, anunciantes, assessores de imprensa, agências de notícias, concorrentes); e, por fim, está inserida em uma cultura profissional específica, com seus valores, éticas, interesses e tradição, seja a de um único veículo, de uma mídia específica (cultura profissional dos jornalistas de televisão diferente da dos de impressos), de profissionais de determinada região ou país, e mesmo a cultura profissional que orienta a “tribo internacional” de jornalistas. (SILVA; SOARES, 2011, p.189).

Silva (2005) fala que os critérios de noticiabilidade começaram a ser estudados quando o jornalismo percebe que não é possível dar visibilidade a todos os fatos do cotidiano e por isso entende que esses precisavam passar por um filtro. “A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 1985, p.83). A notícia é entendida então como uma construção social que passa por diversas etapas, desde a recolha das informações sobre o acontecimento até sua apresentação. Em cada

instante desse existe uma série de negociações que influencia no que o público irá consumir, ou seja, a notícia é o resultado de uma série de interações.

Traquina (2005) ainda nos diz que todo esse processo é subjetivo. Essa elaboração do acontecimento em notícia não é unicamente do jornalista, pois este está dentro de uma liberdade limitada, sujeito a normas profissionais do veículo em que trabalha. A burocracia organizacional é determinante na decisão do que é notícia. Nesta escolha serão implicados fatores mercadológicos, tempo, público, concorrência, disponibilidade do material, rotina do veículo, tamanho da empresa e outros.

Tudo começa com a escolha do que vai virar notícia ou não, o que Silva (2005) chama de seleção primária, e depois vem todo o processo, como escolha das imagens, das fontes, do texto e outros fatores. O público-alvo do jornal, por exemplo, influencia diretamente no que será apresentado, ou seja, interfere nos valores-notícias do programa. Poderemos discutir melhor esse ponto, na classificação feita do Repórter Rá-Teen-Bum, pois percebemos a predominância de alguns temas e a inexistência de outros e acreditamos que isso acontece em função da sua audiência infantil.

Como percebemos, existe nas rotinas jornalísticas um procedimento de organização para apresentação da notícia, desde aquilo que é selecionado, ao que é excluído. A partir de todo esse arranjo produtivo, o jornalismo constrói versões sobre a realidade. Por isso, “a verdade do jornalismo é sempre uma aproximação” (LISBOA; BENETTI, 2015, p.7), um recorte feito a partir da observação e interpretação do profissional, que terá muitas interferências, como vimos acima. Mas, como a voz jornalística é uma voz institucional, que ganhou historicamente legitimidade social para trazer representações do mundo, existe uma validação do discurso construído por este campo. Uma credibilidade constituída do orador e a credibilidade percebida pelo interlocutor (LISBOA; BENETTI, 2015, 2017).

Essa relação de confiança por parte da audiência também está ancorada numa demanda primitiva que é atendida pelo campo do jornalismo. Segundo Pontes e Silva (2009), existe uma necessidade social de notícia, ou seja, uma necessidade em querer se informar. É um desejo básico que vem de uma curiosidade natural, a vontade de saber o que acontece para além do seu mundo pessoal. Isso acontece porque as notícias localizam as pessoas em seus mundos e as ajudam a entendê-lo melhor e conseqüentemente a pertencer a ele. Silva e Soares (2011) dizem que esse sentimento ocorre, pois nos é oferecida uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não é.

Vizeu (2009) nos fala que é a partir do telejornal que as pessoas sabem que o mundo existe, e mais que isso, é o telejornal que organiza esse mundo, mostrando não apenas que

existe, mas o que acontece. “O jornalismo televisivo representa um “lugar” para os brasileiros, muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo” (p.77 e 78). O jornalismo atua então como um redutor das incertezas e opera na produção e organização de sentidos. Inclusive, sendo o jornalismo um propositor de condutas, como diz Benetti (2016) e Foucault (1998). Este último complementa que o ser-humano é um sujeito constituído por influências, que se faz e se desfaz a partir dos discursos que recebe, entre eles, o da mídia, que intermedia na orientação do pensar e agir.

Silva (2005) diz que o jornalismo é mais que um meio de comunicação, é um meio de conhecimento. Um produtor de saberes, que nos ajuda a dar conta do dia-a-dia e nos oferece respostas para os problemas do cotidiano. Ele contribui para estruturar e reestruturar o entendimento humano sobre o mundo e sobre si mesmo e orienta as representações que temos sobre as coisas, pessoas e lugares. Um instrumento que influencia nosso modo de estar no mundo.

Percebemos assim, que as notícias vêm carregadas de sentido e quando chegam ao interlocutor, novos serão gerados. A mensagem que recebemos do jornalismo passará por interpretações que serão construídas de acordo com associações a partir das nossas lembranças, sentimentos e visões de mundo baseadas em experiências e crenças. (SILVA, 2005; 2010). Ou seja, a elaboração do discurso jornalístico acontece a partir da base cognitiva e cultural que possuímos, pois em cada indivíduo existe um mundo social já traçado construído junto aos demais grupos de referência, como família, amigos, religião e outros.

Além disso, não podemos esquecer que o sujeito está socialmente situado e o lugar que ocupa também contribuirá para a interpretação que fará do discurso acolhido. Não é possível prever que elaborações serão feitas, é fato que diversos fatores vão influenciar nesse processo. Há muitas alternativas, podem entender exatamente como objetivou aquele que produziu a notícia; podem compreender de maneira parcial, acrescentando novos sentidos; ou fazerem uma compreensão totalmente contrária. Mas é fato que o jornalismo interfere na imagem que possuímos a respeito do mundo. “A compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media” (WOLF, 1985, p.62).

A preocupação deste trabalho está para quem se dirige esses discursos. Como percebemos no estado da arte, há pouca produção jornalística para crianças no Brasil, sendo assim, entendemos que o jornalismo a qual elas têm acesso não as enxerga como audiência. Mas a criança não é indiferente ao que acontece no mundo e assim como os adultos desejam receber informações sobre o que lhes interessa e buscam essas informações em diversos lugares, entre eles o jornalismo. E quando esse contato acontece, não existe passividade da

criança, pois até sua indiferença ou rejeição ao conteúdo devem ser entendidas como um ato de indignação para com um jornalismo que não fala para ela e com ela.

É errado pensar que todos possuem os mesmos recursos para perceberem o mundo. A inteligência não é herdada, o conhecimento adquirido vem de muitos lugares, entre eles o jornalismo. E é importante dizer, pensando no público que estudamos neste trabalho, que as crianças são estimuladas a confiarem no que os adultos dizem, sempre com o argumento de que esses sabem mais e sabem o que é melhor para elas. Mas essa confiança, socialmente construída, não é sabiamente explorada pelo jornalismo brasileiro, já que em raros momentos dirige seu discurso à criança e em mais raros ainda a inclui em suas narrativas. Ainda citando o estado da arte, percebemos que a criança e o adolescente por vezes sequer conseguem reconhecer as características do discurso jornalístico e nominam outros gêneros como sendo jornalismo. Isso demonstra a fragilidade da relação jornalismo/criança.

Ainda pensando no público desta pesquisa e retomando o tema a influência do fazer saber da mídia, este trabalho se preocupa com os conhecimentos que estão sendo gerados no público infantil, ou até mesmo os que não estão. Como já dito, as crianças não são indiferentes às notícias, elas consomem jornalismo, ainda que por mediação de terceiros.

Aqui levantamos a preocupação sobre os programas noticiosos a que o infante tem acesso. Maria Inês de Carvalho Delorme, publicou em 2008 sua tese de doutorado intitulada “Domingo é Dia de Felicidade: as Crianças e as Notícias”. O trabalho fala sobre a relação das crianças com o jornalismo impresso. Quando questionada do porquê do nome da obra, ela respondeu que as crianças com quem conversou, durante sua pesquisa de campo, sempre ligavam o jornalismo a acontecimentos ruins; para elas os telejornais só mostravam o que de mal havia ocorrido. Como no domingo não tem telejornal, seria esse um dia bom, um dia de felicidade, onde nada de ruim aconteceu. Essa pesquisa de Delorme nos traz importantes questionamentos enquanto jornalistas.

Ao assistir um telejornal, ainda que não esteja parecendo prestar atenção (por exemplo: enquanto brinca na sala e os pais assistem) a criança absorve boa parte das mensagens ali divulgadas. E a principal discussão está na elaboração desse enunciado, pois para Bakhtin (1992) o discurso que vem do outro não apenas penetra em nós, mas gera uma resposta e ela geralmente é elaborada a partir da realidade e das experiências de cada um. “O que se questiona aqui é a falsa ideia de que todos utilizam os mesmos mapas culturais para perceber o mundo e agir sobre ele” (BENETTI, 2016, p. 146). Todos aqueles que entram em contato com o discurso jornalístico irão fazer associações com base na sua própria realidade.

Cerqueira (2018) fala desse campo como uma forma de conhecimento, com uma

função pedagógica. Em seu trabalho, o autor resgata Paulo Freire e sua teoria sobre a tomada de consciência, quando ele nos diz que é preciso ter consciência do objeto para poder operar sobre ele, ou seja, a criança precisa ter consciência sobre sua realidade para operar sobre ela.

O conhecimento gerado pelo jornalismo permite uma aprendizagem crítica e por isso esse campo é um espaço propício para o protagonismo infantil. Mais que isso, o jornalismo pode ajudar a construir uma nova maneira de a sociedade vê a criança e da criança se vê. A partir do momento em que ela se enxerga no jornalismo e percebe impressão de valor às suas palavras, ela pode entender que existe um lugar para ela na sociedade e essa própria sociedade passa a entender a importância da participação infantil em todos os espaços. É a formulação de um novo olhar sobre a infância. “[...] a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (FISCHER, p.4, 2002).

Mas, como já discutido em capítulos anteriores, não apenas a participação da criança deve ser assegurada, mas a criação de conteúdos informativos próprios para esse grupo. Construir esse tipo de produto é uma maneira de incluí-las na sociedade, é um instrumento para o exercício de sua cidadania. Informações feitas para elas, com uma linguagem que as alcance irão possibilitar criticidade, além de um conhecimento reflexivo e mobilizador, as ajudando a agir diante de situações que se apresentam e assim poderão ressignificar suas realidades. O intuito é que a criança possa de fato viver a experiência do jornalismo e esse deve convidá-la a participar do mundo a posicionando em um lugar de destaque e suscitando outra postura da sociedade para com a infância.

A discussão sobre telejornalismo neste trabalho nos ajudou a perceber se o Repórter Rá-Teen-Bum utilizou características de telejornais para adultos. Conseguimos identificar se houve de fato uma adaptação do produto para o público infantil. Observamos questões como: presença de repórter no vídeo; passagens ao vivo; como se dava a apresentação; cenário; figurino da apresentadora; linguagem; participação das fontes; e critérios de noticiabilidade.

5. MÉTODO

5.1. VALOR-NOTÍCIA

Esta pesquisa investiga o jornalismo infantil brasileiro a partir de um estudo do Repórter Rá-Teen-Bum, exibido de 2016 a 2018, na TV Cultura e TV Rá-Tim-Bum. O objetivo é

analisar a participação infantil e os valores-notícias adotados pelo programa. Para atingir esta proposta, optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental.

Para compor o corpus, foram assistidos, entre os meses de julho de 2022 a março de 2023, os 36 episódios do Repórter Rá-Teen-Bum, em ordem cronológica, ou seja, do episódio 1 ao 36, disponíveis no YouTube.

O trabalho seguiu por dois caminhos. O primeiro deles foi perceber os valores-notícias adotados pelo programa. Aqui a análise fundamenta-se na tabela elaborada por Gislene Silva (2005), que entende valores-notícia como as características que definem os acontecimentos que chegarão ao conhecimento do público através do jornalismo. Nossa proposta foi saber quais fatos foram considerados suficientemente interessantes e significativos pelo Repórter Rá-Teen-Bum para serem transformados em notícias. Essa decisão por observar os valores-notícias se dá porque este trabalho considera fundamental saber o que o programa entendia como relevante para sua audiência, nos ajudando a perceber que imagem da criança se tinha e a que desejava passar.

Gislene Silva (2005) construiu sua tabela a partir da observação de trabalhos de diversos autores que estudam a temática, como Nelson Traquina e Mauro Wolf, citados em nosso referencial teórico. “A proposta que se faz é pensar uma tabela operacional que contemple não só o consenso entre os atributos listados pelos diversos autores como também a inclusão de outros que por precisão e originalidade possam contribuir para análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados” (SILVA, 2005, p.103).

Tabela 2 - Proposta de sistematização de valores-notícia elaborada por Silva (2005)

Impacto <ul style="list-style-type: none"> • Número de pessoas envolvidas [no fato] • Número de pessoas afetadas [pelo fato] • Grandes quantias [dinheiro] 	Proeminência <ul style="list-style-type: none"> • Notoriedade • Celebridade • Posição hierárquica • Elite [indivíduo, instituição, país] • Sucesso/herói
Conflito <ul style="list-style-type: none"> • Guerra • Rivalidade • Disputa • Briga • Greve • Reinvidicação 	Entretenimento/Curiosidade <ul style="list-style-type: none"> • Aventura • Divertimento • Esporte • Comemoração
Polêmica <ul style="list-style-type: none"> • Controvérsia 	Conhecimento/Cultura <ul style="list-style-type: none"> • Descobertas

<ul style="list-style-type: none"> • Escândalo 	<ul style="list-style-type: none"> • Invenções • Pesquisas • Progresso • Atividades e valores culturais • Religião
Raridade <ul style="list-style-type: none"> • Incomum • Inusitado • Original 	Proximidade <ul style="list-style-type: none"> • Geográfica • Cultural
Surpresa <ul style="list-style-type: none"> • Inesperado 	Governo <ul style="list-style-type: none"> • Interesse Nacional • Decisões e Medidas • Inaugurações • Eleições • Viagens • Pronunciamentos
Tragédias/Dramas <ul style="list-style-type: none"> • Catástrofe • Acidente • Risco de morte/morte • Violência/crime • Suspense • Emoção • Interesse humano 	Justiça <ul style="list-style-type: none"> • Julgamentos • Denúncias • Investigações • Apreensões • Decisões Judiciais • Crimes

Fonte: Silva (2005)

Estas definições e os valores-notícia apontados por Gislene Silva (2005) nos permitiram identificar, selecionar, hierarquizar e apresentar as matérias e reportagens do Repórter Rá-Teen-Bum. Elas também estruturam as nossas discussões sobre o que o programa escolhia apresentar ao público infantil, como por exemplo, quais assuntos preponderam. Estabelecendo a articulação necessária entre a teoria e a metodologia.

Neste caso as reportagens e matérias são catalogadas, por episódios, dentro do valor-notícia proposto por Silva (2005). Essa categorização passa por interpretações a partir das correntes teóricas que fundamentam este trabalho.

5.2. CATEGORIZAÇÃO LIVRE

O outro caminho metodológico que esta pesquisa segue é a observação do lugar que a criança ocupava no Repórter Rá-Teen-Bum. Isso acontece a partir de uma categorização livre elaborada com base nas conexões feitas em nosso referencial teórico, que aborda a Sociologia da Infância e o jornalismo como construção do real. Através dessa categorização buscamos saber como se deu a participação da criança nos conteúdos analisados. Caminho que nos leva a alcançar um dos objetivos deste trabalho, que é perceber se o espaço oferecido pelo Repórter Rá-Teen-Bum garantia o protagonismo infantil.

Assim, classificamos a participação das crianças e adolescentes em dois

enquadramentos: a criança como protagonista e a criança como fonte primordial.

Tabela 3 – Categorização livre para conhecer a participação da criança e adolescente nos conteúdos analisados

A criança como protagonista	Quando a criança ou adolescente é a própria história, aquilo que ela é, ou faz.
A criança como fonte primordial	Quando a criança personaliza o tema abordado, é o sujeito usado para falar sobre determinado assunto.

Fonte: Autoria própria

Em resumo, a presente pesquisa concentra-se em dois pontos: conhecer os valores-notícias adotados pelo Repórter Rá-Teen-Bum; e perceber o lugar que a criança e adolescente ocupavam nas reportagens e matérias, sendo esta última análise realizada a partir da categorização livre criada para efeito desta pesquisa. Ambos os achados passam por interpretações e são relacionados com as correntes teóricas que fundamentam este trabalho, pois os dados não falam por si.

6. RESULTADOS

6.1 TV CULTURA

A TV Cultura foi fundada em 1960 pelos Diários Associados, mas nove anos depois, 1969, a Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativas) a adquiriu e até os dias atuais mantém a emissora. Segundo o site da TV Cultura, ela é custeada por dotações orçamentárias legalmente estabelecidas e recursos próprios obtidos junto à iniciativa privada. Além dela, a Fundação Padre Anchieta, que foi instituída pelo Governo do Estado de São Paulo em 1967, mantém a TV Rá-Tim-Bum (TV a cabo por assinatura) e duas emissoras de rádio: a Cultura Brasil e a Cultura FM. Administra, ainda, a Univesp TV. A sede desses veículos é em São Paulo, mas através das afiliadas, a TV Cultura chega a todas as regiões do país (PEREIRA, 2018).

É comum encontrar na grade da emissora programas de diversas temáticas: educação, artes, música, jornalismo, além de produções universitárias e outras. São muitos

os programas da TV Cultura que ganharam destaque nacional, entre eles o Roda Viva, que todas as segundas-feiras entrevista, em formato de mesa redonda, grandes personalidades do país. Mas a TV Cultura tem como uma de suas marcas a programação infantil e entre os produtos mais célebres deste canal está o Castelo Rá-Tim-Bum. Com a criação da TV Rá-Tim-Bum!, em 2004, a TV Cultura diminuiu a exibição de programas infantis em sua grade (PEREIRA, 2018).

Com longa história, a emissora é reconhecida mundialmente por sua programação educativa. Em 1998 ganhou o Prix Télévision Jeunesse, na Alemanha, como a melhor TV pública do mundo e em 2014²² foi considerada a segunda emissora de melhor qualidade do planeta, perdendo somente para a BBC One. A pesquisa foi feita pelo instituto Populus, sob encomenda da emissora britânica BBC.

6.2 REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

O Repórter Rá-Teen-Bum é uma iniciativa do grupo Wadada News for Kid. O projeto do Wadada foi criado em 2004 pela organização holandesa de mídia Free Press Unlimited. Segundo seu site, trata-se de uma cooperação internacional entre mídias que cria programas de vídeo e áudio em mais de 20 países. Os conteúdos produzidos trazem notícias, opiniões e histórias na perspectiva dos jovens. O editor-chefe de Wadada, Jan-Willem Bult, em entrevista em 2018 ao Centro Knight²³, disse que o Wadada busca reparar o dano que o jornalismo tradicional causa nas crianças, apresentando notícias numa perspectiva mais apropriada à percepção infantil.

Ele explica que as pessoas que produzem os programas são independentes, mas fazem parte de uma rede e por isso tem que respeitar alguns padrões de qualidade, mas também têm espaço para inventar. Segundo Jan-Willem, alguns programas são mais hard news, outros são uma mistura entre notícias e revista e independentemente do tema, sempre trazem o fator da alegria, algo positivo.

No Brasil, a cooperação aconteceu através da TV Rá-Tim-Bum, quando o programa foi exibido durante três anos: de 2016 a 2018. A produção era feita pela equipe da própria emissora e da TV Cultura, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). Tanto o nome do jornal como da TV se devem ao Castelo Rá-Tim-

²² Disponível em: <https://exame.com/casual/tv-cultura-tem-2a-melhor-programacao-do-mundo-diz-pesquisa/>. Acesso em 16/03/2023.

²³ Disponível em: <https://www.sjsp.org.br/noticias/como-produzir-noticias-para-jovens-leitores-4317>. Acesso em: 26/02/2022.

Bum, um dos programas infantis mais marcantes da TV brasileira.

De acordo com informações encontradas no Instagram da TV Rá Tim Bum, o Repórter Rá-Teen-Bum era exibido nas noites de sábado e domingos às 20h15. Os episódios também eram disponibilizados no canal do YouTube da emissora, onde ainda se encontram. Segundo Pereira (2018) o programa tinha como público crianças de até dez anos de idade. A duração de cada episódio ficava entre 9 e 13 minutos, sem intervalo.

6.3 ABERTURA E ENCERRAMENTO

Em geral, o programa tinha dois tipos de abertura, uma em que os episódios já começavam pela escalada²⁴ e outro em que a adolescente Nathália Falcão, responsável pela apresentação, aparece antes. Em plano médio²⁵, em pé, ela saúda os telespectadores de forma muito sorridente, informando que o programa vai começar. No programa 1, inclusive, ela faz uso de uma frase de efeito - Tudo feito para vocês, sobre vocês e com vocês. Só após esta saudação é que vem a escalada com imagens, onde só é possível ouvir a voz de Nathália. Em alguns programas, como o 36, a apresentadora também apareceu durante a escalada.

Nesse momento de anúncio dos conteúdos, do programa 1 ao 18, as imagens das reportagens e matérias apareciam dentro de círculos centralizados na tela. Do programa 19 ao 36, essas imagens ocupavam toda a tela e existe também uma referência a aparelhos tecnológicos, onde alguns conteúdos começam surgindo em um computador, produzido em forma de arte gráfica.

Depois da escalada, a apresentadora diz frases como: “O Repórter Rá-Teen-Bum está só começando”, “Agora no Repórter Rá-Teen-Bum”. Logo após entra a vinheta de abertura, que do programa 1 ao 18, acontece com o uso de imagens circulares, em movimento, enquanto rostos de pessoas, adultos e crianças, aparecem. Assim como o nome “Teen” em grande formato, na cor branca, vai fazendo um movimento na vertical, da direita para a esquerda. Do 19 ao 36, as referências são a aparelhos tecnológicos: celular, tablet e etc. Além disso, aparecem pessoas em espécie de sombras, tirando selfie; e crianças, também em formato de sombra, fazendo atividades jornalísticas: filmando e entrevistando. Ao fim das vinhetas de abertura aparece no centro da tela, em grande formato, a logomarca do programa.

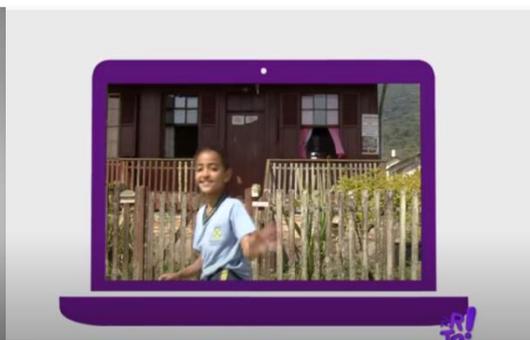
²⁴ Escalada – Manchetes sobre os principais assuntos do jornal. São frases curtas, cobertas ou não com imagens.

²⁵ Plano Médio: tomada que enquadra o personagem da cintura para cima.

Imagem 5. Escalada do programa 1



Imagem 6. Escalada do programa 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²⁶

Imagem 7. Vinheta de abertura programa 1



Imagem 8. Vinheta de abertura programa 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²⁷

Após a exibição do último quadro, Nathália se despede e depois aparece a tela final dividida. De um lado ficam passando imagens exibidas ao longo do programa e no outro os créditos da equipe de produção, ao som das trilhas utilizadas na abertura.

6.4 LOGOMARCAS, VINHETAS, TRILHAS E TELA DE FUNDO

Uma diferença notada nos episódios diz respeito às logomarcas²⁸, vinhetas, trilhas e telas de fundo, mostrando que elas mudaram ao longo dos anos de exibição do Repórter Rá-Teen-Bum. Até fevereiro de 2017, a principal referência é o planeta terra, o mapa-múndi é usado como tela de fundo. Ele aparece na cor cinza e os continentes estão destacados em branco. No canto superior da tela, do lado direito do telespectador, aparece a logomarca em formato de globo, que fica girando. Fora dele, em tamanho pequeno, está o nome “Repórter”, na cor verde, e dentro do globo, um pouco maior, o nome “Rá-teen-bum”, em amarelo. Dentro desse globo existe outro círculo (esse não faz movimento), que representa uma gota de

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

²⁸ Símbolo visual de uma marca.

água, onde aparece escrito “TV Rá Tim bum”.

A partir de março de 2017, a logomarca continua referenciando a terra, mas dentro do círculo estão pessoas em formato de sombra, e o nome “Repórter” pequeno e “Rá-teen-bum” maior, abaixo do globo. O nome “TV RTB”, dessa vez aparece no canto inferior do lado direito da tela do telespectador. A tela de fundo do cenário neste último é uma referência ao céu, com um azul claro predominante e um leve branco, lembrando as nuvens, dando a impressão de que a apresentadora está nas alturas. Do programa 1 ao 18, as cores predominantes são verde e amarelo, do 19 ao 36 a cor roxo é a mais utilizada, mas com detalhes amarelos.

Sempre são utilizadas vinhetas para começar as reportagens com os nomes dos quadros. Ao fim de cada quadro também são usadas vinhetas para que o público entenda que acabou e outro conteúdo será iniciado. No que diz respeito às trilhas, até fevereiro de 2017, elas possuem uma batida mais eletrônica, já a partir de março do mesmo ano até o fim da exibição do programa, elas têm melodias mais suaves.

Imagem 9. Logomarca programa 1



Imagem 10. Logomarca programa 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²⁹

6.5 APRESENTADORA - FIGURINO E PLANOS

Outra diferença percebida foi o uso dos planos quando a apresentadora aparece. Do programa 1 ao 18, o único plano usado durante a cabeça das matérias ³⁰é o médio. Já do 19 ao 36, há uma alternância entre médio, americano ³¹ e aberto ³². Por exemplo, no último episódio, Nathália começa a cabeça da reportagem em plano médio e depois a câmera muda para o aberto, mostrando todo o cenário, onde ela dava alguns passos e sentava em um banco, o que

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

³⁰ Texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

³¹ Normalmente enquadra os personagens dos joelhos ou quadris para cima.

³² Mostra todo o cenário.

gerava uma ideia de mobilidade.

A respeito do figurino da apresentadora, a opção era por cores fortes. No primeiro programa, por exemplo, ela aparece com uma blusa rosa e uma calça verde. Em outros episódios é possível vê-la de vestido, roupas com estampa xadrez e floral, colete, tênis, cabelo solto, amarrado ou parcialmente amarrado. Há pouco uso de acessórios, em alguns episódios foram vistos pequenos brincos.

Imagem 11. Figurino da apresentadora Nathália Falcão programa 1



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Imagem 12. Figurino da apresentadora Nathália Falcão programa 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!³³

6.6 QUADROS

A respeito dos quadros, o primeiro é o **Repórter**, que ocupa, em geral, o maior tempo do programa, com duração entre 3 e 4 minutos. No PGM 1, ele chegou a 4,35. É importante mencionar que são pautas³⁴ frias, mas em alguns aparecem temas que são recorrentemente discutidos na mídia tradicional, como imigração, tratado no primeiro programa.

O segundo quadro é o **Gira Girou**, quando acontece o intercâmbio com o Wadada. Aqui são trazidas reportagens produzidas pelo grupo e seus parceiros. São mostrados assuntos

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

³⁴ Roteiros sobre os assuntos que serão abordados na reportagem, podem ser temas atuais ou não, nesse último caso, são chamadas de pautas frias.

curiosos que estão acontecendo ao redor do mundo. O Gira Girou também ocupa um espaço considerável no Repórter Rá-Teen-Bum, com mais de 3 minutos. Esses conteúdos em resumo contêm offs³⁵ e entrevistas.

O terceiro quadro **É nós**, se assemelha ao Repórter, em geral são assuntos curiosos sobre alguma criança ou adolescente, como no PGM 36, quando a menina Heloísa mostra como é viver na vila operária Paranapiacaba.

O último quadro é o **Você viu?**. Aqui são abordados, em sua maioria, temas atuais, como os perigos do Aedes Aegypti, os prejuízos do uso demasiado de aparelhos tecnológicos, lei aprovada para combater o bullying e outros. O formato predominante deste quadro é uma reportagem coberta com imagens e offs, sem a presença de entrevistados.

A observação destes aspectos mais técnicos do Repórter Rá-Teen-Bum nos fez perceber que o programa buscou caminhos diferentes daqueles trilhados pelos telejornais tradicionais. A ideia foi tornar o visual e o estilo do RTB adequado ao público infantil. A duração dos episódios, por exemplo, não chegava aos 15 minutos. Diferente dos telejornais para adultos, que em geral passam dos 30 minutos. Isso acontece porque o vínculo entre a criança e o jornalismo ainda está sendo criado e é improvável que fique tanto tempo diante de uma televisão vendo um telejornal.

A dificuldade em prender a atenção do público infantil é muito discutida por todos aqueles que lidam com crianças, como pais e professores, tendo em vista que os pequenos mudam o foco com frequência³⁶. Nesta fase da vida a atenção é facilmente dispersada, por isso conteúdos muitos longos podem não ser uma boa estratégia para conversar com esse grupo. O Repórter Rá-Teen-Bum parece ter entendido desta maneira. Além disso, o programa não continha intervalos comerciais, como o dos adultos, respeitando a proibição de publicidade infantil no Brasil.

Os figurinos da apresentadora também fogem ao tradicionalismo dos telejornais. A opção por sempre usar cores vivas e até mesmo estampas foi uma tentativa de gerar identificação com seu público. A ideia foi vestir Nathália como outras crianças se vestem. Sabendo também que a utilização de uma paleta variada é um artifício usado com frequência em produtos feitos para o público infantil. Podemos lembrar do conceito Psicologia das Cores³⁷, muito difundido no marketing, mas usado nas mais diversas áreas, como educação e

³⁵ Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

³⁶ Disponível em: <https://www.oficinadepsicologia.com/desatencao-em-criancas/>. Acesso em 22/05/2023.

³⁷ Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/ilo/article/view/3528/2502>. Acesso em: 22/05/2023.

comunicação. Uma estratégia para atrair e reter o olhar de quem recebe a mensagem.

O Repórter Rá-Teen-Bum usou esse mecanismo não somente no figurino da apresentadora, mas do mesmo modo no cenário e vinhetas. As trilhas tiveram proposta parecida, gerar a sensação de algo mais leve e alegre, como se de fato o programa desejasse se dissociar da imagem de um telejornal tradicional.

Isso também justifica a não utilização de bancada e de papéis ou aparelho tecnológico, como computador ou tablet (geralmente usado para ver o espelho do jornal), por parte de Nathália. Na maioria das vezes ela aparece em pé, em plano médio, parecendo estar bem próxima do telespectador. As diferenças também são percebidas com relação aos critérios de noticiabilidade, fontes e linguagem, como veremos a seguir. As semelhanças ficam por conta de alguns formatos para apresentar o conteúdo, como reportagens e notas cobertas.

7. VALORES-NOTÍCIAS DO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

Para a análise, observamos, todos os programas do Repórter Rá-Teen-Bum disponíveis no canal do YouTube da TV Rá-Tim-Bum. Foram assistidos 36 episódios exibidos entre 2016 e 2018. Para ajudar nas discussões a seguir, sobre o que escolheu oferecer ao público infantil em seus anos de exibição, elaboramos uma tabela geral com os assuntos tratados em cada programa.

Tabela 4 – Assuntos abordados em todos os programas do Repórter Rá-Teen-Bum

Episódio	Repórter	Gira-Girou	É Nós	Você viu?
Programa 1	A rotina de dois irmãos que vieram para o Brasil junto com os pais para fugir da guerra na Síria.	Afogamentos/Aulas de natação em Bangladesh; Presença de cachorros nas salas de aula na África do Sul; e Educação financeira nas salas de aula de Curaçau.	Paulo Henrique de 17 anos mostra o que faz um Jovem Aprendiz.	História da primeira arara azul nascida em cativeiro no Brasil.
Programa 2	História da Wendy Camile, que fala sobre a falta de água na localidade em que mora no estado de São Paulo.	Orquestra Juvenil sinfônica da Nicarágua; e Trem Maglev no Japão.	História de duas irmãs da Nicarágua que cultivam plantas para vender e conseguir dinheiro para o encontro dos escoteiros no Panamá.	Cuidados para evitar o mosquito Aedes Aegypti.
Programa 3	História de duas meninas (irmãs), moradoras de São Paulo, que moram numa casa com diversos materiais reciclados.	Um grupo de pessoas da Bolívia que usam a bicicleta para levar uma vida mais saudável; e Escola de férias no Suriname, onde as crianças aprendem novas brincadeiras.	Rotina de dois irmãos que moram na Ilha de Búzios-SP.	Entrada em vigor da lei que obriga as escolas a adotarem medidas de prevenção contra o Bullying.
Programa 4	História de uma adolescente de 14 anos, que fala sobre Vesselka, uma dança Ucrâniana. A reportagem mostra, ainda, a rotina diária da menina.	História de um menino da Birmânia, de 11 anos, que cuida de elefantes; e História de uma menina da África do Sul que tem medo de altura, mas elabora desafios para vencer este medo.	História de uma escola pública de São Paulo que oferece aos seus alunos atividades diferentes das convencionais, como aula de culinária, minizoológico e horta.	Possibilidade de liberação de celulares em sala de aula nas escolas da rede pública de São Paulo.
Programa 5	História do David, um menino bailarino.	Mulheres que jogam videogame; e Festival da água na Birmânia.	História da Potyra, uma menina surfista, de 14 anos, moradora de Ubatuba-SP.	História de uma escola de São Paulo que trabalha, através da ludicidade, questões como raça e gênero.
Programa 6	História do Fábio Rodrigues de 15 anos fala sobre o projeto TV DOC, que busca dar visibilidade ao que acontece na região periférica de São	Movimento na Birmânia para combater o preconceito contra pessoas que têm o vírus HIV.	História do Felipe Ribeiro, 17 anos, atleta profissional de natação.	Projeto Rio Doce Help - mobilização para lembrar o desastre ambiental na cidade de

	Paulo, mais precisamente em Capão Redondo.			Mariana-MG.
Programa 7	História do Israel de 13 anos que fala sobre programação de computadores.	Terapia de crianças na Bolívia onde cachorros são usados para estimular a leitura e a paciência; e Projeto no Suriname para as crianças ficarem mais tempo na Escola, com aulas extras.	História do Daniel de 11 anos, fã de computadores e que está participando do Campus Party Brasil, festival de tecnologia.	Estudo sobre o medo de jovens que não entendem de tecnologia quando pensam em seu futuro profissional.
Programa 8	História do Pedro Henrique Cortês de 14 anos que criou um canal no youtube sobre heróis negros brasileiros.	Iniciativa na Nicarágua que busca, através da conscientização de jovens, combater a violência contra a mulher; e Projeto de reciclagem em uma escola do Equador.	História da menina Alice que ajuda o pai a procurar baleias.	Projeto território do brincar.
Programa 9	Projeto Parlamento Jovem da Câmara Municipal de São Paulo para despertar o interesse de crianças e adolescentes pela política.	Feira de troca de objetos usados na Bolívia.	História do Luis Felipe de 11 anos que investe na bolsa de valores.	Estudo mostra os prejuízos que podem acontecer quando as crianças ficam muito tempo em frente a telas de computador, tablet ou celular.
Programa 10	História do Lorenzo de 14 anos que gosta de cozinhar.	História do projeto de uma escola do Equador que estimula as crianças a cultivarem uma horta de produtos orgânicos.	História do menino George de 13 anos que mora na vila Alter do Chão no Pará.	Redução da população de abelhas e como isso afeta o equilíbrio do ecossistema.
Programa 11	História da MC Soffia, 12 anos, que fala sobre sua rotina e sobre racismo.	Crianças do Suriname falam sobre zonas seguras de trânsito construídas próximas a escola em que estudam.	História do Guilherme, 10 anos, um menino com deficiência.	Problemas de saúde que podem ser causados por som alto, em especial através de fones de ouvido.

Programa 12	Histórias de três garotos de Barra de Caravelas-BA que gostam de cavalgar.	Um projeto de reciclagem que está conscientizando estudantes de uma escola no Equador.	História da Ana Luiza, 10 anos, e seu cão guia Tiffany. A criança tem uma doença degenerativa.	Rotina do Peregrino e Aurora, dois ursos polares do aquário de São Paulo.
Programa 13	História do Raphael, 15 anos, que conta como é ser bilíngue.	História de um grupo de alunos de uma escola do Equador que tem um programa de rádio.	História da Ana Cristina, participante da Olimpíada Brasileira de Robótica.	Campanha #todasasfamílias.
Programa 14	História da Giovanna, 10 anos, que criou um projeto para doar livros.	História do Tito da Bolívia que gosta ler e estudar, mas não vai a escola.	História da Giovana, 11 anos, ginasta.	Projeto Onçafari. Fala sobre a importância da onça-pintada, que está ameaçada de extinção.
Programa 15	História da Violeta, 8 anos, e do Micah, 6 anos, dois irmãos que moram numa Casa Sustentável em São Paulo.	História da Sofia, 16 anos, patinadora artística do Equador.	História da Tereza, 10 anos, que faz parte do Ilú Obá De Min, um grupo que mantém as tradições africanas em São Paulo.	Gameificação, dicas para se ter cuidado com a busca de bichinhos virtuais (Pokémon Go) pelas ruas.
Programa 16	História da Yasmim, 13 anos, e do Henry, 12 anos, que fazem um curso de joalheria em São Paulo.	História da Geneviva, 18 anos, jovem do Suriname que age como uma repórter e vai até uma escola local saber o trabalho que é feito para ajudar os adolescentes a escolherem suas profissões.	História do Leopoldo, 13 anos, praticante de moto velocidade.	História da primeira galeria de arte fluvial do mundo, na Ilha do Combú-PA.
Programa 17	Anime Friends, o maior evento no Brasil sobre quadrinhos e cultura japonesa.	História de uma escola do Equador, onde os alunos transformam alimentos em arte.	História do Luís Henrique, 11 anos, e do João Vitor, 14 anos, irmãos que moram em uma comunidade ecológica, em São Paulo.	História de aulas de capoeira em uma escola municipal da Bahia.
Programa 18	História do grupo "As Negras" de uma comunidade do Rio de Janeiro.	História do Nyein Chan, um adolescente que pratica futebol no país Myanmar.	História da Ana Carolina, 18 anos, apaixonada por robótica, e vai estudar em uma das melhores faculdades dos Estados Unidos.	Projeto Hip Hop Educa em São Paulo.
Programa 19	Uso da internet pelas crianças.	Projeto que protege os sapos da extinção.	Crianças e adolescentes que	Pegada de carbono.

			fazem a renda filé em Alagoas.	
Programa 20	Padrões de beleza.	História da Doce Vara Celeste, 8 anos, uma menina da Bolívia que tem uma doença rara.	Casa Escola de Pesca em Belém-PA.	Importância de fazer exercícios físicos.
Programa 21	A importância da alimentação saudável e exercício físico.	Projeto de uma escola do Suriname, que arrecada produtos para doar a instituições que ajudam crianças.	História do grupo musical de crianças, Espoleta Blues de Belém do Pará.	Dicas de locais, em especial, o Sesc, para fazer atividades físicas.
Programa 22	Matéria fala sobre a rotina de consumo das crianças entrevistadas.	Matéria sobre um grupo de mulheres da Nicarágua que discutem diversos assuntos com alunos em escolas de Rivas.	História do Juan Pablo, 13 anos, que faz aulas de teatro em Belém do Pará.	Matéria sobre o site Quintal das Trocas.
Programa 23	Matéria sobre bons comportamentos.	Matéria sobre campanha criada por estudantes do Equador que testa os reflexos das pessoas pra evitar os acidentes de trânsito.	História do MC Mirim (Pedro Henrique), de 11 anos, de São Paulo.	Matéria sobre a importância de ajudar a arrumar a casa.
Programa 24	Matéria sobre uma oficina Maker.	História do Airon, 8 anos, do Peru, que criou um site para alertar as pessoas a não jogar lixo no chão.	História de uma família de migrantes do Congo que vive em São Paulo.	Matéria sobre um trabalho de arte (desenho) feito pelas crianças com deficiência atendidas na AACD.
Programa 25	História de um curso sobre artesanato com cerâmica e argila em Icoaraci, no norte do país.	Aulas de meditação e técnicas de respiração em uma escola do Nepal.	História do João, de 9 anos, que pratica esgrima.	Possibilidade de uma Cidade em Marte e estação espacial na Lua.
Programa 26	Acampamento cigano.	História do Miguel, de 11 anos, que pratica meditação.	História da Jullia, 7 anos, que participa do projeto golf nota 10, em São Paulo.	Como funciona a eleição do conselho de estudantes de uma escola em Bangladesh.
Programa 27	História do Taiko, estilo de música japonesa.	Vacinação contra a cólera na Zâmbia.	História do Matheus, criança com deficiência que participa do projeto remo meu rumo.	Uso excessivo de celular pode causar problemas de visão. Criação de faixas luminosas em alguns países da Europa para

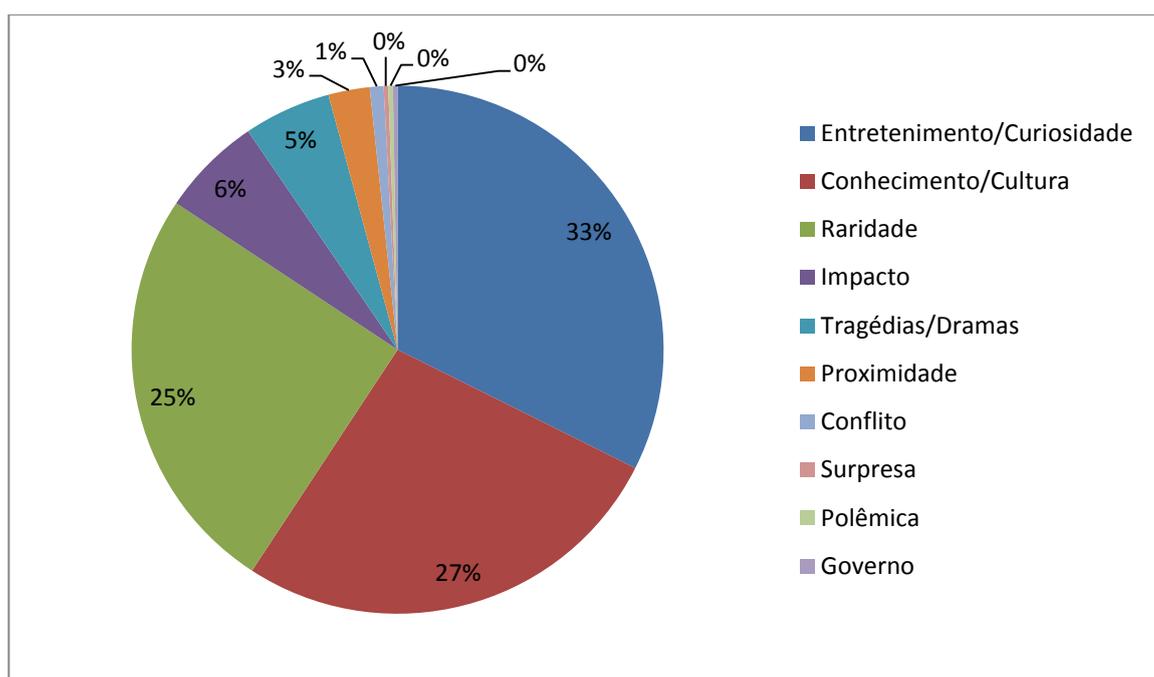
				ajudar as pessoas a não se distraírem quando estiverem no celular.
Programa 28	Crianças falam sobre o que acham da proteção excessiva dos pais.	História de algumas crianças da Bolívia que não vão à escola porque são educados em casa.	História do João Vitor, 12 anos, que participa de um projeto de futebol.	Impacto do plástico para o meio ambiente.
Programa 29	Peça de teatro Heróis à Vista para pessoas com deficiência visual.	História do menino Riche da África do Sul que sofreu bullying na escola.	História do Hiram Barolli, 13 anos, dublador.	Neuroeducação - Ginástica para o cérebro.
Programa 30	Projeto Skate Social.	Oficina de argila no Nepal.	História da adolescente Yasmim, que faz bebê reborn.	Novos métodos de ensino nas escolas.
Programa 31	Projeto de uma escola particular que abre seu laboratório de robótica para alunos de escola pública.	Alunos e professores de Bangladesh falam sobre as dificuldades com o horário escolar estendido: falta de merenda, sono.	História da Isabela que pratica equitação.	Descoberta do novo sistema solar.
Programa 32	Projeto Samuzinho.	História do jovem Ramiro, da Bolívia, que tem a doença celíaca.	História do adolescente Vinicius, que toca viola.	Projeto de uma escola estadual que explica as profissões para os alunos.
Programa 33	História de crianças que aprendem música clássica através de um projeto social.	Duas crianças que analisaram pontos de ônibus no Suriname.	História da adolescente Beatriz, que tem o projeto social Olhar de Bia, voltado para crianças e adolescentes carentes.	História do David de Maceió, 16 anos, empreendedor, que dá palestras sobre empreender.
Programa 34	História da Escola Técnica Benedito Storani, do interior de São Paulo, que ensina a lidar com plantas e animais.	História de um grupo de escoteiros da Bolívia que plantou cinco mil árvores.	História da criança Edna Julia, que faz aulas de capoeira no Centro Cultural Raul Seixas, em São Paulo.	Desenvolvimento de um projeto de casa lunar feito por estudantes de uma universidade brasileira para a Nasa.
Programa 35	Alunos da Escola pública Raimundo Correia falam sobre democracia e corrupção.	Mulher da Nicaraguá que ensina a fazer caracterização.	História da menina Gabrielle, que escreve poesias.	História do menino Erick que investiu no Bitcoin.
Programa 36	Matéria sobre religião.	Olimpíada Científica da Bolívia.	História da menina Heloísa, que mora na primeira vila operária	Matéria sobre o uso excessivo de tecnologia

			do Brasil, Paranapiacaba.	(celular, tablet, computador).
--	--	--	------------------------------	-----------------------------------

Fonte: Autoria própria

A visualização de todos os programas do Repórter Rá-Teen-Bum nos permitiu traçar algumas discussões sobre nosso objeto de estudo e apontar o que ele entende como valor-notícia para seu público. A partir da análise dos episódios, destacamos que todos os conteúdos verificados se encaixaram em mais de um critério, como já havia pontuado Silva (2005) “Na prática da produção noticiosa, todos esses critérios variados de noticiabilidade atuam concomitantemente” (p.96). Nos 36 episódios, 270 assuntos foram tratados e foi percebido que são predominantes os valores-notícias Entretenimento/Curiosidade, que apareceu 116 vezes e Conhecimento/Cultura, que esteve presente em 96 conteúdos, conforme a gráfico abaixo:

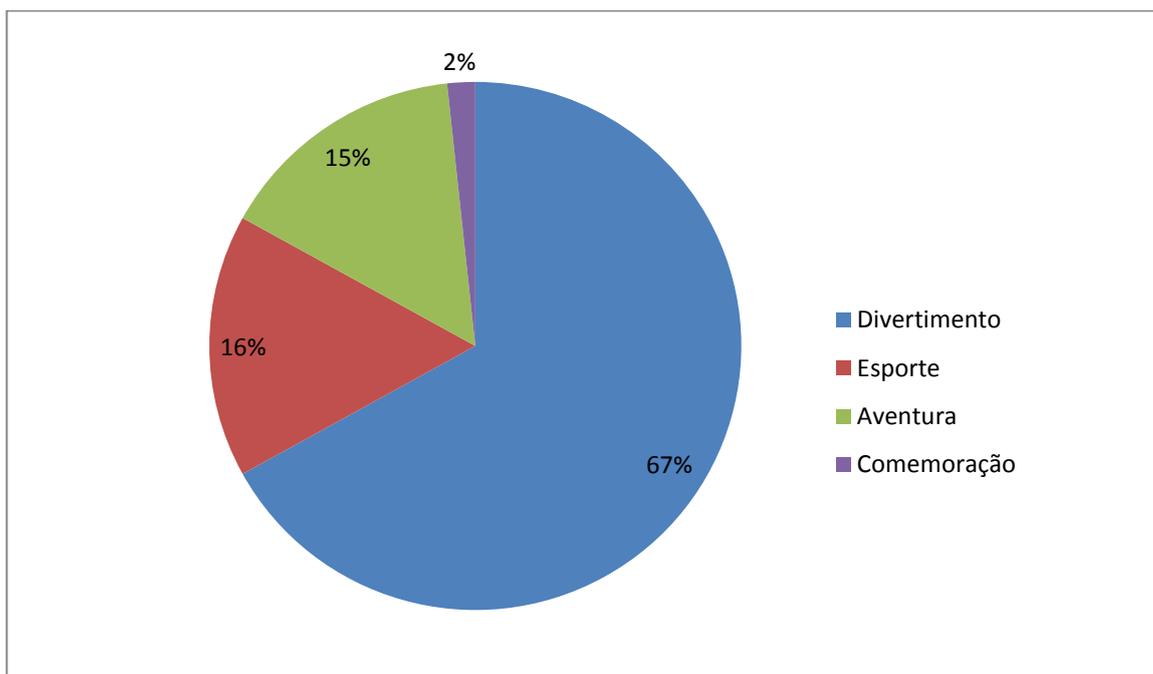
Gráfico 1. Valores-Notícias adotados pelo Repórter Rá-Teen-Bum



Fonte: Autoria própria

Dentro da categoria mais presente, Entretenimento/Curiosidade, se destaca o valor-notícia Divertimento, que apareceu 79 vezes.

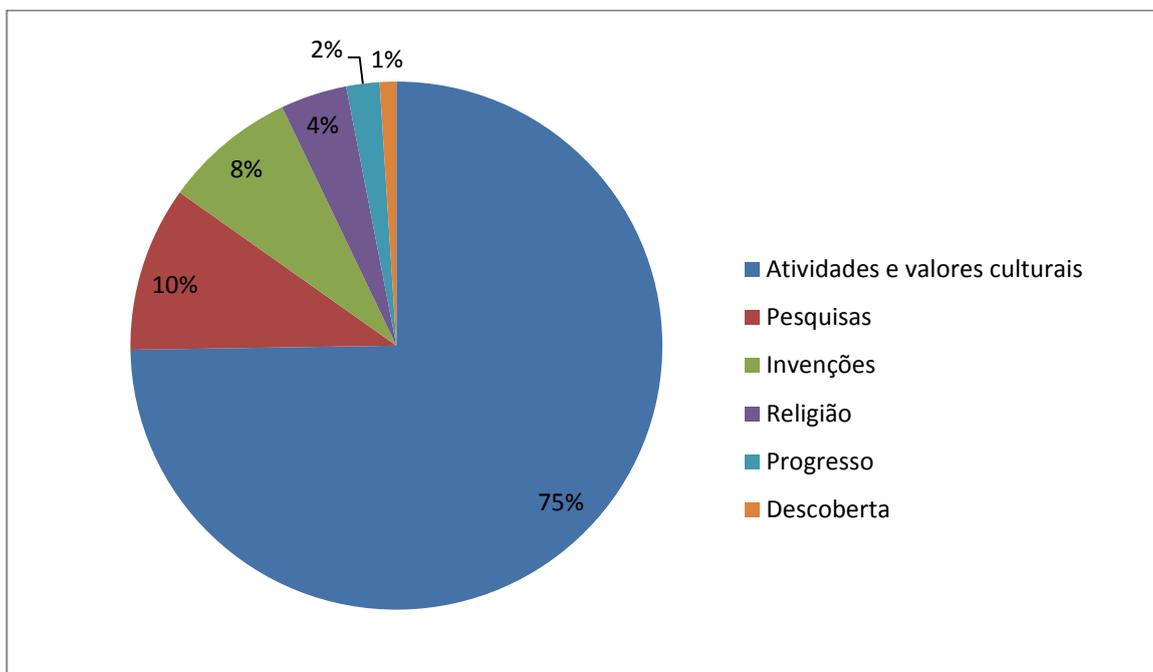
Gráfico 2. Valor-Notícia Entretenimento/Curiosidade



Fonte: Autoria própria

Já no campo de Conhecimento/Cultura, matérias e reportagens sobre atividades e valores culturais foram mais predominantes, estando presente em 74 conteúdos.

Gráfico 3. Valor-Notícia Conhecimento/Cultura

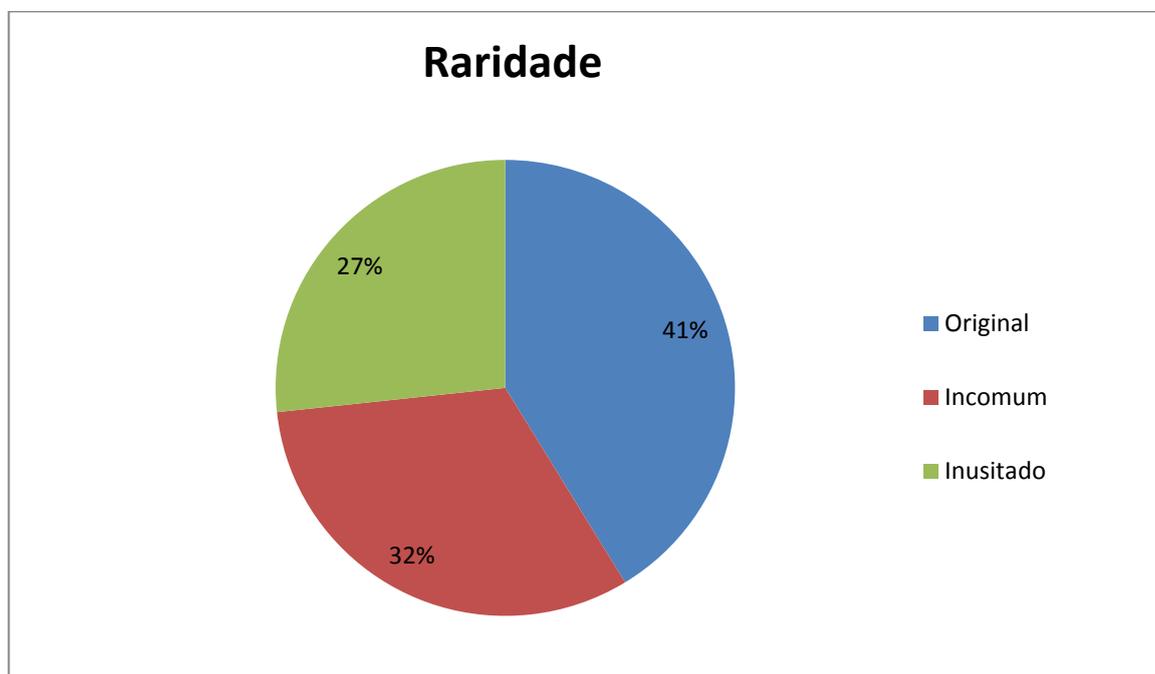


Fonte: Autoria própria

E dentro da categoria do terceiro valor-notícia mais presente, Raridade, fatos originais

ocuparam maior espaço em nosso objeto de estudo, aparecendo 85 vezes.

Gráfico 4. Valor-notícia Raridade



Fonte: Autoria própria

Os gráficos nos mostram que o Repórter Rá-Teen-Bum buscava entreter seu público com matérias e reportagens sobre fatos curiosos e originais. O objetivo era principalmente transmitir valores que julgava correto. Foram muitos os assuntos curiosos contados pelo programa: História de um menino da Birmânia, de 11 anos, que cuida de elefantes; Presença de cachorros nas salas de aula na África do Sul; entre tantos outros. Entendemos que o programa buscou conversar com seu público através da excepcionalidade, que importa na infância, afinal as crianças se interessam pelo diferente, exótico. Essa linha também é seguida por outros parceiros do Wadada e como disse o editor-chefe do grupo, Jan-Willem Bult, o fator da alegria deve estar sempre presente. Assim percebemos que muitos conteúdos do programa atenderam o que a rede Wadada estabelece.

O valor notícia **Conflito**, por exemplo, é identificado em apenas duas reportagens, que, inclusive, falam sobre o mesmo assunto: imigração. No PGM (programa) 1 é contada a história de dois irmãos que vieram para o Brasil com os pais para fugir da guerra na Síria. Já no PGM 24, é contada a história de uma família do Congo que também veio para o Brasil por causa da guerra. Nessa matéria é ouvida a menina Jessy e sua mãe Sylvie. Os conflitos armados nas nações em questão não são explicados, mesmo sendo citados nas cabeças das matérias e pelos entrevistados, que em resumo falam das suas rotinas no novo país e como foi

a adaptação.

Essas reportagens do mesmo modo têm como valor-notícia **Tragédias/Dramas**, e dentro dessa categoria identificamos **Violência** (A partir da fala dos protagonistas da reportagem, a audiência entende que guerra é um ato de violência, já que por causa dela pessoas precisam sair do seu país). A menina Jessy também diz que saiu do Congo porque os militares entraram em sua casa e os agrediram muito. O valor-notícia violência também apareceu no PGM 29, quando o menino Riche, da África do Sul, diz que seus colegas de escola bateram nele por causa de bullying. Nesses conteúdos também foi possível visualizar **Risco de morte/morte; e Emoção**.

Risco de morte apareceu também no programa 1, no quadro Gira Girou na matéria sobre aulas de natação em Bangladesh. O conteúdo se baseia no alto índice de afogamentos de crianças no país e reforça a importância desse público aprender a nadar. O valor-notícia **Polêmica** foi identificado uma única vez. No programa 4, no quadro Você viu? A matéria fala sobre a lei que discute o uso de celulares em sala de aula na cidade de São Paulo e destaca as discussões que estão acontecendo em torno do tema.

A opção por esses assuntos nos faz lembrar algumas pesquisas citadas em nosso estado da arte (capítulo dois), como a tese da professora Doretto (2015). Ao observar as cartas dos leitores enviadas às revistas *Ciência Hoje das Crianças* (Brasil) e *Visão Junior* (Portugal), ela percebeu que entre os temas que atraem a atenção das crianças estão: animais, natureza, carreira, curiosidades e esportes. Todos eles encontrados também no Repórter Rá-Teen-Bum.

Ou seja, valores-notícias comuns no jornalismo tradicional, como política e violência, pouco aparecem, ou sequer aparecem, como Proeminência e Justiça, que não foram identificados em nenhum conteúdo. A ausência dessas temáticas no Repórter Rá-Teen-Bum nos faz voltar a Sociologia da Infância. Ao escolher oferecer para o seu público majoritariamente entretenimento, ou seja, temas “leves”, o programa parece ignorar o que defende Pinto (1997), quando nos fala que a criança tem capacidade crítica e reflexiva. O próprio RTB prova isso ao ouvi-las nas reportagens. Ao excluir ou pouco oferecer esses assuntos, nosso objeto de estudo limita o que Sarmiento (2008) chama da criança como ator social.

Não basta apenas promover a participação desse grupo, como argumenta a SI, se o espaço a ele designado apenas reforça a imagem da criança com limitações críticas, incapaz de opinar sobre tópicos mais “sérios”. Na Sociologia da Infância, base teórica deste trabalho, a criança é vista como um sujeito com autonomia, que pode ser introduzida a todos os assuntos, desde que adaptados às suas idades. É também o que garantiu a Convenção sobre os

Direitos da Criança abordada no capítulo três.

7.1. TEMAS ABORDADOS NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

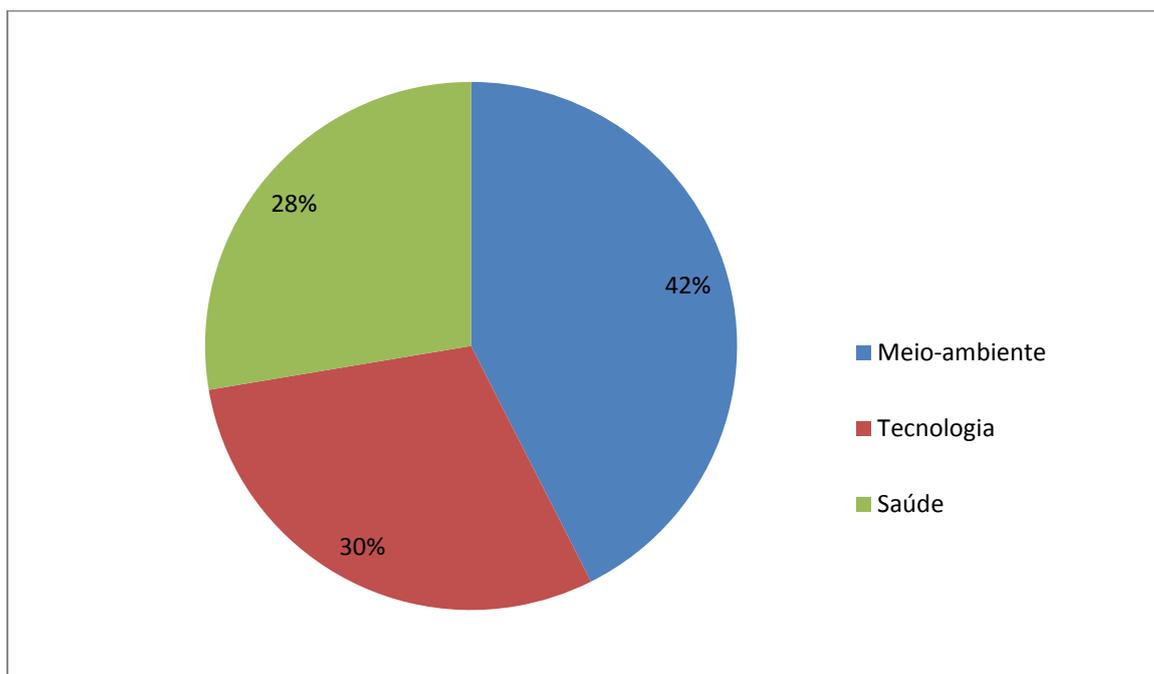
Ao assistir todos os episódios sentimos a necessidade de aprofundar o debate a partir de alguns temas que o Repórter Rá-Teen-Bum apresentou ao seu público. Nossa ideia aqui é entender como esses assuntos, que julgamos importantes, foram abordados, buscando, por exemplo, observar a linguagem, as explicações dadas sobre cada temática e principalmente fazendo uma interpretação ampla das falas das crianças e adolescentes. Acreditamos que isso nos ajudará numa análise mais aprofundada do programa. Dividimos essa parte do nosso trabalho em: assuntos que apareceram mais de uma vez no Repórter Rá-Teen-Bum; e assuntos que apareceram uma única vez no Repórter Rá-Teen-Bum.

Uma observação é que buscamos ser fiel às falas das crianças e adolescentes, ou seja, não há o seguimento correto da norma culta da língua portuguesa. Além disso, os depoimentos foram colocados em um único parágrafo, não quer dizer que o entrevistado (a) falou tudo que está transcrito em uma única sonora, houve a junção das falas que aparecem entre os offs. O propósito foi trazer a ideia geral do que a criança ou adolescente falou.

7.2. ASSUNTOS QUE APARECERAM MAIS DE UMA VEZ NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

O Repórter Rá-Teen-Bum apresentou ao seu público, frequentemente, temáticas sobre meio-ambiente, tecnologia e saúde. Eles apareceram 47 vezes, sendo 20 temas ligados ao meio-ambiente; 14 a tecnologia e 13 a saúde.

Gráfico 5. Temas frequentes que apareceram no Repórter Rá-Teen-Bum



Fonte: Autória própria

O meio-ambiente é um critério de noticiabilidade relevante para o programa. Em geral essa temática foi enquadrada no valor-notícia Tragédias/Dramas (Interesse humano), porque seguem uma linha de falar sobre os cuidados que devemos ter com a natureza e o que pode acontecer caso não façamos isso.

Foram muitas as matérias e reportagens que trouxeram essa temática, em geral, elas abordavam iniciativas que ajudam o meio ambiente, como um projeto de reciclagem em uma escola do Equador no PGM 8. Também apareceram ações que buscam combater a extinção de alguns animais, como onça-pintada, sapos e abelhas. Ainda foram explicados alguns assuntos como o que é pegada de carbono. Mas, é possível ver algumas problemáticas nas abordagens deste tema. Na matéria, por exemplo, sobre os prejuízos que o plástico traz para o meio-ambiente, o texto contém termos pouco conhecidos do universo infantil. Vejamos um trecho do off.

– Se não for descartado corretamente, o plástico polui o solo e os oceanos, matando animais e afetando todo ecossistema. O plástico hoje representa 80% do lixo marítimo. Todos os anos são lançadas mais de 80 toneladas desse material nos oceanos, que causam prejuízo de 8 bilhões de dólares. Fora a degradação da natureza.

Como percebemos, algumas das palavras transcritas são pouco usadas por crianças. O programa às vezes parece esquecer a idade do público que ele próprio escolheu se destinar: crianças de até 10 anos. Porcentagem, por exemplo, sequer foi introduzido na escola para crianças de 7, 8 e 9 anos, pois o assunto só começa a aparecer a partir do quinto ano para pessoas com idade a partir dos 10. Ela até pode ser usada, mas desde que explicada. Além disso, o valor em dinheiro poderia facilmente ter sido substituído por valor na moeda brasileira e para ajudar na compreensão ter sido feito um comparativo do que dá para comprar com tanto dinheiro gasto, de preferência algo do universo infantil. A comparação também poderia ajudar a falar de toneladas.

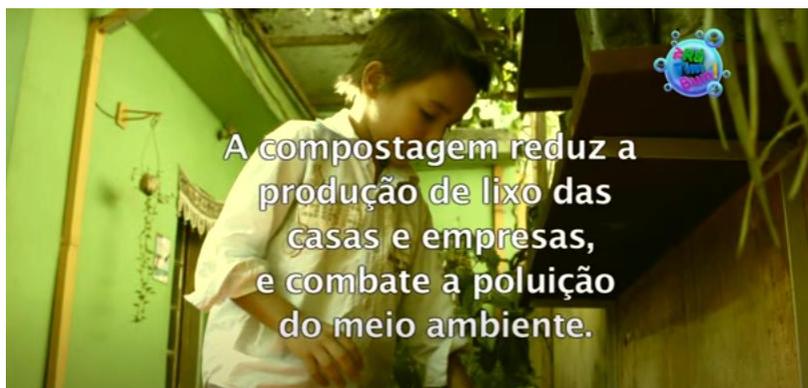
Já a porcentagem poderia ter sido retirada e falado apenas que o plástico é o lixo mais encontrado nos oceanos. Para falar de ecossistema, dentro do contexto da matéria, poderia ter sido dito que além de matar os animais, o produto prejudica tudo o que vive no mar, como as algas, que servem de alimento para alguns peixes. A palavra degradação também possui vários sinônimos mais utilizados no dia-a-dia, facilmente poderia ser dito que o plástico faz mal a natureza. Além disso, a matéria traz todos os prejuízos que o produto causa, mas não ensina ao seu público como fazer o descarte correto, apenas diz que se deve reduzir o consumo.

Ainda para falar da temática meio-ambiente, o Repórter Rá-Tenn-Bum usou a sua abordagem mais comum: crianças que vivem ou fazem algo inusitado. Então foi contada, por exemplo, a história de dois irmãos que moram em uma casa sustentável, no PGM 15. Essas crianças explicam algumas atividades feitas no local, como a captação de água da chuva.

– A Água da chuva a gente coleta ela. Usa para regar, para ter mais água. Ela vem do telhado e vem para cá. Coletar a água da chuva é bom para economizar a água do planeta. (Micah, 6 anos, PGM 15).

Em alguns momentos nesta reportagem aparece a explicação de alguns termos usados, como composteira. Quando Micah fala essa palavra há uma pausa na imagem e aparece um texto na tela, sendo narrado pela apresentadora Nathália Falcão.

Imagem 13. Micah, 6 anos, no quadro Repórter, PGM 15



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Em seguida, a criança explica o processo.

– A gente tem pouco lixo porque ao invés da gente jogar na rua, a gente joga na composteira, daí a minhoca come o resto de comida, faz cocô e aí é o adubo para as plantas nascerem. (Micah, 6 anos, PGM 15).

O mesmo acontece quando Violeta, 8 anos, fala do mel das abelhas que a família cria. Aparece um texto enfatizando os benefícios do mel da abelha em questão.

Imagem 14. Quadro Repórter, PGM 15



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

O termo anti-inflamatória poderia ter sido melhor explicado, ou substituído por outro que causasse melhor entendimento ao público infantil. Uma sugestão seria: O mel da abelha Jataí vai te deixar mais forte e se você estiver com alguma inflamação, como dor na garganta e dor no dente, ele também pode ajudar.

Escrever para a infância requer um cuidado mais atencioso com o vocabulário, é preciso sempre pensar nos termos que esse grupo usa. Comparações são sempre uma boa sugestão, principalmente quando feitas com algo que os soa familiar. Um exemplo está no Diário XS, da TV portuguesa RTP2, estudado por Dias e Borges (2012). As autoras explicam que quando é utilizado termos mais complexos, esses são explicados e a linguagem é extra-simples.

O que nos faz também lembrar o que falou uma das crianças entrevistadas por Silveira (2019) em sua pesquisa. Quando questionada sobre a linguagem usada pelo jornalismo adulto, a entrevistada diz que se eles pensassem nas crianças não usariam certas palavras. Pelo que observamos em nosso objeto de estudo, não é apenas o jornalismo adulto que erra ao escolher “certas palavras”, mas também o infantil.

Ainda observando os temas que apareceram com frequência no Repórter Rá-Teen-Bum, percebemos que tecnologia é uma pauta constante no programa e em geral segue o viés de Entretenimento/Curiosidade (Divertimento) e Conhecimento/Cultura. Esse assunto apareceu de várias formas, desde matérias que tratam sobre os prejuízos que podem acontecer quando as crianças ficam muito tempo em frente a telas ao festival de tecnologia, Campus Party Brasil. Inclusive, trouxe, ainda, pautas quentes, como a gamificação, dando dicas de segurança para aqueles que gostam de buscar bichinhos virtuais pelas ruas. O Pokémon GO, por exemplo, chegou ao Brasil em 2016, ano de estreia do Repórter Rá-Teen-Bum, e foi uma grande febre entre os mais jovens.

Por mais que este trabalho use como referência principal os valores-notícias de Silva (2005), essas pautas trazidas por nosso objeto de estudo nos lembra os critérios de noticiabilidade de Traquina (2005): atualidade e novidade. Tão caros para o jornalismo adulto e que também apareceram no RTB. Silva e Soares (2011) dizem que a escolha por apresentar assuntos contemporâneos nos oferece uma visão de que o acontecimento é atual e importante.

As pautas que falavam sobre o uso excessivo das telas tinham como objetivo estimular que as crianças brincassem com outras coisas. O assunto internet é frequente no Repórter Rá-Teen-Bum, no PGM 19 a matéria que abre o programa fala sobre a relação das crianças e adolescentes com as redes sociais. São ouvidos nove personagens que comentam sobre o uso que fazem da internet e o que acham do tema.

— Uso snapchat, uso instagram, uso whatsapp. (Beatriz, 12 anos, PGM 19).

— Eu vejo vídeo de skate no youtube, mexo bem pouco no Facebook. Instagram, eu mexo bastante no instagram e o whatsapp, mas o whatsapp é só pra me comunicar. (Nicolas, 14

anos, PGM, 19).

— Ah, meus pais eles mexem também muito no celular, eles falam - ah para de mexer nesse celular, aproveita o dia. Mas eles também ficam. (Luana, 12 anos, PGM 19).

— Quando um adulto fala pra mim fazer uma coisa e ele não faz, tipo ele não dá o exemplo, a gente não faz, a gente não obedece muito, porque a gente tem uma desculpa, a gente fala – ah, você também não faz. Conversar com uma pessoa que tá mexendo no celular é muito chato, porque ela não tá prestando atenção em você, então do que adianta você conversar com ela? (Ana, 13 anos, PGM 19).

— Se ficar 24 horas por dia na internet, pode ser prejudicial, tipo, você fica muito sedentário e acaba engordando, pode dar problema. (Pedro, 14 anos, PGM 19).

— Meu pai fica vendo umas reportagens e a minha mãe fica no Facebook. (Júlia, 9 anos, PGM 19).

— Meu pai ele fica muito no Facebook, a minha mãe também fica no Facebook e o meu padrasto ele fica no whatsapp geralmente. Eu acho meio chato, porque eles me ignoram. O mundo sem celular ele poderia até ser melhor, porque as pessoas iam conviver mais. (Beatriz, 9 anos, PGM 19).

Essas falas provocam discussões interessantes, como a importância do exemplo dos pais quando cobram algo das crianças. As entrevistas nos mostram o quanto elas estão atentas ao comportamento daqueles com quem convivem, reforçando a ideia de que a melhor maneira de educar é fazendo aquilo que está sendo pedido. Confirma o que Benetti (2016) nos falou em nosso capítulo sobre telejornalismo, de que ao receber o discurso jornalístico são feitas elaborações com base na nossa própria realidade. As respostas das crianças nos provam isso, sempre tomando como base sua rede de vínculos e fazendo associações com suas vivências.

Além disso, a matéria, embora não fale em sedentarismo, reforça a importância de fazer atividades que movimentam o corpo. Isso se dá a partir da escolha dos personagens, que praticam aula de dança e de skate. No off também é comentado que a recomendação é de que se passe no máximo duas horas por dia na frente do computador ou celular. Tendo em vista o mundo digital que tantas crianças estão inseridas, nunca é demais trazer à tona a discussão dos prejuízos que o excesso de telas pode trazer a vida delas. É o que Wunderlich (2016), citada em nosso capítulo dois, já havia percebido em sua pesquisa sobre programas infantis com cunho jornalístico na TV brasileira. Segundo a autora, há uma intenção através de algumas temáticas de influenciar a formação de padrões de saúde.

Falando em Saúde, esse tema também apareceu com constância no programa, em

geral, sendo enquadrado nos valores-notícias Impacto (Número de pessoas envolvidas no fato) e Tragédias/Dramas (Interesse humano). Vimos pautas que ensinavam como evitar o mosquito *Aedes Aegypti*, para não ser infectado pelas doenças causadas por ele; estímulo a atividades e exercícios físicos; entre outras.

Uma que gostaríamos de destacar foi sobre um movimento na Birmânia para combater o preconceito contra pessoas que têm o vírus HIV, no PGM 6. É possível sentir falta de uma explicação sobre o que é a Aids, mas a matéria fala sobre o que causa e o que não causa a transmissão do vírus, por isso cumpre uma função importante. Vejamos a fala de uma das garotas entrevistadas, seu nome e idade não foram revelados.

– É só apertar as mãos, abraçar, tocar, ficar perto, fazer as refeições com as pessoas que são portadoras do vírus da AIDS. Isso tudo não transmite o vírus. Eu só quero lembrar para aqueles que veem só aspectos negativos nas pessoas que vivem com HIV, que não é preciso discriminá-los. Eles são humanos e somos humanos também. Se você discriminá-los eles podem se sentir muito tristes.

Outra matéria sobre saúde é a história do jovem Ramiro, da Bolívia, que tem a doença celíaca. A narrativa, contada no PGM 32, explica o que é a doença, mas usa novamente termos não habituais do público a qual se dirige. Vejamos um trecho do off.

– Cerca de 1% da população do mundo tem a doença celíaca, que é uma intolerância ao glúten. Uma proteína presente no trigo, na cevada, no centeio e em menos quantidade na aveia. Por isso, muitas vezes o glúten está em alimentos como pães e bolos.

O que significa 1% da população do mundo para uma criança de 8 anos? O que é cevada, centeio e proteína para uma de 9? São palavras e expressões pouco usadas pelas crianças, por isso de preferência deveriam ter sido substituídas. A porcentagem poderia ser retirada, ou como já mencionado, ter sido feito o uso de comparação. As matérias primas que têm o glúten poderiam ter sido substituídas apenas pelos alimentos que os contêm, que são mais populares. Já a proteína poderia ter sido explicada.

Pensar sobre qual a melhor forma de conversar com as crianças nos faz também pensar na função pedagógica do telejornalismo defendida por Cerqueira (2018) e trazida em nosso capítulo 4. Se o telejornalismo busca ensinar aqueles que o consome sobre os mais variados assuntos, como fazer isso usando termos pouco conhecidos do seu público?

Cerqueira (2018) traz em sua tese o quanto a linguagem é fundamental para que esse propósito de ensinar sobre algo seja alcançado. Paternostro (2006), também no capítulo sobre telejornalismo, reforça esta mesma ideia, de que a linguagem deve ser semelhante a uma conversa e a mais próxima possível do que as pessoas utilizam no dia-a-dia. Sugestão que vale do mesmo modo para o jornalismo infantil.

Ainda nesse programa 32, outra matéria de saúde aparece. O conteúdo fala sobre o projeto Samuzinho, do Samu de São Paulo. O Repórter Rá-Teen-Bum acompanha uma visita do projeto a uma escola e ouve o que as crianças aprenderam sobre primeiros socorros.

– É importante porque se a pessoa se machucar, se você não souber, ela vai ficar machucada por um bom tempo. Mas se você chamar o Samu eles vão cuidar da pessoa e a pessoa vai sair do hospital bom. (Samira, idade não revelada, PGM 32).

– A gente tem que chamar o Samu, se tipo, a gente tiver engasgando, se alguma pessoa foi atropelada, se alguma pessoa caiu da escada, se machucou muito, se a pessoa cair de algum prédio. (Giullia, idade não revelada, PGM 32).

– Eu aprendi que quando uma pessoa está com convulsão, tem que segurar a cabeça. (Jorge, idade não revelada, PGM 32).

– Se passar um trote, eles podem achar que é verdade e a pessoa que tá mandando trote fala tal rua, eles vão lá, não tem ninguém. Eles vão ter feito o serviço à toa e também pode deixar uma pessoa que está precisando do Samu esperando. (Giullia, idade não revelada, PGM 32).

Imagem 15. Quadro Repórter, PGM 32



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Essa reportagem sobre o Samuzinho foi uma das mais didáticas do Repórter Rá-Teen-Bum. Ela mostra a conversa dos instrutores com as crianças, ensinando, por exemplo, o

número do Samu, 192, e mostrou simulações do que fazer em casos de convulsão, queda e engasgo. Tudo de maneira pedagógica, trabalho facilitado pelos profissionais do Samu que já fazem essa ação junto a crianças, ou seja, já tem um vocabulário sobre primeiros socorros preparado para esse grupo.

Mais um conteúdo do RTB que nos faz pensar no jornalismo como forma de conhecimento, ideia defendida por Cerqueira (2018), Fischer (2002), Silva (2005) e outros autores citados em nosso referencial teórico. Estes pesquisadores dizem que este campo promove o fazer saber. Na reportagem citada acima, por exemplo, ensina as crianças sobre como agir diante de algumas cenas de perigo. Ao conhecer essas situações a audiência é instruída como se comportar diante delas, o que corrobora com o pensamento de Foucault (1998), que trata o jornalismo como um propositor de condutas, que influencia no pensar e agir.

Como mencionado, o tema saúde esteve bastante presente no programa, no PGM 27, no quadro Gira Girou, a matéria fala sobre um mutirão de vacinação na Zâmbia para combater o surto de cólera. Embora o foco tenha sido uma doença específica, o conteúdo deixa explícito o quanto a vacinação é importante. Ouvir crianças falando sobre imunização reforça junto a outras que tomar vacina é a coisa correta a se fazer, quando recomendado. Mas, como em outras matérias, não é explicado, por exemplo, o que é cólera, sintomas e principalmente como se dá a transmissão, apenas é dito que se trata de uma doença transmitida através da água e dos alimentos, o que pode gerar dúvidas e medo em quem assiste.

A pauta de esporte também é um valor-notícia comum no programa, aparecendo 19 vezes, o que representa 16% da categoria Entretenimento/Curiosidade, categoria predominante no Repórter Rá-Teen-Bum, de acordo com nossa análise. O que nos chamou a atenção é que mesmo o futebol sendo a modalidade mais praticada no Brasil e por isso recebe mais espaço no jornalismo para adultos, o Repórter RTB apresentou matérias e reportagens sobre diversas modalidades: golfe, remo, natação, patinação artística, surf, ciclismo, ginástica, motovelocidade, capoeira, esgrima, equitação e skate. Além do futebol, que apareceu duas vezes. Em geral, as histórias são contadas por crianças que praticam essas modalidades. Essa temática sempre aparece seguindo a linha do divertimento, saúde e valores culturais. Ou seja, o esporte para o Repórter Rá-Teen-Bum torna a vida da criança mais divertida, gera saúde e ensina bons costumes.

– Na esgrima dá para conhecer muitos amigos. É o que eu mais gosto, porque ela me deixa mais forte, mais ágil, mais rápido, mais confiante. (João, 9 anos, praticante da esgrima. PGM

25).

– Eu era só deitado em casa, comendo, dormindo. [...] Melhorou tudo na minha vida. Eu aprendi o respeito, porque antes eu ia para a escola só para bagunçar e agora tô tirando notas boas. Começo a jogar, se eu fizer uma falta eu peço desculpa e nós vira amigos. Agora eu não tenho preguiça de nada. (João Vitor, 12 anos, joga futebol. PGM 28).

– Se fosse para convencer alguém para fazer capoeira eu falaria que ajuda na saúde, aprende a ser mais, a se defender, perde a vergonha, que é bem legal. Tem crianças que fumam na minha idade, tem crianças que elas ficam só no celular, ficam só no videogame, no notebook. Então capoeira é um jeito legal de você sair dessas coisas, eu acho que a vida de quem faz capoeira é mais feliz, não só capoeira, todas as lutas também. (Edna Júlia, idade não revelada, PGM 34).

Imagem 16. Edna Júlia (na primeira fila à direita), quadro É Nós, PGM 34



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A música é apresentada de maneira semelhante ao esporte e também foi enquadrada nos valores notícias Entretenimento/Curiosidade (Divertimento) e Conhecimento/Cultura (Atividades e valores culturais). Foi abordada pelo programa como uma atividade que ajuda no desenvolvimento infantil, na socialização e na melhoria da qualidade de vida. Essa temática, aliás, apareceu de muitas maneiras: crianças que tocam em orquestra; que têm uma carreira musical solo; ou que fazem parte de uma banda de música.

Imagem 17. Geovanna, idade não revelada, Quadro Repórter, PGM 33



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Imagem 18. Grupo musical Espoleta Blues, Quadro É Nós, PGM 21



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A forma como essas duas pautas, Esporte e Música, são apresentadas cumpre um importante ponto da Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989). O artigo 17.1 do documento fala que os meios de comunicação devem oferecer ao público infantil informações que promovam bem-estar e saúde física e mental. Wunderlich (2016) diz, inclusive, que essas narrativas podem contribuir para uma melhor formação social das crianças.

O machismo esteve presente em algumas pautas do Repórter Rá-Teen-Bum, mesmo não sendo o assunto principal, ele foi abordado com as crianças. Nas pautas em que esse assunto apareceu, foi percebido, entre outros valores-notícias, o de atividades e valores culturais. No PGM 5, é contada a história do David, um menino bailarino de São Paulo. O garoto fala sobre sua rotina e reforça a mensagem de que as crianças podem fazer aquilo que desejarem.

– Eu quero que as crianças façam balé, porque só tem 10 meninos e 300 meninas e se vocês quiserem fazer balé, vocês não precisam desistir do seu sonho, se vocês quiserem pode fazer balé, se vocês não quiserem, podem fazer o que vocês quiserem. (David, idade não revelada, PGM 5).

Imagem 19. David, quadro Repórter, PGM 22



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Essa mesma ideia é difundida por Juan Pablo, do Pará, de 13 anos. O garoto faz teatro e fala sobre o preconceito que sofre por isso.

– Alguns meninos assim da minha idade são um pouquinho machistas, porque no teatro tem de usar maquiagem, essas coisas, aí eles já pulam mais pro do dança ou percussão. Aí eles falam assim - ah porque tu faz teatro? Se maqueia. Ai eu falo - é uma coisa que eu gosto, entendeu? (Juan Pablo, 13 anos, PGM 22).

Essas matérias podem ocupar o espaço da representatividade, tão falado atualmente. Ou seja, servir de representação para aqueles que também fazem algo que a sociedade coloca como sendo exclusiva de um gênero. Para mostrar que não existe coisa de menino ou menina. Esses conteúdos deixam uma mensagem de que as pessoas são livres para realizar as atividades que desejam e que está tudo bem uma menina jogar videogame, como mostrado no PGM 5, e meninos fazerem balé.

São abordagens que buscam alcançar o que Bakhtin (1992) nos traz no capítulo quatro, quando enfatiza que o discurso que vem do outro gera uma resposta. No caso do RTB, através dessas narrativas, a resposta que se espera é uma mudança de pensamento sobre o que pode fazer uma menina e o que pode fazer um menino. É uma compreensão também do que Wolf

(1985) nos trouxe em nosso referencial teórico quando diz que a compreensão que temos do mundo vem grande parte da mídia. O programa parece desejar através de alguns conteúdos que as crianças questionem os papéis sociais impostos, como os de gênero.

Uma crítica importante a se fazer ao programa é com relação a identificação dos entrevistados. São muitos os conteúdos em que só aparece o primeiro nome da criança ou adolescente e em outros sequer aparece nome algum. No jornalismo, seja adulto ou infantil, é recomendado que os entrevistados sejam identificados por nome e sobrenome. Isso não acontece no Repórter Rá-Teen-Bum, nem mesmo com os poucos adultos com que conversou.

Embora o RTB se dirija a crianças até 10 anos de idade, ele entra pelo caminho habitualmente usado pelos adultos e discutido em nosso primeiro capítulo. A criança é percebida em muitos conteúdos como um ser futuro, que precisa ser preparado para o que irá viver. Diferente do que defende Pinto (1997), que percebe a criança como um sujeito com autonomia e que já existe.

Tendo em vista que vivemos no sistema capitalista, quando se fala no futuro da criança, pensa-se no que ela irá trabalhar, a pergunta clássica – o que você vai ser quando crescer? Algumas reportagens e matérias mostram crianças e adolescentes falando sobre o assunto ou até mesmo já realizando uma atividade profissional ou que os faz ganhar dinheiro. É o caso do Luis Felipe, 11 anos, que investe na bolsa de valores (PGM 9); Erick que investiu no Bitcoin (PGM 35); David, 16 anos, que dá palestras sobre empreender (PGM 33); Paulo Henrique, 17 anos, Jovem Aprendiz (PGM 1); e Yasmim, 13 anos, e Henry, 12 anos, que fazem um curso de joalheria (PGM 16).

Esses conteúdos têm em comum mostrar ao público do programa as possibilidades que eles têm quando crescerem e estão dentro do valor-notícia Entretenimento/Curiosidade. Mas pensando na faixa etária até 10 anos, público do Repórter RTB, é esse o momento para tratar a temática com eles? Eles estão mesmo interessados em saber o que faz um Jovem Aprendiz ou como investir na bolsa de valores? A criança precisa empreender? Às vezes o Repórter Rá-Teen-Bum parece ignorar qual público ele escolheu se destinar. Esse fato é percebido desde o nome do programa, que possui a palavra inglês “Teen”, que traduzida para o português quer dizer adolescente.

São muitos os conteúdos ou palavras utilizadas que nos mostram certa confusão do Repórter RTB, no que diz respeito à definição da sua audiência. Há uma oferta de conteúdos e vocabulário que não fazem parte do universo da criança de até 10 anos ou não são do seu interesse, mas mesmo assim estiveram presentes. Em nosso estado da arte, percebemos que um dos erros mais frequentes no jornalismo infantil no Brasil é a tentativa de usar a mesma

linguagem para pessoas que estão em fases diferentes da vida e conseqüentemente apresentam demandas distintas. A criança de oito anos não tem os mesmos interesses que o adolescente de 14, por isso é necessário que as pessoas que desejam ofertar conteúdos a esses grupos os faça respeitando essas diferenças.

É praticamente impossível um mesmo produto conseguir atender necessidades de consumo informativo tão distantes. Daí a importância de criar conteúdos específicos para idades próximas, que falam uma linguagem parecida e em geral possuem os mesmos interesses. Quando tentamos falar com todos acabamos não falando com ninguém.

Outra questão importante está no estímulo que o programa cria através de conteúdos ligados a profissões. Vejamos uma fala do menino Davi Braga, 16 anos, que faz palestras sobre empreender.

– Na palestra eu conto a minha história. Já fiz palestra para mais de 20 mil pessoas. Eu mostro no livro que se eu consegui empreender, criar uma startup com 13 anos, qualquer pessoa também consegue. Principalmente jovens. Eu que disse pai eu preciso de 5 mil reais para tocar meu negócio e aí? Negócio fechado? Aí ele disse - cara, tô dentro. (Davi Braga, 16 anos, PGM 33).

Imagem 20. Davi Braga, quadro É Nós, PGM 33



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A matéria termina com o off da apresentadora dizendo - O que o David mais quer é que a história dele sirva de inspiração para outras crianças.

Inspirar crianças a empreender ainda na infância é preocupante. O garoto fala como um coach, um palestrante experiente que deseja vender seu livro e faz parecer que é fácil e possível para qualquer um abrir uma startup. Mas quantas crianças têm pais que podem lhe

dar cinco mil reais para investir em suas ideias? E principalmente, porque trazer para crianças de forma tão precoce uma preocupação que deveria só ser apresentada mais à frente? Crianças não precisam e não devem estar pensando que negócio abrir.

Narrativa parecida aparece no PGM 35, quando é contada a história do Erick, um adolescente americano que investiu em Bitcoins. O garoto não é ouvido pela matéria, são apenas imagens dele cobertas pelo off da apresentadora. Vejamos um trecho desse off.

– Aos 12 anos o Erick ganhou mil dólares da avó e investiu em bitcoins, em um ano e meio ele teve um rendimento de cem mil dólares e fundou sua primeira empresa [...], o negócio deu certo e os mil dólares que o Erick ganhou da avó viraram mais de um milhão.

A matéria explica o que é bitcoins e termina afirmando que é preciso cuidado antes de se aventurar na rede e indica que as crianças falem com um adulto de confiança para conversar sobre o que estão fazendo. É um alerta vago, que não menciona, por exemplo, que nem todos tiveram sucesso, inclusive, pessoas perderam dinheiro nesse tipo de atividade.

Para além de palavras pouco conhecidas pelo público do programa, a matéria preocupa ainda mais porque de novo coloca uma ação tão complexa, afinal investir em algo, seja o que for, requer atenção, cuidado e conhecimento sobre, como sendo recomendado para uma criança. Mesmo que o conteúdo não diga isso de forma explícita, ao mostrar que um menino de 12 anos ficou milionário (o que talvez os que assistem sequer saibam o que isso significa) é criada uma impressão de que se trata de uma coisa boa e que se ele conseguiu você também pode.

A forma como esses temas foram apresentados nos faz voltar para a discussão do primeiro capítulo deste trabalho. A SI nos fala que não é possível produzir nada para criança ou sobre criança sem considerar as diversas infâncias e essa “dica” deveria ter sido levada em conta pelo Repórter Rá-Teen-Bum durante a produção desses conteúdos. Mas o programa não parece ter observado a realidade do país em que foi exibido. Quantas crianças que assistiam o RTB podiam receber mil dólares de algum familiar para investir em algo?

Sardiglia (2015) percebeu o mesmo erro ao observar o Piá Repórter, ao visualizar que o programa por vezes indicava coisas inacessíveis ao seu público. Baldin (2014) teve uma visão semelhante com relação à Folhinha, quando entendeu que o caderno infantil opta por conversar com a criança que tem acesso a tudo. Nosso objeto de estudo parece, através de alguns conteúdos, como os supracitados, ter seguido esse mesmo caminho.

Além dos conteúdos que mostraram crianças ou adolescentes fazendo alguma

atividade remunerada, ainda apareceram as narrativas sobre o que elas desejam ser quando crescer. No PGM 16, por exemplo, uma jovem de 18 anos, do Suriname, vai até uma escola ver o que eles fazem para ajudar os adolescentes a escolherem suas profissões. Abordagem semelhante no PGM 32, quando mostra um projeto de uma escola estadual de São Paulo que explica diversas profissões para os alunos.

Inclusive, algumas temáticas se assemelham com essa abordagem, mas segue a linha cultural, como uma atividade artesanal passada de geração em geração. No PGM 19 é mostrada a história de crianças e adolescentes de Alagoas que aprendem um tipo de renda muito comum no estado, o filé. Assim como no programa 20, que conta a história da Casa Escola de Pesca em Belém-PA. São atividades características dessas localidades, que de fato envolvem a cultura regional, mas as matérias mostram não apenas crianças e adolescentes aprendendo essas coisas, mas comercializando, ou seja, aquilo se tornou um trabalho para elas.

– Minha vida por aqui é só estudar mesmo e vim pra cá pra trabalhar, pra quando eu voltar pra Icoarici né, ter dinheiro para comprar as coisas que eu quero (José, 15 anos, PGM 20).

Imagem 21. Jhonas, 15 anos, quadro É Nós, PGM 20



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Imagem 22. Fabiana, 13 anos, quadro É Nós, PGM 19



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Os conteúdos dessas duas matérias citadas nos trazem pontos importantes a serem discutidos e consideramos que alguns podem ter passado despercebidos para os que assistiram os episódios. São temas que não devem ser deixados soltos no ar, como a desigualdade social e o trabalho infantil. Nenhum desses assuntos foi abordado em qualquer programa do Repórter Rá-Teen-Bum. Essas temáticas embora tenham aparecido dentro de narrativas sobre outros tópicos, não foram explicadas para as crianças. Acreditamos que esses temas poderiam ter sido abordados, explicando o porquê isso acontece, em especial, para que seu público não ache normal que umas crianças precisem trabalhar e outras não. O problema não é aprender uma tradição familiar, é uma criança precisar fazer isso para ajudar a família financeiramente.

No PGM 5, por exemplo, uma abordagem traz de maneira rápida, sem muita reflexão, uma situação de trabalho infantil e vulnerabilidade social de crianças da Birmânia e por isso também percebemos a presença do valor-notícia Tragédias/Dramas. A matéria é sobre o Festival da Água no país e é encerrada com um off dizendo que algumas crianças não podem aproveitar a festa porque precisam trabalhar. Inclusive, elas são mostradas carregando nas costas sacos com latinhas e garrafas. Vejamos o off.

– Mas para algumas crianças a festa é lugar de trabalho. Elas procuram latinhas, garrafas e outros objetos que podem ser reciclados para vender e ganhar dinheiro para suas famílias. Esta garota conta que não tem tempo para brincar com a água, pois passa o festival todo recolhendo latinhas e garrafas.

Imagem 23. Criança não identificada, quadro Gira Girou, PGM 5



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A temática de crianças que precisam trabalhar para ganhar dinheiro volta nossa discussão para o conceito de “não-criança”, abordado no capítulo Sociologia da Infância. Como já debatido, os direitos de proteção não alcançam todas as crianças e Sarmiento e Marchi (2008) já haviam nos adiantado o quanto essas são penalizadas por não estarem adequadas à norma. Entre essas punições está o silenciamento sobre suas situações na mídia e no caso do nosso objeto de estudo seu quase desaparecimento.

O trabalho infantil deve ser uma pauta do jornalismo feito para crianças, porque infelizmente é uma realidade. É importante que elas entendam o que de fato é considerado trabalho infantil, que isso está errado, o porquê acontece e de quem é a responsabilidade para solucionar o problema. Mas infelizmente não houve nenhuma explicação sobre essa pauta no Repórter Rá-Teen-Bum, mesmo tendo, como visto, apresentado o problema ao seu público. Fato que comunga com a percepção feita por Sardiglia (2015) sobre o jornalismo infantil no Brasil. A autora entende que esse opta por mostrar majoritariamente um mundo bonito a ser conhecido, deixando de lado problemáticas como pobreza e violência, mesmo que essas atinjam diretamente muitas crianças.

O racismo também esteve presente em alguns conteúdos do programa sendo identificado neles o valor-notícia valores culturais. No PGM 11, por exemplo, é contada a história da MC Soffia, 12 anos, uma menina preta que faz músicas sobre preconceito racial. Em um dos trechos da matéria, Soffia fala o que pensa sobre termos racistas.

– Eu acho que é ruim as pessoas xingarem as pessoas de macaco, neguinho, preto e de várias coisas ruins. Acho que isso não é legal, porque macaco é um animal e nós não somos

macacos. Macaco é o racista que ainda não evoluiu para ser chamado de homem ou mulher. (Soffia, 12 anos, PGM 11).

Imagem 24. Soffia, 12 anos, quadro Repórter, PGM 11



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

É fundamental abordar essa temática com as crianças e principalmente ouvir crianças pretas. Falar sobre o assunto e gerar representatividade é uma forma de combater o racismo, o que deve acontecer desde sempre, afinal uma pessoa não nasce racista, ela aprende a ser. Benetti (2016) nos lembra que o jornalismo atua como uma ferramenta que pode auxiliar numa reconstrução discursiva. A autora diz que esse campo é um produtor de memória e fala que aquilo que se repete no jornalismo define como é o mundo, marcando uma época e seus valores.

Durante muito tempo, o jornalismo mostrou que não havia lugar para a pessoa preta em seu discurso, hoje há um movimento de mudança. Como este trabalho acredita no jornalismo como um instrumento para fazer saber, ideia defendida por Benetti (2016), visualizamos como muito positiva a decisão do Repórter Rá-Teen-Bum em trazer a pauta de racismo para sua audiência. Pois acreditamos que conteúdos jornalísticos com pessoas pretas podem sim colaborar para uma mudança de postura da sociedade e quando falamos de jornalismo infantil isso pode ser tornar ainda mais potente, porque significa uma introdução deste tema desde cedo.

O jornalismo, enquanto instrumento social deve atuar contra qualquer tipo de preconceito e seus conteúdos e abordagens precisam falar sobre as mais variadas formas de exclusão que existem. O Repórter Rá-Teen-Bum acertou quando abordou esse assunto, que não apareceu apenas no PGM 12. No programa 8, é contada a história do Pedro Henrique, 14 anos, que criou um canal no Youtube para falar sobre heróis negros brasileiros e no PGM 18,

aparece a história do grupo "As Negras", de uma comunidade periférica do Rio de Janeiro.

O que é o racismo e seu contexto histórico não foi explicado em nenhuma dessas matérias. Acreditamos que isso acontece porque ele não era o assunto principal, mas como apareceu na narrativa acreditamos que uma explicação mais didática sobre o tema teria espaço no material, mas não ocorreu. O que não deixa de lado, como já mencionado, a importância de cada reportagem dessa, reforçando a necessidade da presença negra nos conteúdos jornalísticos, e no caso do nosso objeto de estudo, da criança e do adolescente negro.

Outra abordagem que chamou a atenção no Repórter Rá-Teen-Bum foi sobre crianças com deficiência. Nessas narrativas foram identificados os valores-notícias Entretenimento/Curiosidade e Raridade, seguindo a lógica do Incomum. A narrativa apareceu de maneira semelhante às das crianças sem deficiência. Mas nesse caso, é importante a discussão de que, diferente das crianças sem deficiência, que apareciam no programa porque viviam ou faziam algo inusitado, como morar em uma ilha, no caso da criança com deficiência, a deficiência era o incomum, o inusitado. É como se o programa desejasse causar a seguinte ideia em seu público – Olha! Essa pessoa com deficiência faz tudo que você faz.

Uma atitude que se justifica em partes porque é fato que existem muitos que ainda acreditam que pessoas com deficiência são limitadas e não podem sequer fazer coisas do dia-a-dia. Então, mostrar que uma criança com deficiência vai à escola, tem amigos, brinca e faz diversas outras coisas talvez desconstrua a visão limitante dos que assistem ao conteúdo. Mas não deixa de ser problemático quando você já coloca a deficiência como o incomum, reforçando o olhar preconceituoso. Afinal, a criança sem deficiência vira pauta porque faz algo inusitado, original. Já a criança com, vira assunto por causa da sua deficiência. Esse foi o caso do Guilherme, 10 anos, um menino cadeirante que falou sobre sua rotina no PGM 11.

Imagem 25. Guilherme, 10 anos, quadro É Nós, PGM 11



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Essa narrativa também apareceu nas histórias da Doce Vara Celeste, que tem uma doença rara (PGM 20) e da Ana Luiza, que tem uma doença degenerativa (PGM 12). As reportagens giravam em torno da rotina que essas crianças levam mesmo com seus problemas de saúde.

Mas, é justo dizer que em outras pautas sobre deficiência o programa teve como deixa um assunto principal, que não a deficiência em si. É o caso da peça Heróis à Vista, contada no PGM 29. A peça é pensada para pessoas com deficiência visual. Todas as crianças entrevistadas são cegas e, embora, falem sobre a deficiência que possuem e suas rotinas, elas comentam principalmente sobre a felicidade em poder estar em uma peça de teatro feita para elas, estimulando outros sentidos, como audição e olfato.

Imagem 26. Luana, idade não revelada, quadro Repórter, PGM 29



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Isso também acontece no PGM 27, quando é narrada a história do Matheus, criança com deficiência física nos membros inferiores, que participa do projeto “Remo Meu Rumo”. Nessa narrativa já é possível ver que o foco não é a deficiência do garoto, mas sim o projeto.

– O remo mudou na minha vida, minha condição física que me ajudou bastante na minha deficiência, no meu comportamento, minha disciplina, meu respeito. Aqui é onde eu tenho companhia das pessoas que gostam de mim. Também é aonde eu me sinto bem, onde eu gosto de fazer o que eu tô fazendo. Eu gosto de vir bastante aqui. Antes de entrar no projeto eu pensava que eu não iria conseguir fazer certas coisas, mas aí depois que eu entrei no projeto mudou minha forma de pensar. Por causa que eu conheci outras pessoas que tem uma história diferente da minha, mas uma história de superação também e isso me ajudou a mudar minha

maneira. Agora eu confio em mim mais, sei o que eu posso fazer e eu não tenho mais medo de falar que eu não posso fazer aquilo no futuro porque eu sei que se elas conseguiram, eu também posso conseguir. (Matheus, idade não revelada, PGM 27).

Imagem 27. Matheus, idade não revelada, quadro É Nós, PGM 27



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Essas abordagens geram discussões semelhantes às que foram feitas com relação à pauta do racismo, pois entram também no lugar importante da representatividade. Vizeu (2006) diz que o jornalismo constitui e reconstitui nosso olhar sobre o mundo e sobre o que nele acontece. O pesquisador argumenta que este campo atua não apenas sobre o que devemos pensar, mas como pensar. Isso pode nos indicar que a presença de pessoas com deficiência, neste caso, de crianças com deficiência, no discurso jornalístico, falando sobre suas habilidades ou sobre outros assuntos, que não somente suas deficiências, pode nos ajudar a percebê-las de uma maneira menos capacitista.

Outra temática que apareceu mais de uma vez no programa foi o Homeschooling. Embora essa expressão não tenha sido usada, os conteúdos mostram a realidade de crianças e adolescentes que estudam em casa. Mas tudo é narrado de forma muito vaga e sem explicações de como é a rotina educacional dos entrevistados. No PGM 14, é mostrada a história do Tito, um menino boliviano que aprendeu a ler sem ir à escola. Além de não dizer como aconteceu esse processo, quem o ajudou, por exemplo, o menino já é mostrado como um grande leitor, que consome livros de Karl Marx, Gandhi e Paulo Coelho. Em outra matéria, no PGM 28, também com crianças da Bolívia educadas em casa, aparecem algumas falas que sugerem que essa forma de educação é melhor, embora ela não seja explicada.

– Penso que somos privilegiados por não irmos à escola, porque estamos aprendendo mais

rápido. Minha mãe sempre diz - se você não quer aprender agora você vai aprender mais tarde. Eu aprendi a ler porque eu queria, não porque me obrigaram a ler. Eu queria, então aprendi sozinho em apenas um dia. (Kamaê, idade não revelada, PGM 28).

A matéria é confusa e não é explicado quem as ensina, ela sugere que se trata de um grupo de crianças que vivem juntas porque suas mães são amigas e os criam numa espécie de comunidade, onde lá aprendem diversas coisas. Percebemos que esse assunto de homeschooling é abordado a partir dos valores-notícias Entretenimento/Curiosidade e Raridade (Incomum), mas não é discutido de fato o tema. Algumas falas, como vistas, são um pouco problemáticas porque fazem parecer que as crianças podem aprender sem ajuda nenhuma, sem esforço, com facilidade, quando e onde quiserem, além de que assim é mais divertido. Faltou uma melhor explicação e principalmente informar às crianças que essa maneira não funciona para todos e que é uma decisão da família, não apenas da criança. Além disso, essa modalidade é proibida no Brasil por conta de uma determinação do Supremo Tribunal Federal (STF)³⁸.

O assunto política esteve presente em três conteúdos do Repórter Rá-Teen-Bum e foi enquadrado dentro do valor-notícia Atividades e valores culturais. No PGM 9, a reportagem traz o Projeto Parlamento Jovem, da Câmara Municipal de São Paulo. São entrevistadas algumas crianças que falam sobre o trabalho dos vereadores, a importância de acompanhar o serviço desses legisladores e dão ideias de projetos de lei.

– Eu acredito que o parlamento jovem é uma iniciativa esplêndida para envolver os alunos com a política. Porque você aprende como é a vida dos vereadores, como tudo acontece, e assim você começa a se envolver. Você quer entender, você quer votar [...] Mas eu aprendi um valor muito importante que é a cidadania e procuro exercer. Antes de começar esse trabalho com parlamento jovem eu tinha a ideia que política era mesmo só aqui dentro [...]. Na verdade, política é o que a gente faz todo dia, política é o que a gente conversa para fazer uma decisão, política é uma relação que você disputa com argumentos para chegar a uma decisão. (Artur, idade não revelada, PGM 9).

– Mas aqui eu tô aprendendo uma coisa maravilhosa que é o ofício da democracia. Ser vereador, mesmo que seja por um dia, que você vai legislar, vai votar, você vai ter a iniciativa, mesmo que seja por um dia, esse dia eu vou levar para a vida inteira. Aqui eu

³⁸ Disponível em: <https://cultura.uol.com.br>. Acesso em: 18/03/2023.

aprendi o que o vereador faz. Política é aquilo que você luta para melhorar e você pode. Não é uma pessoa só que vai mandar em você, você que vai mandar naquela pessoa. Você vai mandar no poder, porque você é cidadão. Você é o eleitor, você tem o poder na mão que é o voto. O que precisa é do apoio do povo, que o povo fique mais firme, porque o povo tem que tá na câmara, [...] se o povo participa, eles não vão esquecer do povo. Agora se o povo deixa de lado, apenas trabalha, vai para o emprego e para escola e deixa eles trabalhando lá, não dá certo não. (Natan, idade não revelada, PGM 9).

Imagem 28. Natan, idade não revelada, quadro Repórter, PGM 9



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Já no PGM 26, no quadro Você Viu? É mostrado como funciona a eleição do conselho de estudantes de uma escola em Bangladesh. Mesmo sendo a votação de um conselho estudantil, a ideia é passar para as crianças a importância de saber escolher seus representantes.

- Estamos aprendendo democracia aqui e eu acredito que vai nos ajudar a praticar a democracia no nosso futuro. Nós também já estamos aprendendo sobre liderança. (Menino não identificado. PGM 9).
- Essa é uma grande experiência e nos deixa muito interessados por política. (Menina não identificada. PGM 9).
- Nós estamos conhecendo o sistema de votação. Eu acho que vai ser útil quando formos votar na eleição nacional. (Menina não identificada. PGM 9).

No penúltimo programa, PGM 35, a reportagem conversa com quatro alunos da Escola Pública Raimundo Correia, de São Paulo, que falam sobre democracia e corrupção, a

partir da eleição para representante do grêmio estudantil.

– Eles fingem, inventando várias desculpas, falando que vai tipo - eu vou arrumar a cidade, vou fazer isso. Aí eles pega e ficam comprando votos das pessoas. Não é cada um por si, tem que se juntar para pensar nos outros também. Isso é muito praticar ética e cidadania. Muito. (Erick, idade não revelada, PGM 35).

– Eu não acho que a gente precise ser um governador ou prefeito para se fazer política. Talvez se a gente montasse um grupinho, uma coisa assim, tipo, pra gente poder ajudar a cidade de alguma forma, já seria uma forma de política. (Mariana, idade não revelada, PGM 35).

Em seu trabalho Wunderlich (2016) já havia pontuado que o jornalismo infantil pode contribuir para a formação das crianças, as ajudando a entender melhor sua realidade. As falas dos entrevistados nos mostram opiniões bem originais sobre a temática. Salamon (2013) abordou em sua pesquisa, destacada em nosso estado da arte, a importância do jornalismo enxergar a criança como um sujeito político e participativo, mesma ideia defendida pela Sociologia da Infância. Através desses conteúdos, o Repórter Rá-Teen-Bum pareceu entender da mesma maneira.

É fato que o assunto política poderia ter sido melhor trabalhado, explicando, por exemplo, para as crianças como funciona o processo de votação no Brasil, os cargos, funções. Mas introduzir para esse público a temática é de extrema importância. As reportagens sobre o tema tiveram como objetivo deixar uma mensagem de que votar é importante, assim como estar atento ao trabalho dos eleitos. Embora não possamos cobrar um acompanhamento desse nível de uma criança, fazê-las entender que a política afeta a vida de todos e que ela se faz no dia-a-dia foi um dos pontos altos do programa.

O assunto bullying também apareceu, mas foi tratado apenas duas vezes sendo identificado nele o valor-notícia Tragédias/Dramas (Interesse humano). Por se tratar de um tópico necessário e que faz parte do universo das crianças, o tema poderia ter sido mais abordado. No PGM 3, no quadro Você Viu? a matéria fala sobre a entrada em vigor da lei que obriga as escolas a adotarem medidas de prevenção e combate ao bullying. Ninguém é ouvido, nem crianças, adolescentes ou adultos, apenas off e imagens. Mesmo explicando a lei e o que ela preconiza, o conteúdo gera uma sensação de falta da fala da criança, de saber a opinião delas.

Já no PGM 29, o garoto Riche da África do Sul fala sobre o bullying que sofreu na escola e como superou os traumas.

– Eu me lembro de ter sofrido bullying desde o primeiro ano da escola. O bullying começou com diferentes formas de ofensas verbais e em seguida veio a agressão física. Eu era comparado ao gorila de um filme, ao longo da minha infância foi assim que eu fui chamado muitas e muitas vezes. [...] Eu apanhei, [...] achavam que eu não poderia estar onde eles estavam. Eu falei com a escola e eles falaram com os agressores, mas então eles começaram a agir em silêncio e pararam de me agredir fisicamente, depois começaram a me insultar verbalmente e eu não denunciei mais porque eu tava com medo. [...] Quando comecei o ensino médio eu ainda tinha um pouco de raiva de todos, eu tava nervoso, eu brigava com as pessoas e as insultava verbalmente. Com o tempo eu acabei fazendo terapia e agora me sinto mais feliz.

Uma história de racismo, bullying e violência, que pode parecer forte demais para as crianças ouvirem, mas também necessária porque gera uma reflexão sobre a importância de respeitar o outro. O menino fecha a matéria mandando um recado para os que praticam e sofrem bullying.

– O meu conselho primeiramente vai para os valentões, porque eu sei como eles agem. Eles só agredem porque já foram intimidados, então eu recomendaria que vocês conversassem com alguém e para a pessoa que tá sofrendo bullying eu também recomendo que fale com alguém. Porque falar ajuda a ter o apoio de que precisa e isso ajuda os agressores a obterem a ajuda de que eles necessitam também, porque eles não agredem você porque eles te odeiam. Eles intimidam você, porque eles não se sentem bem com eles mesmos e por isso que eles descarregam em você.

O conselho para falar com alguém é extremamente importante, para que as crianças entendam que esse é o melhor caminho para a violência, seja qual for, acabar.

O tema imigração apareceu duas vezes no Repórter Rá-Teen-Bum quando foram percebidos os valores-notícias Conflito (Guerra) e Tragédias/Dramas (Violência/Risco de morte/Emoção). No PGM 1, quando é contada a história do Riad, 13 anos e da Yara, 10 anos, duas crianças que vieram da Síria junto com sua família. Já no PGM 24 é contada a história da menina Jessy, idade não revelada, e da sua mãe Sylvie, que vieram do Congo. Essas matérias consistem em narrar a rotina desses personagens. Eles falam sobre a dificuldade com a língua, sobre o que motivou a saída de suas nações de origem e como é hoje a vida no Brasil.

Observamos como importante que esse assunto seja abordado com os pequenos, que

eles saibam o que acontece em outros países. A ideia é que a criança entenda que existem realidades muito difíceis que obrigam pessoas a saírem de onde elas nasceram, por causa de coisas como guerra e fome.

Acreditamos apenas que nessas narrativas, o Repórter RTB poderia ter explicado o que exatamente acontece nos países citados, como por exemplo, o porquê da guerra na Síria e que tipo de acolhimento o Brasil oferece para os refugiados. Trazer somente a rotina pretérita e atual dos personagens deixa lacunas para um entendimento melhor da situação.

Ao observar os valores-notícias do nosso objeto de estudo através da tabela de Silva (2005), percebemos que o entretenimento predomina, então ao visualizarmos pautas como Bullying e Imigração, ainda que poucas vezes, interpretamos que houve em algumas oportunidades a tentativa do programa em apresentar para sua audiência as variadas infâncias, como defende a SI (SARMENTO; MARCHI, 2008). Na verdade, essa é uma das principais justificativas deste trabalho para usar a Sociologia como base teórica. Pois como já discutido em nosso primeiro capítulo, este campo busca compreender os movimentos que a infância faz e tenta acolher em suas pesquisas os mais diversos grupos que estão nesta fase da vida.

Consideramos fundamental a presença destes temas no jornalismo infantil, primeiro porque foge a hegemonia do campo que escolhe em muitas oportunidades mostrar apenas um mundo feliz, onde as pessoas só vivenciam coisas boas, ou seja, um mundo que não existe. É claro que não é recomendado seguir o caminho do jornalismo para adultos, que escolhe na maioria das vezes mostrar somente coisas ruins. Esse, inclusive, é um dos motivos pelo qual esse produto é rejeitado por uma parcela da audiência infantil, percepção de Doretto (2015) e Delorme (2008) em suas pesquisas com crianças.

Assim entendemos que é necessário um equilíbrio, porque ao excluir da narrativa jornalística infantil realidades difíceis vivenciadas por outras crianças, pode ser criado no imaginário de quem assiste (lembrando que este trabalho acredita que o jornalismo atua na construção de sentidos, como argumenta Benetti (2016) e outros autores mencionados no capítulo quatro) que aquela situação não existe ou não tem importância, além de invisibilizar as crianças que vivenciam essas problemáticas e que também consomem esses conteúdos, mas não se veem neles.

Essas narrativas ajudam, ainda, a expandir a visão de mundo de quem assiste, contribuindo para um olhar mais analítico sobre a realidade de outras crianças. É o que defende Cerqueira (2018), ao argumentar que o conhecimento gerado pelo jornalismo deve conduzir a uma aprendizagem crítica.

O Repórter Rá-Teen-Bum também apostou em algumas narrativas de crianças que

fazem coisas que podem servir de exemplo, como Giovanna, de 10 anos, que criou um projeto para doar livros. A garota vai para um ponto da cidade de São Paulo e lá expõe os livros que já leu, para que as pessoas possam pegar. Uma iniciativa simples que pode ser reproduzida por outras crianças. Uma matéria semelhante aparece no PGM 33 sobre o “Olhar de Bia”, que conta a história da adolescente Beatriz. Ela tem, junto com a família, um projeto social voltado para crianças e adolescentes carentes. É claro que essa atividade já pode ser considerada grandiosa demais para uma criança reproduzir, mas mostra como simples gestos podem mudar a vida de muitas pessoas, já que a menina conta que tudo começou com uma campanha que ela fez aos seis anos para doar doces às crianças que viviam na rua. Essas narrativas apresentaram um dos valores-notícias mais presentes do programa: Atividades e valores culturais.

7.3. ASSUNTOS QUE APARECERAM UMA ÚNICA VEZ NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

O Repórter Rá-Teen-Bum trouxe durante seus três anos de exibição pautas importantes de serem trabalhadas com o público infantil, ainda que abordadas apenas uma única vez. É possível perceber que houve um esforço do programa para trazer assuntos que geram importantes discussões. No programa 2, o RTB evidencia a partir do valor-notícia interesse humano a problemática da falta d’água na Rua Matimpererê, Jardim Vista Alegre, São Paulo. A situação é narrada pela menina Wendy Camile, cuja idade não foi revelada. Wendy fala da rotina sem água em sua casa e dá dicas para um uso consciente.

– Tem dia que falta água das duas horas e volta só oito horas. Acaba só a noite, que é quando a gente mais precisa para tomar banho. [...] Eu acho que muitas pessoas tá gastando água de lavar carro, de lavar calçada, elas não precisa fazer isso. Aqui na rua e lá na escola eles fala muito - ah que tá gastando água, que não sei o quê, que as pessoas ficam gastando muito. Aí teve um dia que eu peguei e falei assim - então você fala assim para sua mãe, para não gastar água lavando carro, lavando calçada, lavando quintal e pega uma outra água, tipo da máquina e joga lá só para dar uma molhadinha. (Wendy Camile, idade não revelada, PGM 2).

Imagem 29. Wendy Camile, idade não revelada, quadro Repórter, PGM 2



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Talvez existam questionamentos se este assunto desperta o interesse de crianças, mas acreditamos que tudo que as afeta de alguma maneira pode provocar nelas interesse. A problemática da falta de água acontece em diversas partes do Brasil e quando os jornais trazem a abordagem raras vezes conversam com as crianças para saber o que elas pensam e entendem sobre o assunto. O Repórter Rá-Teen-Bum traz essa visão, mostrando ao seu público como a situação afeta a vida das crianças e o que elas pensam a respeito. Uma fala que também chama a atenção nesta matéria é quando Wendy referencia um conteúdo jornalístico que ela assistiu. A menina diz que viu no jornal a atitude de um dono de lava rápido para economizar água e cita o que ele fazia. Essa fala reforça o que foi discutido ao longo do nosso referencial teórico: as crianças não são indiferentes ao jornalismo.

No PGM 23, duas matérias que trabalham dentro do valor-notícia Atividades e valores culturais nos chamaram a atenção. O programa é aberto com um conteúdo que fala sobre o respeito ao próximo. São ouvidas três crianças, dois meninos e uma menina, que falam o que pensam sobre o tema, que vai desde um bom comportamento na mesa a como tratar os idosos.

– A gente tem que respeitar o próximo, cooperar e ser amigo cada vez mais dos outros. Não pode gritar na mesa, não pode sair sem pedir licença e tem que comer devagar. Eu tenho que falar bom dia, obrigada, boa tarde. (Matija, idade não revelada, PGM 23).

– O comportamento certo é quando você trata todo mundo bem, quando você é educado com a pessoa. O comportamento errado é quando você xinga a pessoa, quando você trata ela mal. Meus pais me ensinam a ser educado com as pessoas, não julgar pelas cores ou pelo jeito delas, porque eu conheço muita gente preconceituosa [...]. Essa história me irrita muito de às

vezes eu chegar no ônibus com meu avô e eu vê que o cara finge que está dormindo para não levantar e dar lugar para ele. É chato, é extremamente mal-educado. Eu aprendi que se uma pessoa faz uma coisa de ruim eu não posso ficar copiando ela. (Graziela, idade não revelada, PGM 23).

Ainda neste episódio, no quadro *Você Viu?* a temática é a importância de ajudar a família na organização da casa. Uma matéria de 99 segundos, que conta a história da família do Artur, de 7 anos. Tanto o garoto, como seus pais são ouvidos. São falas curtas e a mensagem que o conteúdo quer deixar vem principalmente do off da apresentadora Nathália Falcão.

A ideia é fazer com que as crianças entendam essa atividade como um momento em família, divertido e que deixa uma lição sobre saber cuidar de si. Abordar assuntos como esses com o público infantil nos parece importante e necessário. São situações que atingem o cotidiano dos pequenos e que pouco são refletidas, por isso essas narrativas se fazem fundamentais, porque geram questionamentos em quem assiste; eu sou educado com as pessoas? Eu ajudo a arrumar a casa? Acreditamos que ao ouvir outras crianças falando como se comportam e o que fazem pode servir como um bom exemplo para aquelas que estão apenas no lugar de audiência.

No programa 22, o Repórter Rá-Teen-Bum traz mais uma pauta que consideramos necessária, porém a forma como é abordada é passível de muitos questionamentos. A reportagem fala sobre consumo, mas usando como base o valor-notícia *Entretenimento/Curiosidade*. Esse produto na verdade exemplifica um problema percebido em alguns conteúdos do RTB: as chamadas anunciadas na escalada ou cabeça da matéria não condizem com o conteúdo da reportagem de fato. Neste assunto, por exemplo, a escalada dá a entender que se abordará o consumo consciente.

– Todo mundo já comprou um brinquedo ou uma roupa que usou pouco. Educar para o consumo consciente e evitar o desperdício também é uma forma de cuidar do planeta. (Escalada, PGM 22).

Mas na reportagem em momento algum é falado sobre como consumir de maneira mais consciente e o que significa ajudar o planeta. Ajudar como? O que acontece quando se consome só o necessário? Já na cabeça da matéria, a narrativa segue por outro caminho, mais próximo do que será encontrado no restante da reportagem.

– Roupas, alimentos, eletrodomésticos e até carros. Sabia que 80% das compras da família são influenciadas pelas crianças? (Cabeça da reportagem do quadro Repórter, PGM 22).

Acima abordamos nesta pesquisa, a partir da identificação dos valores-notícias adotados pelo programa, que o Repórter Rá-Teen-Bum busca através dos seus conteúdos passar para as crianças que o assistiam valores culturais. Em sua maioria são crianças que fazem coisas consideradas boas e que podem servir como exemplo para outras. Já percebemos que nem todas as histórias mostradas podem seguir essa lógica e esta reportagem sobre consumo é uma delas. A narrativa se baseia em mostrar três crianças em um shopping falando o que gostam de comprar.

– Às vezes eu vejo minhas amigas com alguma coisa e eu gostei do estilo da roupa ou da mochila, aí eu peço pro meu pai e pra minha mãe. (Lareska, idade não revelada, PGM 22).

– Maquiagem eu adoro, se eu vê uma loja de maquiagem eu surto com a minha mãe. Eu acho que agora tá na moda casaco de pele de oncinha ou de zebrinha para crianças, para adultos. (Sophia, idade não revelada, PGM 22).

– Quando eu vejo um comercial de um brinquedo que eu gosto, eu peço para ele comprar. Ele fala que se ele tiver dinheiro, ele às vezes compra. Quando tá muito caro eles não compram. Eles têm que pagar o condomínio, tem que pagar as contas, só quando ele tem dinheiro e eu obedeco. (Victor, idade não revelada, PGM 22).

Imagem 30. Lareska, idade não revelada, quadro Repórter, PGM 22



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A partir dessas falas percebemos que linha a reportagem segue. Ela tenta em

determinado momento mostrar que as nossas compras acontecem em especial por influência externa, como das propagandas, mas não é possível afirmar que houve uma problematização disso. O fato é apenas mencionado e de uma maneira pouco compreensível para as crianças, com citações de números.

Imagem 31. Quadro Repórter, PGM 22



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Já discutimos acima que essa pesquisa entende que a utilização de números elevados não é bem compreendida pelo grupo ao qual o programa diz se dirigir (crianças até 10 anos), mas essa não é a principal problemática deste conteúdo. É uma reportagem que parece não ter finalidade nenhuma, que passeia por vários assuntos e não explica nenhum de maneira mais aprofundada. Em sua chamada fala sobre o planeta, que sequer é citado depois; as meninas falam as personagens que elas gostam, como Barbie e Hello Kitty e dizem o que possuem desses personagens; caminham pelas lojas e falam o que gostaram; e o menino explica a diferença de bonecos que se parecem, mas são diferentes. Além disso, os próprios offs nos permitem questionamentos.

– Comprar nos faz sentir parte da sociedade. Formar novos consumidores começa cada vez mais cedo. Um personagem famoso faz uma marca vender em média 20% a mais que as outras. (Off do quadro Repórter, PGM 22)

Podemos perceber nesta reportagem um passeio por diversos temas, que são citados vagamente e apenas jogados para o público: influência de personagens nas compras; propaganda infantil; e capitalismo (o sentimento de comprar enquanto pertença de uma sociedade e a criação de novos consumidores). Mas afinal o que desejou ser mostrado de fato

ao público do programa? Apenas crianças que compram? Mas qual a finalidade disso? Não há nenhuma problematização desse consumo e o que foi prometido na escalada, consumo consciente, não foi entregue. Existe apenas um off que se aproximou desse que parecia no início ser o fio condutor da reportagem, mas que não foi seguido.

– É preciso ficar atento, porque nem sempre a gente compra só o que precisa. Se não prestar atenção, comprar pode ser uma coisa que não tem fim. (Off do quadro Repórter, PGM 22).

Essa fala é acompanhada na sequência pela sonora da criança Sophia que diz tudo que compraria no shopping se pudesse. Este conteúdo nos fez lembrar da vertente interpretativa da Sociologia da Infância (SARMENTO; MARCHI, 2008). Essa corrente, como debatido em nosso capítulo um, tem como principal ponto pensar nas elaborações que a criança faz daquilo que recebe. Neste caso, podemos discutir as interpretações possíveis às crianças com relação ao que recebem do jornalismo, e mais precisamente do Repórter Rá-Teen-Bum. É o conceito de reprodução interpretativa de Corsaro (1997).

Esta matéria sobre consumo gera questionamentos sobre que elaborações podem ser geradas. As hipóteses não parecem ser boas, porque trata-se de um conteúdo confuso e até inadequado. Não consideramos que essa pauta deve estar ausente de produtos jornalísticos voltados para crianças, pelo contrário, já que os pequenos estão inseridos nesse processo de consumo que vivemos e por isso devemos abordar a temática com eles. Mas é necessário fazer uma discussão pedagógica (CERQUEIRA, 2018) e dentro do que vem sendo debatido atualmente, pois a forma como foi apresentado mais parece incentivar o consumo desenfreado, do que fazer as crianças pensarem nele com mais consciência.

Outra matéria que nos chamou a atenção foi a pauta em que crianças e adolescentes falam o que pensam sobre a superproteção dos pais, mais uma vez a partir do valor-notícia Atividades e valores culturais. As entrevistas das crianças trazem discussões interessantes sobre a temática.

— Minha mãe, eu acho que eu já tenho idade de pelo menos ter o Instagram. Ela só me deixa ter Whatsapp. Todas as minhas amigas, acho que nenhuma não tem Instagram e eu me sinto um pouco isolada da área, de não ter rede sociais. A minha mãe poderia me abrir um pouco mais, acho que ela poderia confiar um pouco mais em mim. Mas eu entendo ela um pouco, de me proteger disso, eu posso não estar pronta para enfrentar. (Ana Luiza, idade não revelada, PGM 28).

— Eu já tenho idade para sair sozinho, com tanto que eu tenha cuidado. [...] eu tenho um amigo no médio, que ele não pode andar sozinho e as pessoas zoam ele por isso e ficam chamando ele de bebezinho. (Luke, idade não revelada, PGM 28).

— Quando você protege demais, você sufoca os seus filhos, querer fazer tudo por ele e não deixar ele tomar suas próprias decisões e querer sempre cuidar de tudo que ele tá fazendo, proteger ele, além do que ele precisa. Uma coisa é proteger, é você querer o melhor para o seu filho, é você ser preocupado em relação a ele e outra coisa é você fazer tudo por ele. Eu acho que proteger é bom, super proteger não, é demais. Às vezes eu gostaria de ter um pouco mais de liberdade mesmo, de saber que eu posso ter responsabilidade pelas minhas próprias redes sociais, pelas minhas próprias coisas. Eu acho que quando os pais param de super proteger uma criança, ela vai ganhando mais independência, ela vai conseguindo fazer as coisas por si mesma. (Juliana, idade não revelada, PGM 28).

Imagem 32. Juliana, idade não revelada, quadro Repórter, PGM 28



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

As falas das crianças são muito ricas diante de um assunto pouco abordado pelo jornalismo e talvez em suas próprias casas. As entrevistas nos mostram que as crianças têm opiniões sobre o tema e podemos interpretar que desejam falar sobre. Entendemos que a não revelação da idade de quem participa compromete um pouco a narrativa, tendo em vista que a proteção dos pais em geral vai de acordo com a idade dos filhos (uma criança de cinco anos, por exemplo, necessita de cuidados diferentes da que tem 11), então não é possível fazer nenhum julgamento sobre as situações relatadas por cada um. Observando apenas a aparência física dos entrevistados parecem se tratar de pessoas que estão no início da adolescência. Mas,

mesmo com esse comprometimento gostaríamos de dissertar sobre o que dizem eles a respeito do tema, que nos reforça, repito, a importância de ouvi-las sobre o que as afeta.

Voltando ao trabalho da professora Doretto (2015), a pesquisadora entende que as crianças buscam um jornalismo que trate assuntos do seu cotidiano, que em geral não aparecem naquele que é feito para adultos. Ou seja, elas desejam falar sobre o que as atravessa. Acreditamos que essa abordagem trazida pelo Repórter Rá-Teen-Bum atende esse anseio, porque às ofereceu a oportunidade de falar e pensar sobre situações que lidam no dia-a-dia.

Além disso, o espaço e a liberdade oferecida aos entrevistados para expor seus pensamentos sobre o assunto, reforça o que Marôpo (2015) nos fala no capítulo dois deste trabalho. A autora afirma que a participação infantil no jornalismo deve acontecer a estimulá-las a expressar opiniões de forma crítica, contribuindo para seu desenvolvimento e ajudando aqueles que estão apenas no lugar da audiência a fazer o mesmo. Novamente a teoria da reprodução interpretativa de Corsaro (1997), pois acredita-se que as crianças irão elaborar essa mensagem de acordo com suas realidades e refletirem sobre a temática, podendo até estimular que conversem com suas famílias sobre o assunto.

Inclusive, em um dos offs, a apresentadora Nathália fala que existe perigo em todo lugar, mas que é necessário que haja uma conversa para se criar uma relação de confiança entre os pais e as crianças. Aliás, confiança foi uma palavra citada de forma recorrente pelos entrevistados, expressando o desejo de terem mais esse sentimento vindo de seus pais. Foi interessante perceber como eles entendem que ao poderem fazer mais ações sozinhos, conseguem mais autonomia. Uma das coisas mais trazidas quando é falado em autonomia, são deveres domésticos, como arrumar a cama, lavar a louça e etc. Eles acreditam que essas atividades os ajudam a demonstrar para os pais que são responsáveis e sabem se cuidar.

Na reportagem fica explícito o quanto o meio em que eles estão inseridos implica em seus comportamentos, sentimentos, decisões. Uma menina deslocada porque suas amigas têm Instagram e ela não; e um menino que é chamado de bebezinho porque não pode sair sozinho. Essas falas nos fazem pensar, enquanto adultos, em especial, aqueles que convivem com crianças, a necessidade de levar em consideração para educar, o convívio social dos pequenos. Hoje as crianças e adolescentes estão inseridas em uma realidade muito diferente da que seus pais estiveram e por isso não é adequado que se queira oferecer a mesma educação que receberam, porque isso pode trazer problemas para os filhos.

— O lado ruim é que, por exemplo, [...] a pessoa ser isolada das outras pessoas por não fazer certas coisas, pode ter uma vida menos social e pode até mesmo resultar em caso de bullying. (Luke, idade não revelada, PGM 28).

Prout (2010) aborda essa problemática, nos fazendo lembrar que as crianças vivem em uma sociedade pluralista, que apresenta muitos discursos. O autor nos recorda que elas são confrontadas o tempo inteiro com uma série de valores, às vezes complementares, às vezes divergentes. São narrativas que vêm dos mais diversos espaços: família, escola, mídia e outros. Por isso, a SI reforça que é preciso ajudar as crianças em suas tentativas de dar sentido ao mundo em que vivem.

No PGM 20, o Repórter Rá-Teen-Bum traz mais um assunto necessário para ser debatido com os pequenos usando novamente como principal caminho o valor-notícia Atividades-valores culturais. O tema é padrões de beleza. Esse conteúdo nos mostra o quanto as crianças se preocupam e se baseiam no que os outros dizem para falar de suas aparências.

— Lá na escola, às vezes tem criança que só gosta de ser amiga de crianças bonitas. Tem gente que é testuda, tipo eu, eu acho que eu sou testuda. Então eu queria aumentar a sobrancelha ou deixar uma franja. (Joana, 9 anos, PGM 20).

— Eu queria mudar meu nariz por causa que todo mundo zoa ele. (Yara, 10 anos, PGM 20).

— Minha amiga tem cabelo cacheadinho mô bonito, aí ela fica achando que cabelo liso é mais bonito, ela fica alisando o cabelo. Têm algumas pessoas que tem esse certo preconceito, mas isso daí é desnecessário, porque todo mundo é igual, cada um tem sua própria beleza. (Bianca, 12 anos, PGM 20).

— Tem muita gente querendo ficar magra para parecer personagem de desenho, de novela. Têm uns homens também que eles ficam tomando muita bomba para ficar forte. Eu gosto de me preocupar com minha aparência, porque eu gosto de me achar bonito, eu gosto de ter a autoestima alta. Eu não ligo para o que os outros pensam. (Richard, 12 anos, PGM 20).

— Tem muita gente que fala que a pessoa tem cabelo duro, que ela não tem cabelo liso, aí ela fica chorando, por isso que ela precisa se arrumar. (Isabelly, 10 anos, PGM 20).

— Um montão de gente fica me xingando porque eu tenho o dente grande, fica me chamando de coelho, Mônica e eu não gosto disso. (Tainá, 10 anos, PGM 20).

— As pessoas gosta de tratar as pessoas que são bonitas, por causa que, tipo, elas vai pensar - ah se eu andar com pessoas bonita, eu posso ser popular. (Irene, 11 anos, PGM 20).

Imagem 33. Quadro Repórter, PGM 20



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Acreditamos que essa pauta abordada pelo Repórter Rá-Teen-Bum preenche de novo o requisito de abordar com o público infantil temas que esse precisa lidar em seu cotidiano e ausentes no jornalismo adulto, que é o qual ele têm mais acesso. Silva e Soares (2011) nos falam que todos, inclusive, as crianças, vivemos numa busca diária para nos sentirmos parte desse mundo e o jornalismo contribui para que possamos nos localizar.

Mas é também esse mesmo jornalismo, como diz Silva (2005), capaz de reformular discursos e nos ajudar a ver as coisas de outras maneiras. A mídia, como um todo, sempre reforçou e ainda reforça que existe uma beleza ideal, uma narrativa que está incorporada no inconsciente coletivo e que alcança as nossas crianças. Mas assim como a autora, enxergamos potencial no jornalismo para reestruturar o entendimento sobre várias coisas, entre elas padrões de beleza. Silva (2005) argumenta que essa área atua na construção das representações que fazemos sobre nós mesmos e sobre o mundo. Sendo assim, o jornalismo, e no caso do nosso trabalho, o jornalismo infantil, pode colaborar para uma nova visão sobre essa temática.

O meio é fator determinante para a consciência sobre si e é o olhar do outro que muitas vezes nos valida. Como Foucault (1998) fala, somos constituídos por influências. Os pequenos não estão salvos dessa problemática da vida, sentem tanto quanto, ou até mais que os adultos. Já que ainda não tem tanto repertório de vida para elaborar questões como essas, então ao ser “zoad” pelo dente grande, é normal que queira fazer algo para mudá-lo. Entendemos que essas falas nos deram uma dimensão melhor da temática, o quanto todos somos julgados por nossas aparências. Além disso, levanta uma preocupação de como esses padrões impostos atingem nossas crianças.

Mas o programa é feito para elas e não para nós adultos e acreditamos que o assunto poderia ter sido melhor explicado e debatido. Os próprios offs poderiam ter aprofundado o tema ou talvez a presença de algum adulto, que pudesse falar de forma compreensiva para a audiência do programa como foram criados esses padrões e que eles não fazem sentido, por isso não há problema nenhum ser do jeito que se é. O único off que faz menção a essa discussão é o que a apresentadora Nathália fala:

— É bom se sentir bonito, mas o que determina onde cada um vai chegar são as atitudes, não a aparência.

Benetti (2016) já havia nos alertado para a necessidade de entendermos que as pessoas possuem mapas mentais e culturais distintos e por isso não é possível prever como vão receber um discurso jornalístico e que elaborações serão feitas. Dessa maneira, é preciso que os conteúdos sejam claros em suas mensagens, deixando explícito a ideia que desejam passar, em especial, quando falamos de jornalismo infantil.

A temática é importante e vê-la presente no jornalismo infantil é cada vez mais necessário. Afinal, nossas crianças, por mais cruel que possa parecer, também são cobradas por suas aparências e são cobradas por seus próprios pares que apenas vão reproduzindo aquilo que recebem. É fundamental que entendam desde cedo que elas devem gostar de si do jeito que são, porque não existe uma beleza certa ou errada, existe a beleza de cada um, e mais que isso, a beleza de alguém não está apenas em seu físico, mas sim em suas atitudes e comportamento. Nada disso é abordado na reportagem.

No conteúdo foi ouvido um menino que trabalha como modelo e ator e duas meninas modelos e atrizes. Elas apresentam relatos semelhantes aos das crianças que não estão nesses lugares, dizendo, por exemplo, o que gostam em si e o que mudariam. Já as outras crianças entrevistadas são de uma escola de São Paulo, não identificada, que recebeu o projeto Crescer com Valores, que segundo a matéria, busca aumentar a autoestima infantil.

Não é explicado como o projeto trabalha, mas as imagens que cobrem a reportagem mostram as crianças se arrumando: penteando cabelo, usando batom, entre outras coisas. Como a iniciativa não é detalhada é difícil dizer se ao promover para as crianças esses momentos o projeto entende que para ter autoestima é necessário estar “arrumado”. Autoestima vai além da aparência física, passa, por exemplo, em estimular a criança a acreditar em suas capacidades e em sua própria voz, como aborda a Sociologia da Infância, ao defender o protagonismo infantil. Não sabemos se o tópico foi discutido com aqueles que

participaram da atividade, na reportagem não foi.

Além disso, alguns questionamentos feitos às crianças neste conteúdo podem ser problematizados, como a pergunta sobre o que elas não gostam em si e o que mudariam em sua aparência. Essas indagações não aparecem, mas há uma dedução de que foram feitas pela sequência de respostas das crianças. Primeiro acreditamos não ser adequado perguntar a uma criança o que ela mudaria em sua aparência física. Por que fazer pensá-las sobre isso? A criança não deve ser estimulada a se preocupar com o que mudaria em seu corpo. Se a abordagem for feita, que o seja de uma maneira que as explique que não existe um padrão de beleza, que existem corpos diferentes e belos na mesma medida. Além disso, nossa preocupação é se houve uma preparação dos pequenos para falar sobre assuntos que podem ter os deixado tristes e desconfortáveis.

— Quando eu tinha cinco anos eu caí da escada, aí eu bati minha cabeça, aí meu olho ficou assim. Aí às vezes quando eu chegava na escola ficavam me chamando de zaroio, aí eu não gostava e começava a chorar. (Lucas, 11 anos, PGM 20).

Nossa inquietação reside em saber se as crianças foram perguntadas antes, se tudo bem para elas falarem sobre essas situações, que podem ser classificadas como bullying. O jornalismo infantil precisa ter um cuidado diferente com seus entrevistados. A pesquisadora Lídia Marôpo (2011; 2015) trata sobre esse tópico em seus trabalhos destacados em nosso estado da arte. A autora indica cuidados que devem ser tomados com esse público ao tratá-lo como fontes de informação: perguntar se desejam participar da entrevista, mesmo que o adulto (s) responsável já tenha autorizado, é preciso que a própria criança manifeste esse interesse; oferecer antes uma explicação sobre o assunto que irá falar; e se tudo bem para elas conversar sobre alguns temas mais delicados, que precisam ser postos antes da entrevista.

No último episódio do programa, o Repórter Rá-Teen-Bum abre com uma matéria sobre religião que está dentro do valor-notícia Conhecimento/Cultura. Uma abordagem muito importante com o público infantil, que pôde através desse conteúdo conhecer religiões não cristãs. Sabemos que o cristianismo é predominante em nosso país e que outras crenças que não seguem essa linha sofrem preconceito. Por isso, a necessidade de abordar a temática, pois permitir que as crianças conheçam outras religiões certamente as ajudará a entender, como a própria matéria diz, que todas as crenças desejam construir um mundo melhor. A seguir transcrevemos alguns trechos das entrevistas, que como já explicado, são as falas das crianças

juntadas em trecho único formando a ideia geral do que elas quiseram dizer. São frutos das perguntas feitas pela equipe de produção do programa, mas que não aparecem na matéria.

— Com a prática do xamanismo eu me sinto melhor depois que eu faço alguma atividade junto com o grupo, alguma coisa, um ritual. O xamanismo é o modo de vida dos índios, conviver com harmonia com a natureza. O xamanismo existe o xamã que é o médico e sacerdote da tribo. Tem o ritual aqui que a gente canta, dança, toca o tambor e são ritual de cura. As pessoas poderiam pesquisar mais e tentar conhecer, para descobrir o que é. Eu acho que eles não entendem, porque eles já têm outra crença, que meio que impedem eles de acreditarem porque eles acham que é alguma coisa meio esquisita. (Raul, idade não revelada, PGM 36).

— Tô aprendendo a meditar. A meditação me ajuda a ficar mais calmo. A lei do karma é tudo que vai volta, tipo, quando você faz uma coisa má, ela volta para você, quando você faz uma coisa boa, ela volta para você. No budismo eu aprendi que todos os seres têm que ser felizes. (Davi, idade não revelada, PGM 36).

— Pra mim o que seria Deus, é um espírito que vive lá em cima, que cuida da gente, que fez a gente. Eu acho errado as pessoas não respeitarem a natureza, porque a natureza dá comida pra gente, dá água, dá tudo e o candomblé ele respeita a natureza porque a nossa vida está lá. Orixá é um sagrado que vive na natureza, no nosso corpo. Ah, eu sinto que os orixás estão perto de mim, eu sinto uma energia mais forte dentro de mim quando eles estão perto de mim. Religião pra mim é o culto dos orixás, é cada orixá tem a sua personalidade, é a mata, é a água, é a cobra. O meu orixá é Ogum. Eu não converso isso com as outras crianças, porque eu acho que é nada a ver pra elas. (Oni, idade não revelada, PGM 36).

Imagem 34. Oni, idade não revelada, Quadro Repórter, PGM 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

A reportagem consiste em ouvir essas três crianças sobre suas religiões. Elas explicam algumas características de suas crenças, falam como se sentem durante a prática delas, além de falarem sobre intolerância religiosa. Acreditamos que esse tipo de conteúdo é muito necessário para o público infantil, primeiro porque permite que as crianças saibam que existe uma grande diversidade religiosa no mundo. Segundo, porque ouvir crianças dizendo o quanto se sentem bem dentro da religião que praticam pode ajudar no respeito a essas crenças, afinal não podemos ser contra ao que faz o outro feliz.

Ainda tendo como referência o valor-notícia Conhecimento/Cultura, o Repórter Rá-Teen-Bum exibe no PGM 26 uma reportagem sobre um acampamento cigano. O conteúdo tem como finalidade apresentar ao público do programa esse estilo de vida que sofre muito preconceito justamente porque poucos conhecem.

— O modo de viver, o modo da gente conversar entre ciganos, é muito diferente. Os nossos pais, os mais velhos, eles criam a gente já ensinando a cultura cigana, como que é a linguagem, como que deve ser a roupa, entendeu? Tipo pra respeitar os mais velhos, eles cria a gente pra gente já ir sabendo isso, e crescer nessa tradição. (Sandra, idade não revelada, PGM 26).

— Tem pessoa que não gosta do cigano, porque acha que o cigano que é ruim. (Raiane, idade não revelada, PGM 26).

— Eu não conto que eu sou cigana na escola, porque eu tenho vergonha. Olham meio torto, ficam apontando. Eu acho que é o preconceito. Eu sinto orgulho de ser cigana, porque cigana é muito divertido ser cigana, eu gosto de ser cigana. (Jady, idade não revelada, PGM 26).

— Ciganos eles têm o jeito diferente de outras pessoas. É muito da hora ser cigano. Um acampamento cheio de cigano dá orgulho. (Iasmin, idade não revelada, PGM 26).

Imagem 35. Iasmin, idade não revelada, Quadro Repórter, PGM 26



A reportagem preenche uma lacuna importante no jornalismo, em especial, o infantil. Já dissertamos neste trabalho a importância de apresentar às crianças realidades diferentes da que ela vive. É preciso que nesse processo de crescimento a criança entenda que há muitas pessoas que existem de outras maneiras, maneiras que talvez ela não entenda, mas que deve respeitar. Ouvir crianças ciganas falando como vivem, como se vestem, sobre discriminação e orgulho da sua cultura pode ajudar nesse processo de combate ao preconceito e claro na ampliação do conhecimento cultural de quem assiste.

Em sua pesquisa sobre a Folhinha e o Estadinho, Doretto (2010) percebeu que a escolha por ouvir crianças contando suas histórias é uma forma interessante de chamar a atenção da audiência, além de ajudar aqueles que assistem a acreditarem no que está sendo dito. Personificar os conteúdos jornalísticos é uma estratégia defendida também por Traquina (2005) e outros autores que estudam as teorias do jornalismo.

Outro tema importante que apareceu no Repórter Rá-Tenn-Bum foi a violência contra a mulher, tendo como principal valor-notícia Atividades e valores culturais. A matéria presente no PGM 8, no quadro Gira Girou, mostra um grupo de jovens da Nicarágua que faz atividades de conscientização sobre diversos assuntos, entre eles violência doméstica. O conteúdo poderia ter sido melhor explicado ao público infantil, não é falado, por exemplo, que tipos de violência a mulher pode estar sujeita e o que fazer nesses casos, a quem procurar. Mas as falas das crianças entrevistadas nos mostra a necessidade de trabalhar esta temática desde a infância, para que possamos ter homens que respeitam as mulheres, como dizem as próprias crianças.

– Nós temos que confiar no nosso par e apoiar ela ou ele, sempre que for preciso. (Criança não identificada).

– Não maltratar sua namorada, mas apoiar as decisões dela e não acreditar somente em sua própria opinião. (Criança não identificada).

Como explanado neste capítulo, o Repórter Rá-Teen-Bum apresentou temas muito importantes para seu público. Embora alguns conteúdos, abordagens e linguagem nos fazem pensar que nem sempre a idade da audiência a qual se dizia destinar foi respeitada. Muitos assuntos explanados e principalmente palavras utilizadas não são do conhecimento e interesse desse grupo. Uma pesquisa da própria emissora poderia ter ajudado na escolha das temáticas,

ou até mesmo um estudo do que já foi feito no campo do jornalismo infantil, como nosso estado da arte, poderia dar um melhor norteamento do que oferecer à crianças de até 10 anos. Muitos temas foram abordados de forma vaga e confusa deixando dúvidas sobre qual a proposta daquela matéria, como se só estivesse ali para preencher espaço dentro do programa.

O jornalismo infantil passa pelos mesmos questionamentos e problemas que o jornalismo como um todo. O Repórter Rá-Teen-Bum certamente teve situações de ter que fechar o programa e não ter material suficiente e as opções que tinha era observar o que foi oferecido pelo Wadada ou criar uma pauta de última hora que poderia ser apresentada em forma de nota coberta ou não, mas o suficiente para preencher aquele buraco. Essas observações foram feitas a partir da análise do material, quando mais de um conteúdo do Wadada aparecia, não apenas no quadro Gira Girou, e quando muitos assuntos foram tratados na forma de nota coberta. Não é possível afirmar que isso aconteceu só para ocupar o tempo do programa, sem dúvida muitos temas entraram na pauta porque de fato foram considerados pela equipe como bons tópicos para apresentar ao seu público.

Mas algumas matérias nos deixam dúvidas sobre o motivo de estarem na grade do Repórter RTB. E não apenas pela temática, mas pela forma como foi apresentada. Infelizmente não conseguimos a informação de quantas pessoas existiam na equipe do Repórter Rá-Teen-Bum, o que poderia nos ajudar numa análise mais justa. Afinal o número de profissionais à disposição impacta diretamente no trabalho que será desenvolvido. Além disso, também não sabemos se as pessoas que o produziam eram exclusivas dele ou se acumulavam funções, ou seja, trabalhavam para produzir matérias para o Repórter Rá-Teen-Bum e outros programas da casa. Algo bem comum no jornalismo.

Também desconhecemos como se deu a escolha dessa equipe, eram pessoas com alguma experiência no jornalismo infantil? No Brasil há poucos jornalistas com esse currículo, afinal também são poucos os veículos que oferecem conteúdos noticiosos para as crianças. Mas não estamos aqui dizendo que apenas aqueles que têm experiência podem fazer jornalismo infantil, mas é necessária uma disposição em aprender como se faz, observar outras experiências, passadas e atuais, e de outros países, para entender como as crianças se comunicam, o que gostam de consumir, sobre o que falam. A preparação pode ser feita pelo profissional, mas também deve ser oferecida pela própria emissora, neste caso não sabemos se a TV Cultura ou Wadada ofereceram algum tipo de formação para aqueles que cuidaram do programa durante seus três anos de exibição.

Tudo isso influencia diretamente no que será oferecido no produto final. É possível perceber que o Repórter Rá-Teen-Bum, mesmo sendo exibido apenas uma vez na semana,

passou por problemas semelhantes ao do jornalismo diário e que o fator tempo, financeiro, equipe e outros impactaram na produção de matérias e reportagens. Talvez o pequeno quantitativo de pessoal e de tempo comprometeram a produção de conteúdos mais detalhados e melhor explicados, ou a falta de tato em conversar com as crianças por meio do jornalismo, ou tudo isso. A infância é um momento da vida que requer uma explicação mais didática sobre as coisas e em muitos materiais o programa deixou a desejar através da linguagem apresentada ou da temática abordada, parecendo esquecer para quem ele próprio escolheu se destinar.

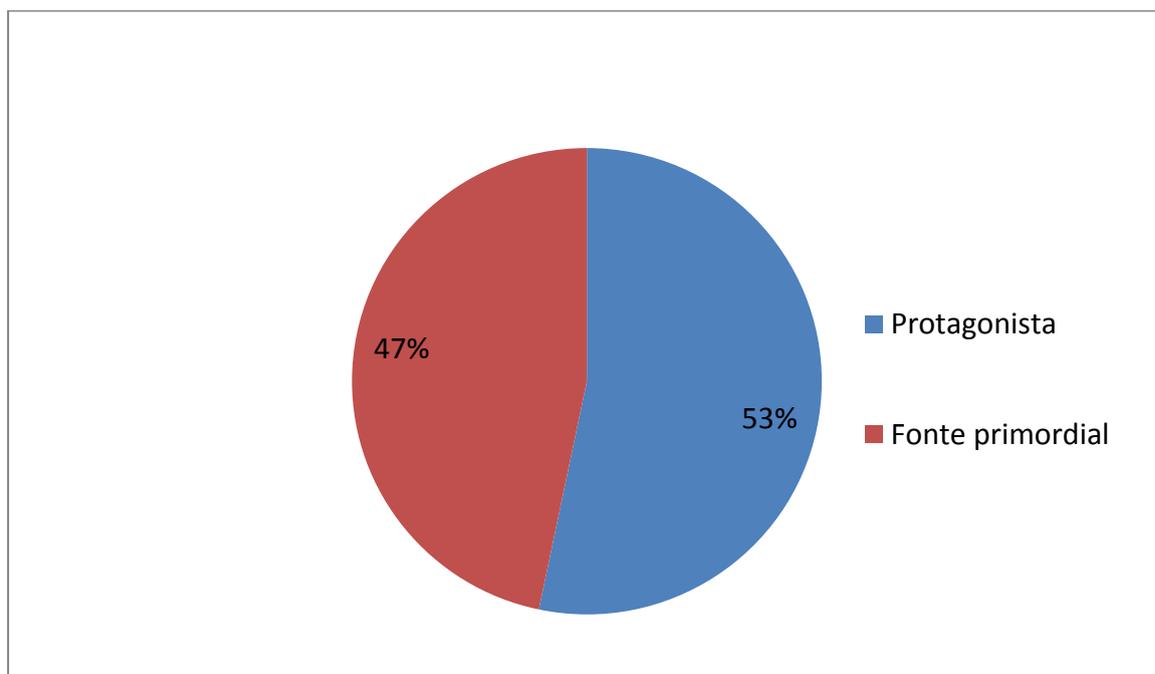
7.4. LUGAR DA CRIANÇA NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

Ao observar que nosso objeto de estudo incorporou as vozes das crianças e adolescentes em cada episódio para falar sobre seus hobbies, habilidades, conhecimentos e opiniões, este trabalho buscou conhecer que lugar de fala esse grupo ocupava. Para isso, fizemos uma classificação livre a fim de saber se a criança ou adolescente foi colocada como **protagonista** da matéria ou **fonte primordial**. Entendemos a criança ou adolescente como protagonista quando ela era o próprio assunto, ou seja, quando a pauta na verdade tinha como objetivo contar a sua história, uma narrativa comum no Repórter Rá-Teen-Bum.

Já na categoria fonte primordial o enquadramento aconteceu quando a matéria já tinha um tema definido e a criança e/ou adolescente estava ali para falar sobre o tópico. Todos os episódios do Repórter Rá-Teen-Bum contaram com falas de crianças e adolescentes, em 270 assuntos debatidos, 282 crianças e adolescentes foram ouvidos. Os adultos não estiveram totalmente ausentes, em 36 programas, 52 adultos participaram, todos como fontes.

O público infantojuvenil apareceu como protagonista 65 vezes e como fonte primordial em 57 conteúdos, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 6. O lugar que a criança ou adolescente ocupavam no Repórter Rá-Teen-Bum

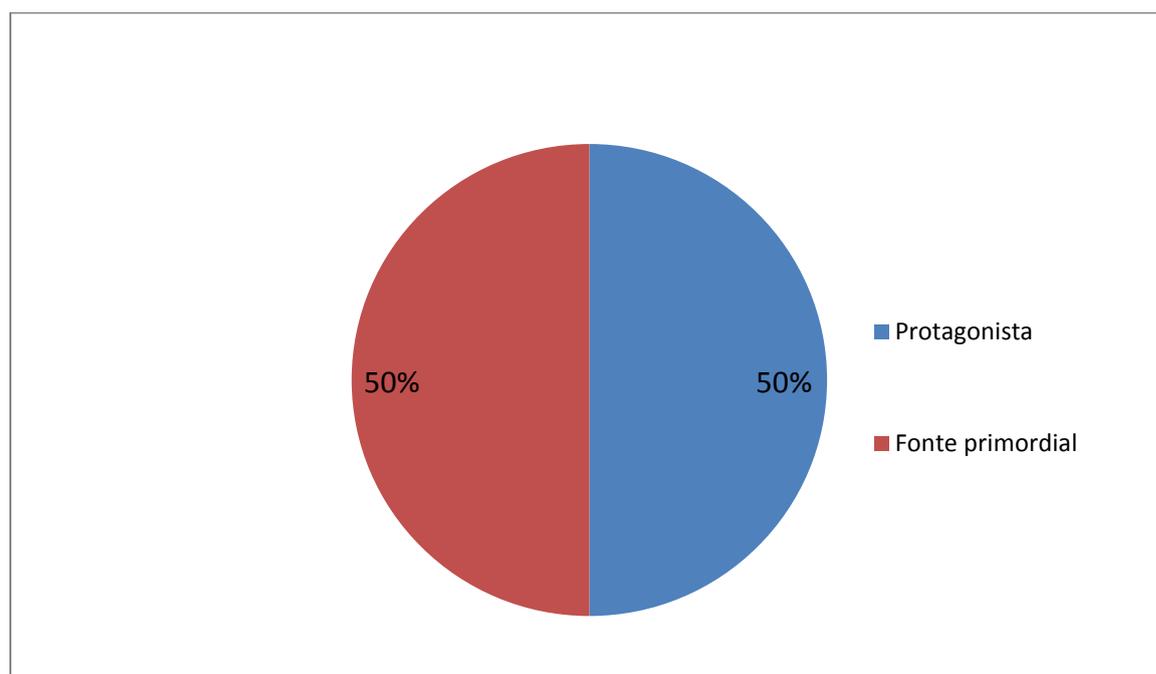


Fonte: autoria própria

É importante dizer que as formas de participação foram observadas por conteúdo, mesmo que mais de uma criança ou adolescente tenha sido ouvido no mesmo quadro. Seguimos esse caminho porque foi percebido que o lugar que uma criança ocupava na reportagem ou matéria era o mesmo que as demais. Por exemplo, na reportagem do quadro Gira Girou no programa 1, sobre a presença de cachorros nas salas de aula na África do Sul, quatro adolescentes falaram sobre o assunto, todas como fontes primordiais

Realizamos, ainda, uma observação desse lugar ocupado pela criança e adolescente por quadros. No primeiro, “Repórter”, essa participação apareceu de forma igualmente dividida: 18 vezes como protagonista e 18 vezes como fonte primordial.

Gráfico 7. Quadro Repórter



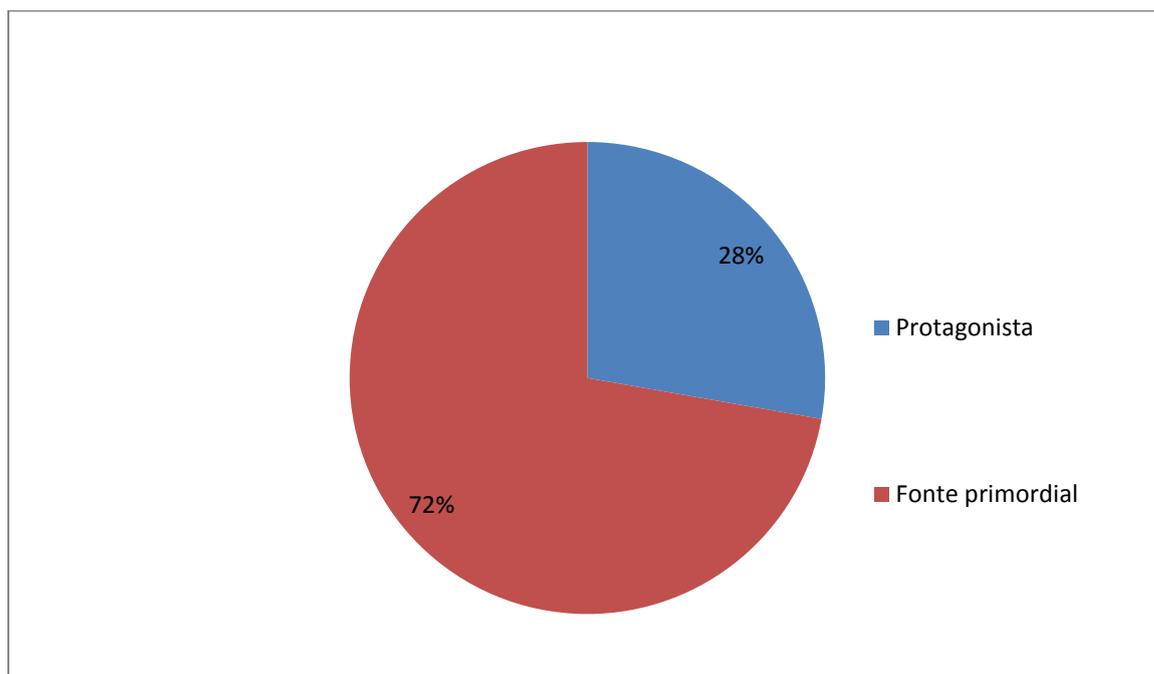
Fonte: autoria própria

O interessante é que essa maneira de apresentar a criança e adolescente neste quadro que abre o programa mudou ao longo dos anos de exibição. Existe uma predominância da criança/adolescente protagonista até o episódio 18, quando aparecem ocupando este lugar em 14 oportunidades, ou seja, em apenas 4 PGMs isso não aconteceu. A partir do 19º Repórter Rá-Teen-Bum, este quadro começa a colocar seus principais entrevistados no lugar de fontes primordiais. Desses 18 PGMs, o público infantojuvenil surgiu dessa forma em 15. A narrativa funcionou da seguinte maneira: um assunto foi escolhido e as crianças falavam sobre ele. Discutimos diversos desses temas no capítulo anterior.

É interessante pensar essa mudança observando o que defende a Sociologia da Infância. Entendemos que as duas maneiras de introduzir a criança em seus conteúdos, a partir da nossa classificação livre, geram um protagonismo infantil. Mas a colocação desse público como fonte primordial, além do seu protagonismo, permite também a construção de uma cidadania infantil, tópico também abordado pela SI. Pois não se trata apenas de colocar as crianças como entrevistadas, mas de dar oportunidade a elas de falarem sobre assuntos que as interessam e com liberdade para se expressarem à sua maneira.

Já no quadro "Gira Girou", conteúdos enviados pelo Wadada, a prevalência foi pela criança/adolescente como fonte primordial, que apareceu em 26 conteúdos deste quadro. Já como protagonistas elas estiveram em 13 oportunidades.

Gráfico 8. Quadro Gira Girou

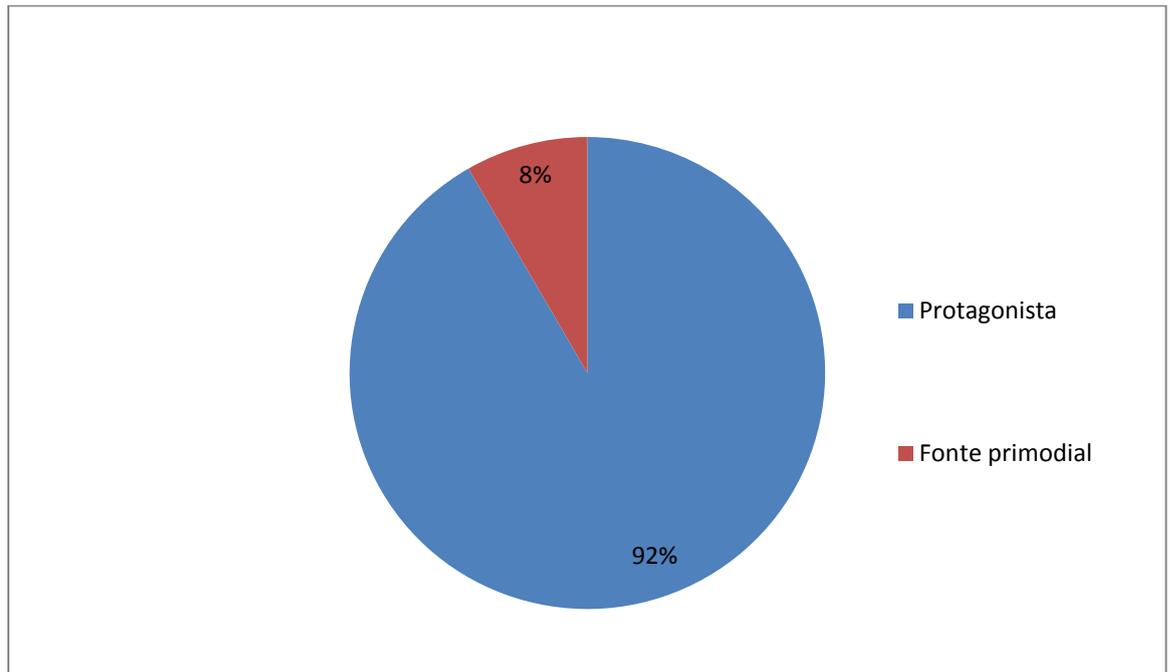


Fonte: autoria própria

Em geral, neste quadro foram tratados assuntos que aconteciam ao redor do mundo e as crianças dos países em questão falavam sobre eles.

Diferente do quadro “É Nós”, que aparentemente foi criado para de fato contar histórias de crianças e adolescentes do Brasil e do mundo. Aqui elas apareceram como protagonistas em praticamente todos os programas, mais precisamente 33 vezes, e em apenas três oportunidades estiveram como fontes primordiais.

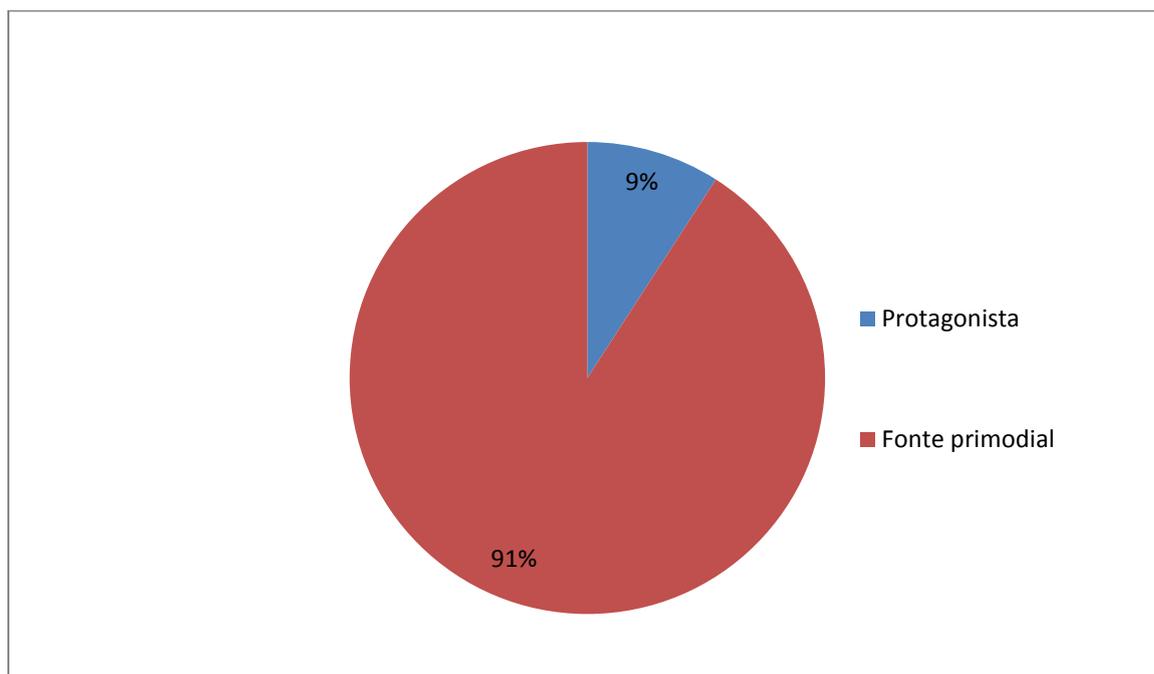
Gráfico 9. Quadro É Nós



Fonte: autoria própria

E por fim, o “Você Viu?”, que nos primeiros 13 PGMs fechou os episódios, mas a partir do 14, apareceu como sendo o terceiro ou segundo quadro e quem passa a fechar o programa é o É Nós. O Você Viu? Foi o quadro que menos ouviu crianças e adolescentes. Em geral, tratava-se de uma nota coberta e podemos dizer que era o quadro responsável por assuntos mais atuais. O que não significa que isso sempre tenha acontecido, mas dos quatro quadros, foi o que mais buscou oferecer assuntos do momento para a audiência do programa. O off em sua maioria era feito pela apresentadora Nathália Falcão. Dos 36 Você Viu?, 25 não ouviram crianças ou adolescentes. Em apenas 11 oportunidades elas estiveram presentes com falas, em 10 oportunidades como fontes primordiais e apenas uma vez como protagonista.

Gráfico 10. Quadro Você Viu?



Fonte: autoria própria

Como o programa criou em seu público o hábito de ouvir crianças e adolescentes em suas matérias e reportagens, este quadro soava estranho, deixando o questionamento - onde estão as crianças? O que elas pensam sobre este assunto? Embora tenham aparecido muitas vezes nas imagens que cobriam os offs, existia um vazio auditivo. Essa lacuna se torna ainda mais evidente quando observamos os temas tratados, assuntos que diziam respeito diretamente a audiência do programa, como: Entrada em vigor da lei que obriga as escolas a adotarem medidas de prevenção contra o bullying; possibilidade de liberação de celulares em sala de aula nas escolas da rede pública de São Paulo; estudo mostra os prejuízos que podem acontecer quando as crianças ficam muito tempo em frente a telas; e outros. Pautas importantes e que seriam enriquecidas com as falas de crianças.

Cerqueira (2018) nos fala que o jornalismo é um mediador desse processo de compreensão do que acontece. Mas o mesmo autor indica que esse entendimento é facilitado quando o conteúdo jornalístico utiliza personagens para explicar uma temática. Ao excluir a criança de algumas de suas narrativas, mesmo essas tratando sobre situações que as afetam, o Repórter Rá-Teen-Bum reproduz o que já acontece em outros campos, as exclui do debate. A cidadania infantil tão mencionada nesta pesquisa, é defendida pela Sociologia da Infância através da inclusão das crianças no debate público. Traquina (2005) diz que o jornalismo contribui para que o cidadão exerça seus direitos democráticos, mas pensando nas crianças,

como isso pode acontecer se até mesmo o jornalismo que diz ser feito para elas, as afasta dessas discussões?

No PGM 13, por exemplo, é abordada a campanha #todasasfamílias e explicado às crianças que existem muitos conceitos de família. Mas nenhuma criança é ouvida para saber o que elas entendem por família. É uma matéria importante porque aborda uma temática extremamente atual e necessária e acreditamos que as falas infantis poderiam nos ajudar a rever ainda mais os pré-conceitos que temos sobre o assunto. Fazendo-nos perceber que são visões construídas por uma sociedade excludente e preconceituosa.

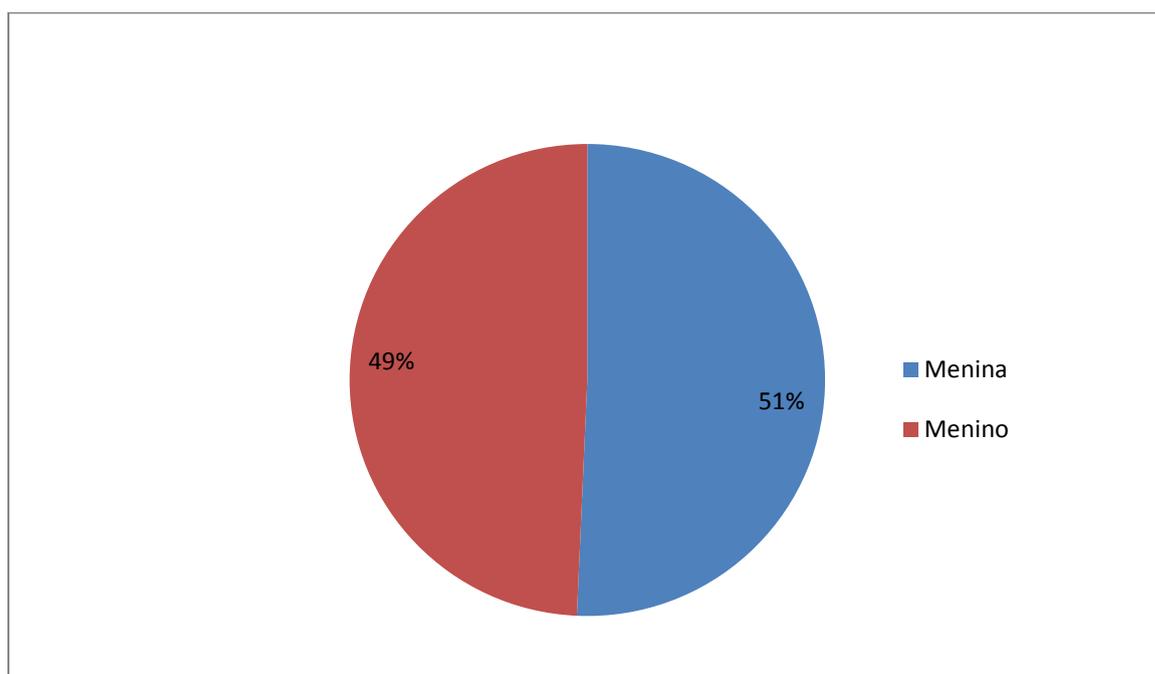
O fator tempo (tempo total do programa) pode ter sido um dos responsáveis por esses temas terem sido abordados de forma tão simples pela produção, pois como dissemos tratava-se apenas de uma nota coberta que por vezes não passava de um minuto. Mas acreditamos que estas temáticas poderiam ter substituído outras que ganharam mais espaço e eram de menor relevância.

Por exemplo, no PGM 3, o quadro Você Viu traz a lei sobre o bullying, sem ouvir uma criança sequer e no mesmo episódio é dado um tempo considerável (2 min, 76 seg) para contar a história de dois irmãos que moram na Ilha de Búzios-SP. A mesma equipe que foi gravar em Búzios poderia ter ido a alguma escola de São Paulo saber o que os alunos pensam sobre a temática bullying. Mas sabemos que isso deixa claro o objetivo do programa, como percebemos ao observar os valores-notícias mais adotados, a proposta é entreter a audiência. Aprofundar assuntos e fazê-las pensar sobre coisas que acontecem e que afetam sua vida não nos pareceu ser prioridade para o RTB.

7.5. PERFIL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENTREVISTADAS PELO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

Também buscamos observar quem foram as crianças e adolescentes que participaram do programa, percebendo questões como gênero, idade e lugar de onde falam. Idade e lugar foram observações que ficaram comprometidas, pois nem sempre foi possível identificá-los. Isso significa que os números que serão explorados a seguir são a partir do que conseguimos descobrir com relação a essas informações. A começar pelo gênero podemos dizer que houve um equilíbrio, com uma leve superioridade feminina. Ao todo, foram ouvidas 284 crianças e adolescentes, sendo 143 meninas e 141 meninos.

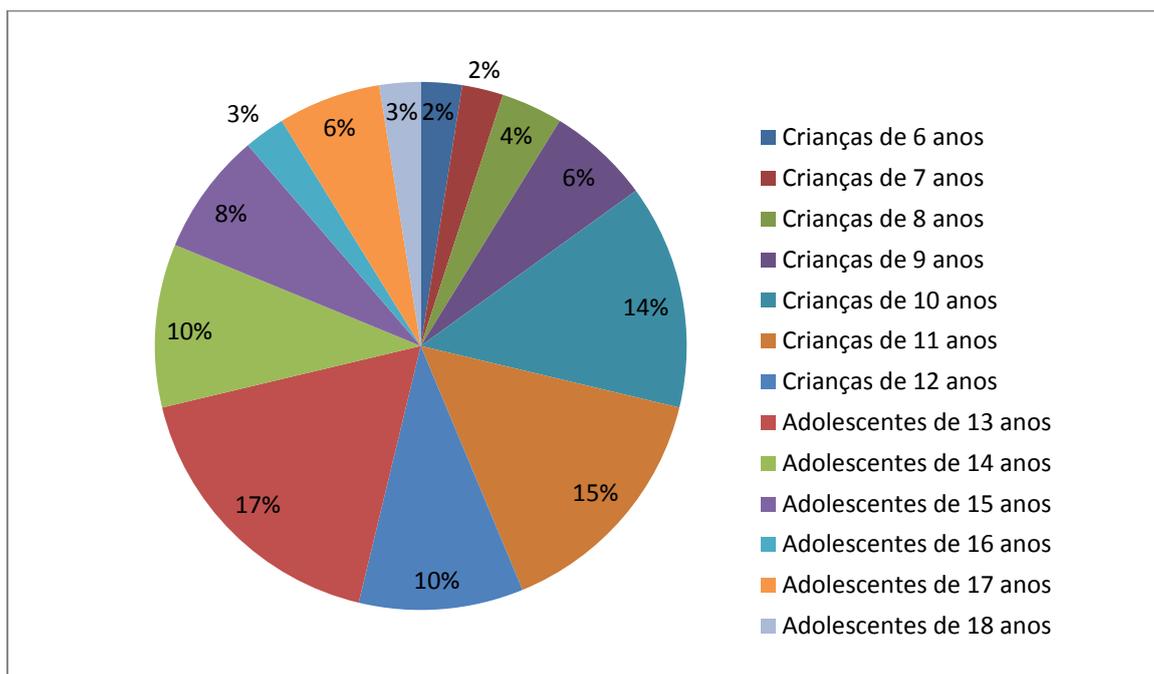
Gráfico 11. Gênero



Fonte: autoria própria

No tocante a idade, das 284 crianças e adolescentes que participaram do programa, só foi possível identificar a idade de 80, por meio do gerador de caracteres, sonora do entrevistado ou do off. Desse quantitativo, 43 eram crianças e 37 adolescentes, tomando como base o ECA. Das oitenta pessoas que tiveram as idades identificadas, 14 tinham 13 anos, sendo essa a faixa etária que mais prevaleceu; seguida dos 11 anos que apareceu 12 vezes; e 10 anos em terceiro lugar, com onze crianças tendo esta idade.

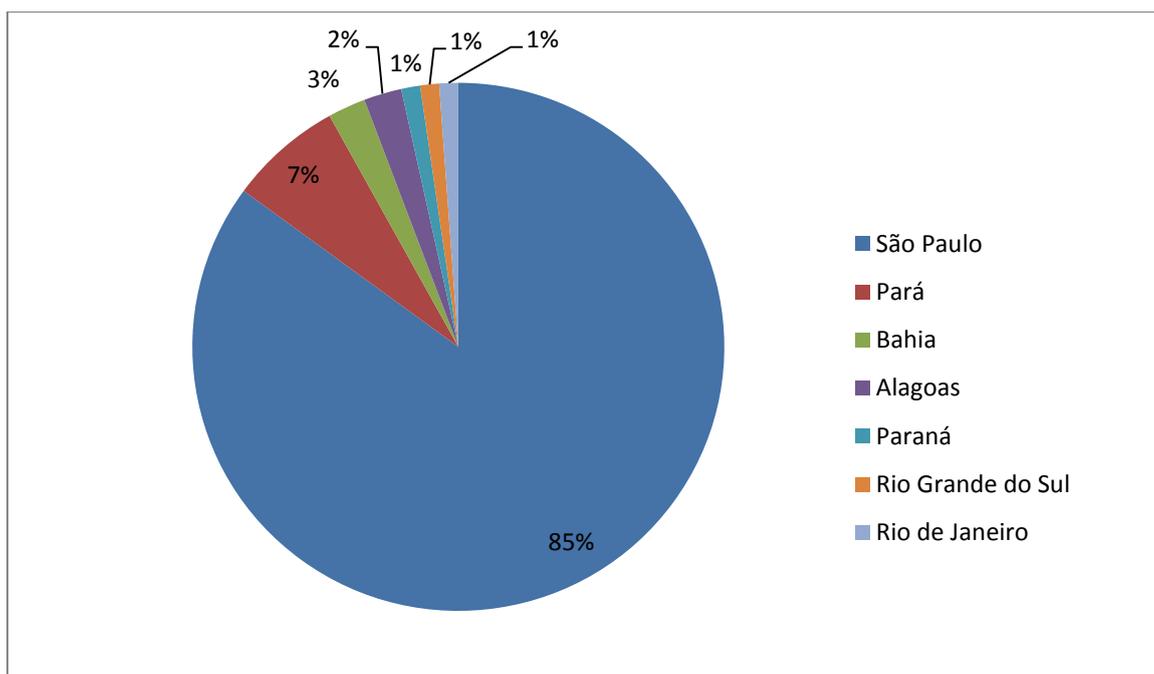
Gráfico 12. Idade



Fonte: autoria própria

Já com relação ao lugar, a maioria das crianças e adolescentes são do estado de São Paulo, onde fica a sede da TV Cultura.

Gráfico 13. Estados



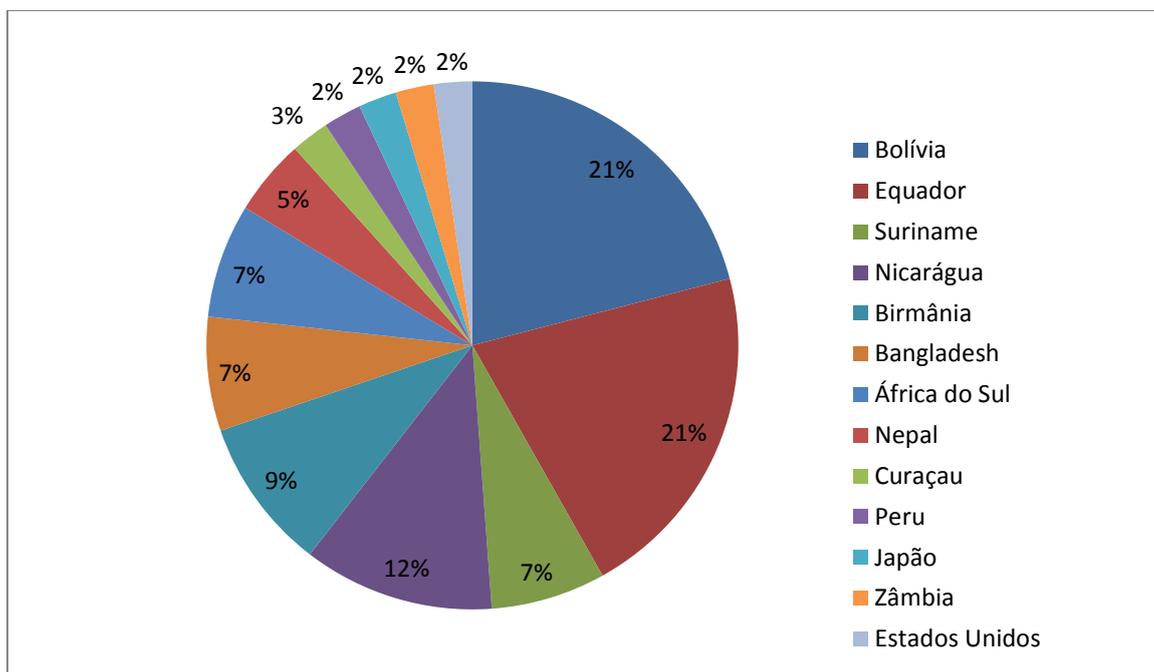
Fonte: autoria própria

Todos os estados possíveis de serem identificados foram citados, e como mostra o gráfico apareceram duas federações do Nordeste (Bahia e Alagoas, duas vezes cada); uma do Norte, o Pará, que foi o segundo mais presente, pois apareceu seis vezes; dois do Sul do País, Paraná e Rio Grande do Sul, uma vez cada; e Rio de Janeiro, também uma única vez. Não conseguimos perceber nenhum estado da região centro-oeste.

A TV Cultura é uma TV que tem muitas afiliadas pelo Brasil, segundo seu site³⁹ ela está presente através dessas parceiras nas cinco regiões do país e nos 26 estados e Distrito Federal. Ao todo são 393 emissoras geradoras e retransmissoras do sinal da TV Cultura. Na Paraíba, por exemplo, são duas afiliadas: a TV Itararé em Campina Grande e a TV Miramar, em João Pessoa. Acreditamos que essa parceria poderia ter sido mais explorada pelo Repórter Rá-Teen-Bum, a fim de oferecer ao seu público uma diversidade maior de realidades e culturas brasileiras.

Como existia a parceria com o Wadada e muitos conteúdos eram de outros países, buscamos também saber de que nações eram essas crianças e adolescentes.

Gráfico 14. Países



Fonte: autoria própria

Através do gráfico percebemos que os conteúdos enviados pelo Wadada mais aproveitados pelo Repórter Rá-Teen-Bum vinham da Bolívia e do Equador, juntos eles representam 40% do quadro Gira Girou, responsável por esse intercâmbio.

³⁹ Disponível em: <https://fpa.com.br/cobertura/>. Acesso em: 04/03/2023

Com base nos últimos gráficos, notamos que o programa escolheu como seus principais entrevistados meninas e meninos entre 10 e 13 anos, da cidade de São Paulo.

7.6. CRIANÇA E ADOLESCENTE OCUPANDO OUTROS LUGARES NO REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

Ao analisar o Repórter Rá-Teen-Bum notamos que em alguns episódios as crianças e/ou adolescentes não apareceram apenas como entrevistadas, mas ocuparam também lugar semelhante ao de repórter. Isso aconteceu em cinco oportunidades. No programa 1, no quadro É Nós, a reportagem foi conduzida pelo adolescente Paulo Henrique de 17 anos, que era, à época, um jovem aprendiz na Fundação Padre Anchieta. Como a narrativa era sobre o que faz um jovem aprendiz, Paulo conta sua própria história. Uma câmera fica o acompanhando, dando a sensação de movimento, e Paulo, com um microfone lapela, vai dizendo o que faz.

Paulo volta no programa 4, no mesmo quadro. Dessa vez, ele não conta sua história, mas vai até uma escola pública de São Paulo para mostrar as atividades oferecidas aos alunos. Aqui ele age como um repórter tradicional, inclusive, usando microfone de mão ele começa a reportagem com uma passagem. Em determinado instante, ele cede o microfone para uma menina, não identificada. Ela vai usando o instrumento com seus colegas, que falam o que gostam de plantar na horta.

Imagem 36. Paulo Henrique no quadro É Nós PGM 1



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Imagem 37. Paulo Henrique no quadro É Nós PGM 4



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Imagem 38. Menina não identificada no quadro É Nós PGM 4



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum

No programa 2, a menina Wendy Camile, é a responsável por conduzir a reportagem sobre a falta d'água na rua em que mora, na cidade de São Paulo. Ela faz um relato a partir da sua vivência com essa problemática, mas em determinado momento do conteúdo ela assume o lugar de repórter e pergunta a outras crianças o que elas pensam sobre o assunto. Ela usa um microfone de mão e é possível vê-la lendo as perguntas em um papel que está em suas mãos.

Imagem 39. Wendy Camile no quadro Repórter PGM 2



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ⁴⁰

No PGM 16, a jovem de 18 anos, Geneviva, do Suriname, vai até uma escola local acompanhar o que ela chama de Dia da Informação, que trata-se de um trabalho feito para ajudar os adolescentes a escolherem suas profissões. Usando um microfone lapela, ela conversa com alguns professores.

Imagem 40. Geneviva no quadro Gira Girou PGM 16



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Ainda no quadro Gira Girou, no PGM 33, também no país Suriname, duas crianças analisam pontos de ônibus para dizer se eles são adequados ou não, segundo os critérios que estabeleceram. No off, eles são chamados de jovens repórteres e usam microfone de mão. Seus nomes e idades não foram identificados.

Imagem 41. Menina não identificada, quadro Gira Girou PGM 33



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

Imagem 42. Menino não identificado, quadro Gira Girou PGM 33



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Como visto, não é possível dizer que alguma criança exerceu de fato a função de repórter, pois é preciso levar em conta as múltiplas atividades exercidas por esse profissional. Vilella (2008) o trata como o operário da notícia, é ele quem vai às ruas, realiza boa parte das entrevistas, escreve o texto, grava o off. Ou seja, a função de repórter não se resume a segurar um microfone e aparecer no vídeo, como aconteceu com algumas dessas crianças que participaram do Repórter Rá-Teen-Bum.

É difícil dizer qual foi o objetivo do programa ao trazer essas aparições, mas acreditamos que pode ter sido passar a ideia de que as crianças podem participar da construção do conteúdo jornalístico. Algo defendido por muitos autores que pesquisam jornalismo infantil, como Marôpo (2015), que, inclusive, dá dicas de como isso pode acontecer. Não necessariamente como repórteres, mas ajudando, por exemplo, na indicação de pautas, colaborando com a criação de conteúdos, dando um retorno sobre o que acharam do que já foi veiculado. São maneiras de incluí-las na produção do programa, intervenções que poderiam ter colaborado e muito com o nosso objeto de estudo. Piaget (1979) também entende dessa maneira, ao dizer que a criança só pode se apropriar de um conhecimento, e este trabalho entende o jornalismo como forma de conhecimento, se o compreender e fizer parte do seu modo de construção.

Ainda sobre a figura de repórter no programa, ela praticamente inexistente. Em geral, as crianças e adolescentes são posicionadas em locais que ilustram o tema, na maioria das vezes em primeiro plano, usando microfone lapela e interagindo para a câmera. Em alguns momentos sua voz cobre as imagens de apoio. O formato telejornalístico predominante é o de reportagem, contendo, quase sempre, entrevistas.

Imagem 43. Crianças como protagonistas, sem a presença de repórter no vídeo



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ⁴¹

7.7 OUTRAS PERCEPÇÕES SOBRE O REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM

Aqui vamos tecer algumas observações sobre pontos que consideramos importantes, como a linguagem do programa. Em geral, o Repórter Rá-Teen-Bum tenta seguir a linha do telejornalismo tradicional e opta por uma linguagem simples e clara. Mas como já adiantado em capítulos anteriores, nosso objeto de estudo parece por vezes esquecer a idade do público para o qual ele próprio escolheu se direcionar. Em muitos conteúdos foram utilizados termos que não fazem parte do vocabulário infantil e que poderiam facilmente ter sido substituídos. A utilização de algumas palavras sem explicação pode comprometer a compreensão do assunto como um todo. Escrever para crianças não é tarefa fácil e é recomendável utilizar um caminho mais didático e optar sempre por palavras que elas conheçam. Se não for possível, que seja explicado o que significa aquele termo dentro do contexto empregado.

Um exemplo está no PGM 10, no quadro Gira Girou, quando é mostrada uma matéria sobre alunos de uma escola do Equador que cultivam uma horta. A palavra orgânico é utilizada na escalada, cabeça da matéria e off, mas em momento algum é explicado para quem assiste o que significa orgânico.

Dessa forma, no jornalismo infantil é mais sensato utilizarmos uma linguagem direta e, por vezes, coloquial para falarmos com as crianças, buscando sempre esclarecer termos complexos e científicos quando necessários à informação. O que não significa, por outro lado, simplificar completamente a linguagem apelando para um vocabulário infantilizado, com usos de diminutivos, mas lembrar que estamos informando um público, cujas experiências e saberes são limitados (SARDIGLIA, 2015, p. 49).

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimum/featured>. Acesso em 16/07/2022.

A participação das crianças e adolescentes enquanto protagonistas e fontes primordiais ajudou o programa nesse ponto, pois os entrevistados falavam à sua maneira, gerando uma identificação linguística mais exitosa com o público e ajudando na compreensão do tema. Mas é justo dizer que percebemos em alguns conteúdos tentativas para chegar a uma linguagem mais aproximada da audiência, em especial, nas escaladas dos programas e cabeças das matérias com a apresentadora Nathália Falcão. Em geral, o objetivo era fazer parecer uma conversa, recorrendo, inclusive, a muitas perguntas, como podemos ver na transcrição da abertura e escalada do programa 4:⁴².

- Olá, tá no ar mais um Repórter Rá-Teen-Bum!
- Notícias, informações e histórias bem legais!
- Quer ver só o que a gente tem pra hoje?
- Você já ouviu falar na Vesselka? Conhece a cultura da Ucrânia? A Mariana, lá de Prudentópolis no Paraná vai contar tudo.
- Celular na sala de aula, liberar ou proibir? Uma discussão que chegou às escolas da rede pública.
- Um menino de 11 anos lá da Birmânia, que adora sabe o quê? Cuidar de elefantes.
- O Repórter Rá-Teen-Bum está só começando!

O Repórter Rá-Teen-Bum utilizou de forma frequente a interpelação direta com uso do pronome “você”: Você já ouviu falar nisso? Sabe o que é aquilo? Conhece tal coisa?. Doretto (2010) nos diz que essa é uma tentativa de simular um diálogo e uma estratégia para criar uma maior sensação de proximidade com o público. É uma maneira também de gerar curiosidade, uma boa ferramenta a ser explorada com o público infantil, que está em um momento da vida que deseja descobrir e aprender novas coisas.

Uma observação que consideramos importante a ser destacada é que em nosso estado da arte percebemos que muitos produtos jornalísticos para o público infantil, analisados nos estudos discutidos, recorreram em muitos momentos a um vocabulário infantilizado e isso não foi percebido no Repórter Rá-Teen-Bum. Mesmo definindo seu público como crianças de até 10 anos, não houve, por exemplo, um uso excessivo de palavras no diminutivo, na verdade em poucas situações isso aconteceu. Pelo contrário, o programa pareceu em muitas ocasiões conversar com pessoas acima dessa faixa etária, falando e apresentando assuntos que não são

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m81vuX7YBMQ>. Acesso em: 22/07/2022

do universo ou interesse de crianças de até 10 anos.

Inclusive, a escolha das idades da audiência do programa é uma problemática. Pois não é possível conversar com uma criança de quatro anos da mesma maneira que se conversa com uma de dez. As demandas informacionais e linguísticas são diferentes, por isso não é recomendado que se use a mesma abordagem. O Repórter Rá-Teen-Bum quis fazer isso, e assim como outros produtos jornalísticos infantis que já existiram em nosso país, falhou, pois em muitos conteúdos não conseguiu conversar nem com uma, nem com outra. E mesmo tendo definido essa faixa etária, percebemos que a maior confusão foi a tentativa de falar com crianças e adolescentes, pessoas que estão em fases distintas e apresentam demandas que não se aproximam e mais uma vez o programa não conseguiu alcançar a ambos.

O relatório da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e do Instituto Ayrton Senna feito em 2002 apontou essa mesma problemática ao observar 36 cadernos em jornais impressos brasileiros, feitos para crianças. A ANDI e IAS perceberam que esses periódicos não tinham um público leitor bem definido, isso passava principalmente pela questão da idade. E diz “para atingir toda a faixa etária pretendida, os cadernos infantis deveriam utilizar de modo distinto a linguagem verbal. É uma providência fundamental no sentido de formar o futuro leitor assíduo (ANDI; IAS, 2002, p. 29). Mais de dez anos após esse relatório, o RTB parece ter caído no mesmo erro encontrado em outros produtos jornalísticos para crianças.

Além da linguagem, buscamos perceber que outros caminhos o Repórter Rá-Teen-Bum buscou seguir para tornar seus conteúdos mais compreensíveis para a sua audiência. Em nosso estado da arte, percebemos que muitos produtos jornalísticos para crianças usaram/usam a ludicidade para alcançar este público. Mas, no tocante ao nosso objeto de estudo, podemos dizer que essa estratégia não foi utilizada. De acordo com o Dicionário Online de Português⁴³, ludicidade é feita por meio de jogos, brincadeiras, entre outras atividades criativas. Nada disso esteve presente no programa e o que mais se aproximou foram algumas poucas animações utilizadas em algumas matérias. No PGM 20, no Quadro Você Viu? a narrativa, que falava sobre a importância de atividades físicas, foi feita toda em animação.

⁴³ Disponível: <https://www.dicio.com.br/ludicidade/>. Acesso em: 18/03/2-23.

Imagem 44. Quadro Você Viu? PGM 20



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!

Este conteúdo foi produzido pela TV Click do Equador, ou seja, material enviado pelo Wadada. Podemos dizer que foi um dos conteúdos mais didáticos apresentados pelo programa, a animação e o texto demonstraram de forma clara a importância do tema. Consideramos que animações poderiam ter sido mais utilizadas pelo Repórter Rá-Teen-Bum, porque ajudam no melhor entendimento dos assuntos e os torna mais divertidos e atrativos, o que é importante quando você produz algo para o público infantil. Mas sabemos que isso implica outras questões, como a disponibilidade do profissional que faz esse trabalho na emissora.

Ainda sobre as ferramentas usadas pelo jornalismo para ajudar na compreensão das temáticas abordadas, a contextualização do assunto é uma das principais. No Repórter Rá-Teen-Bum nem sempre ela esteve presente. Inclusive, algumas matérias foram colocadas de forma muito vaga, com várias abordagens soltas e sem uma explicação clara do tema, deixando a audiência confusa e com dúvidas.

Um exemplo está no PGM 31, no quadro Gira Girou é apresentada uma matéria que fala sobre os problemas do horário escolar estendido em Bangladesh. O conteúdo traz crianças falando sobre as dificuldades para se alimentar dentro do tempo de intervalo, 30 minutos, que eles consideram pouco. Alguns falam que ficam com fome porque não têm dinheiro para comprar lanche. Isso dá a entender que não tem merenda na escola, mas não é dito na matéria. Ainda tem a fala de uma mulher, que não é possível saber se trata-se de uma professora, gestora ou outra funcionária, que diz que o Ministério da Educação está tentando aumentar o horário das crianças na escola.

Uma informação que deixa a audiência ainda mais confusa, se os alunos já estão

reclamando do horário que têm, porque o governo quer aumentar? A matéria deixa os assuntos soltos fazendo com que a audiência tenha que deduzir algumas coisas. A dedução não é uma escolha acertada quando produzimos conteúdo para crianças, os temas devem sempre ser bem explicados. Além disso, esse exemplo cai em outro erro cometido pelo Repórter Rá-Teen-Bum em alguns conteúdos, que é anunciar algo na escalada e cabeça da matéria e não entregar no material de fato. Neste caso em específico, na escalada há o erro até do país, quando fala que a problemática acontece na Índia, depois a matéria diz que é em Bangladesh. Ela é anunciada da seguinte maneira:

— Passar o dia todo na escola pode ser cansativo, mas tem algumas coisas que podem deixar essa rotina mais fácil.

Não é dito na matéria em momento algum o que pode ser feito para solucionar os problemas relatados pelas crianças. Escalada e cabeças de matérias são como cardápios, anunciam o que virá e quando pedimos algo do cardápio esperamos que venha exatamente como solicitado, se não, há uma frustração. É isso que acontece com alguns materiais do Repórter Rá-Teen-Bum, frustra sua audiência ao não entregar o que foi anunciado.

Ainda sobre contextualização, outro exemplo está no quadro Repórter do programa 2. A reportagem fala sobre a falta d'água na Rua Matimpererê, em São Paulo. Um questionamento simples feito diante da narrativa apresentada é o porquê da falta d'água, mas isso não é explicado na matéria. A única fala que se aproxima de uma explicação é a de uma criança não identificada que diz que é pela falta de chuva. É estranho o programa escolher abordar uma temática tão importante, mas não explicar o porquê o problema acontece.

Mas como dissemos, a falta de contextualização aconteceu em alguns conteúdos, não em todos. No PGM 36, na matéria sobre religiões, por exemplo, há contextualização das crenças dos entrevistados, onde cada uma é explicada. Assim como no programa 2, na matéria sobre o *Aedes Aegypti*, quando são mencionadas as doenças que esse mosquito causa e como combatê-lo. “Assim, contextualização dos eventos se torna mais um fator qualificador que, [...], amplia a compreensão da realidade por parte da criança, sendo capaz de influir na sua criticidade e participação social” (SARDIGLIA, 2015, p.47).

Outra ferramenta utilizada pelo Repórter RTB foi a personificação dos conteúdos, temas abordados a partir da história de sujeitos. Traquina (2005) nos diz que pessoas se interessam por outras pessoas. Ou seja, crianças se interessam por seus pares. Essa foi uma importante ação realizada pelo programa, pois ao ouvir histórias de outras crianças, esse

público entende que há lugar para eles no jornalismo e que podem falar sobre diversos assuntos.

Ao observar os episódios notamos que não havia no Repórter Rá-Teen-Bum um espaço específico para exposição de opiniões de quem produz o programa, elas aparecem em frases curtas nos offs. No PGM 4, por exemplo, na matéria que fala sobre a discussão para liberar o uso de celulares em salas de aula nas escolas da rede pública de São Paulo, Nathália encerra com a frase:

– Os alunos pelo visto vão gostar!

Outra percepção é que o Repórter Rá-Teen-Bum estimulou pouco a participação do seu público. Ao assistir os episódios pelo YouTube percebemos poucos comentários e poucas curtidas. Não é dito durante o programa que os episódios ficam disponíveis na internet para quem desejar assistir depois, também não houve pedidos de sugestões de pautas e outras formas que a audiência pudesse interagir.

Consideramos algumas estratégias de interação importantes porque elas servem como um feedback do receptor, uma maneira de saber o que estão achando do produto. Além disso, o jornalismo como um todo já entendeu que a audiência não aceita mais o lugar que foi colocada durante muito tempo, de apenas consumir o que é oferecido, com poucas possibilidades de interagir. Hoje a audiência tem uma postura muito mais participativa, pois a interação aproxima quem faz o conteúdo de quem recebe. No jornalismo infantil não deve ser diferente, hoje é impensável produzir qualquer conteúdo sem criar canais de interação. O Repórter Rá-Teen-Bum não explorou isso. Acreditamos que a participação do seu público poderia ter favorecido, inclusive, a qualidade dos seus conteúdos.

Ao perceber os valores-notícias adotados pelo programa, quando expusemos algumas falas das crianças e adolescentes, e conhecermos o lugar que ocupavam nas matérias e reportagens, entendemos que em muitos conteúdos aconteceu o protagonismo infantil. Ao oferecer espaço de fala a este público e, mais que isso, permitir que se expressem à sua maneira, como visto em muitos materiais do programa, o Repórter Rá-Teen-Bum colocou esse grupo em posição de destaque. Inclusive, foram as falas das crianças e adolescentes que por vezes tornaram os conteúdos mais compreensíveis para quem assistia.

A maior parte das crianças que estiveram presentes no programa atenderam os critérios do jornalismo dentro do que é aguardado para a infância “crianças com condições de cumprir os papéis sociais que lhe são esperados: a criança aluna, a criança brincante, a criança

filha e neta” (DORETTO, 2014, p.68). Mas, mesmo assim, em muitos conteúdos foi possível perceber visões não tradicionais e discursos normalmente excluídos do jornalismo para adultos.

A ação do programa contribuiu para a construção da imagem da criança enquanto ser dotado de capacidade reflexiva. À ela foi dado espaço para compartilhar suas opiniões, percepções e ideias. Mostrou que as crianças podem ajudar de forma significativa com a narrativa jornalística, pois está atenta a tudo que acontece e tem opiniões sobre, desejando apenas ser ouvida. Entre acertos e erros, o Repórter Rá-Teen-Bum permitiu a esse grupo conhecer e ser conhecido.

O programa conseguiu atender dois artigos importantes da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989): tanto oferecer informações direcionadas exclusivamente a esse grupo, como proporcionar sua liberdade de expressão. Assim conseguiu também alcançar o que defende a Sociologia da Infância, pois foi um importante instrumento para o exercício do protagonismo e da cidadania infantil. O programa ainda que com suas limitações alcançou o que abordaram os mais diversos autores trazidos neste trabalho, Doretto (2010); Marôpo (2015), Ferreira (2011, Cerqueira (2018) e outros, pois estes acreditam no jornalismo como processo de conhecimento, podendo gerar na audiência um aprendizado crítico, reflexivo e mobilizador.

7.8 COMO O REPÓRTER RÁ-TEEN-BUM PODERIA TER SIDO MELHOR?

O Repórter Rá-Teen-Bum morreu repentinamente. Após três anos, não houve qualquer comunicado prévio, ou mesmo depois, ao seu público de que o programa não existiria mais. Pelo contrário, no último episódio, PGM 36, exibido em 04/06/2018, a apresentadora Nathália Falcão termina dizendo:

– A gente se vê na próxima edição, txau txau!

Uma maneira ruim e desrespeitosa de encerrar um ciclo com sua audiência. No decorrer dos últimos capítulos, durante as discussões sobre o programa, pontuamos algumas coisas que acreditamos que poderiam ter sido feitas para oferecer um jornalismo infantil mais qualificado a quem assistia o Repórter Rá-Teen-Bum.

Aqui iremos apenas sintetizar as ideias já propostas, que foram pensadas a partir de

todo o estudo teórico feito para este trabalho, como da professora Juliana Doretto (2010), sobre a Folhinha e Estadinho, quando essa fala sobre a importância de delimitar a idade do público leitor e como os jornais poderiam ter estimulado mais a participação das crianças; e da professora Marôpo (205), quando oferece dicas de como os jornalistas podem incluir as crianças nas narrativas jornalísticas. Além disso, são dicas também baseadas em pesquisas anteriores feitas por mim com crianças através de grupos focais⁴⁴.

- A faixa etária definida como audiência poderia ter sido menor, por exemplo, crianças de 7 a 10 anos. Essa faixa está dentro da fase denominada por Piaget (1979) de operações concretas, na qual o indivíduo começa o processo de efetivação da inteligência adquirida em fases anteriores e o conhecimento absorvido nesse momento da vida servirá como base para fases futuras. É também o momento onde a criança vai consolidando sua alfabetização, aperfeiçoando a leitura e a escrita. É claro que dentro das desigualdades sociais do Brasil, não é possível dizer que esta seja uma realidade de todas as crianças nesta faixa etária. Mas consideramos que crianças até 10 anos é uma faixa longa e que engloba pessoas em períodos muito distintos. Além disso, mesmo o Repórter Rá-Teen-Bum afirmando ser para essas idades, seus conteúdos por vezes pareciam querer conversar com quem estava além dela, com adolescentes. São grupos diferentes, que apresentam demanda de linguagem e de interesse distantes.
- Ao definir para quem desejava produzir matérias e reportagens, o programa poderia ter feito uma pesquisa junto a esse grupo para saber o que gostam de consumir quando falamos em informações. Não sabemos se esse tipo de averiguação foi feita, mas tudo nos leva a crer que não, afinal qual o interesse de crianças até 10 anos em saber o que faz um jovem aprendiz de 17? Ou mesmo investir em bolsa de valores e bitcoins? O programa pecou na escolha de muitos temas, que não têm a atenção da sua audiência. Uma pesquisa junto a esse grupo, ou mesmo, um estado da arte com trabalhos que estudam esse assunto e observações dos rastros que as crianças deixam na rede poderia ter resultado em mais conteúdos do interesse de crianças de até 10 anos.
- A linguagem também poderia ter sido mais familiar ao universo infantil. Foram muitos os conteúdos que usaram expressões fora do vocabulário de crianças de até 10 anos,

⁴⁴ Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18391?mode=full>. Acesso em: 18/03/2023.

que facilmente poderiam ter sido substituídas. Aquelas em que a substituição não fosse possível deveriam ter sido explicadas. No jornalismo infantil a explicação deve ser sempre clara e didática.

- A TV Cultura, deveria, ainda, ter explorado mais a sua relação com as afiliadas, isso poderia ter resultado em mais conteúdos que atendessem a diversidade cultural do nosso país. Seria importante e enriquecedor mostrar as infâncias brasileiras.
- Crianças até 10 anos não podem ter redes sociais, mas mesmo assim elas poderiam ter sido mais utilizadas. Com o auxílio dos pais acreditamos que as interações por esses meios deveriam ter sido exploradas. São canais que ajudam a perceber o que a audiência está achando do conteúdo. Curtidas, comentários ou até mesmo o silêncio, são importantes feedbacks. Inclusive, pautas também poderiam ter sido escolhidas através das redes, com votação no Instagram, pedido de comentários sobre o que as crianças gostariam de ver no programa ou envio de e-mail. Não há um episódio sequer em que houve estímulo para qualquer interação, mesmo o Repórter Rá-Teen-Bum tratando em alguns conteúdos a temática do uso das redes pelas crianças e disponibilizando seus PGMs no YouTube. Poderiam ter sido ditas coisas do tipo – E aí? O que achou do programa? Conta pra gente nos comentários.
- O uso de animações é uma boa estratégia para se comunicar com o público infantil. As animações fazem parte do universo das crianças, elas reconhecem esse tipo de produto. Por isso, acreditamos que essa ferramenta deveria ter sido mais utilizada pelo programa. Aliada a um texto claro, facilitaria de forma significativa o entendimento desse grupo. Além de que, soam mais divertidos e atrativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar todos os episódios do Repórter Rá-Teen-Bum disponíveis no YouTube levando em consideração os valores-notícias elencados por Silva (2005) e nossa categorização livre foi possível perceber e concluir que o objetivo principal do programa foi contar histórias de crianças e adolescentes. Para isso, usou os mais diversos panos de fundo possíveis a partir de uma lógica da curiosidade e muitas vezes seguindo uma linha quase biográfica. Em seu início, importava para o Repórter Rá-Teen-Bum a criança ou adolescente que fazia algo fora

do habitual ou tinha uma realidade pouco convencional. A criança ou adolescente comum só começou a ter de fato espaço no programa a partir do episódio 19, em 2017, quando ela passa a aparecer mais como fonte primordial, falando sobre os mais diversos assuntos escolhidos pela produção.

Os questionamentos sobre os temas e a forma como foram abordados foram motivo de ampla discussão no capítulo anterior. Nos fazendo entender como principais falhas a delimitação muito ampla de uma faixa etária (crianças até 10 anos); o não respeito a este público no momento da escolha e apresentação dos conteúdos; e linguagem por vezes confusa e distante da sua audiência.

O ponto forte está na presença quase que exclusiva de crianças e adolescentes, inclusive, na apresentação do programa, mostrando o quão enriquecedora pode ser a inclusão infantojuvenil no discurso jornalístico e nos ajudando a descobrir como elas podem reconfigurar as narrativas tradicionais apresentadas. O jornalismo deve estar à disposição de toda a sociedade, o problema é que esse campo não abriga todos os grupos. O apagamento da infância no jornalismo cria no imaginário popular que a criança não tem capacidade para participar de espaços de decisão, que não precisa ser ouvida, porque não tem o que falar. Existe uma pré-disposição a não confiarmos na capacidade cognitiva infantil para opinar sobre o que acontece.

Se o jornalismo é um espaço para abrigar vozes alternativas, onde está a voz da criança? Mas para além da presença da criança nos produtos jornalísticos aos quais temos acesso, é necessária a oferta de jornalismo infantil, tão raro no Brasil. Ao longo da história existiram experiências em jornais impressos, revistas, rádio, televisão e internet, algumas foram encerradas e depois voltaram, outras finalizadas de vez. Situações que fazem muitos questionar se de fato há um interesse infantil pelo jornalismo e se é viável produzir conteúdos informativos para este público. Sim, a criança está interessada pelo que acontece ao seu redor, ela pergunta, procura saber nas mais diversas fontes, entre elas o jornalismo. Mas ainda que a resposta fosse não, sabemos e discutimos ao longo deste trabalho, que o jornalismo cria hábitos, não poderia esse construir nas crianças o hábito de consumir notícias?

As experiências de jornalismo infantil encerradas no Brasil, como o Repórter Rá-Teen-Bum, talvez nos indique que outros caminhos e estratégias poderiam ter sido escolhidas para conversar com esse público. Não podemos interpretar a baixa audiência de um programa, fazendo com que ele não se sustente financeiramente, como falta de interesse por aquele tipo de conteúdo. Esse fato, por vezes, indica que a forma como foi apresentado não agradou a quem foi destinado. O jornalismo tem custos e por isso é visto como um negócio, mas esta

realidade não pode afastar este campo do que ele é: um serviço público.

O Repórter Rá-Teen-Bum foi um importante instrumento na garantia do direito de participação infantojuvenil. O programa conseguiu cumprir dois pontos importantes da Convenção dos Direitos da Criança (ONU, 1989): ofertou conteúdos direcionados exclusivamente a esse grupo e abriu espaço para ouvi-lo. Com essa iniciativa, as crianças e adolescentes mostraram que têm capacidade para expor suas opiniões e se lugar tivessem no jornalismo certamente contribuiriam muito com os discursos construídos.

Embora neguemos voz a esse público, ele insiste em falar de muitas maneiras, tem consciência do que sente, pensa e necessita apenas de quem o ouça. A criança sabe, ao seu modo, se expressar, nós é que não levamos em conta suas perspectivas, mesmo tendo ciência que tudo o que acontece às afeta, mas não nos interessa compreender como encaram esses acontecimentos. Inclusive, a maior parte das decisões com relação à criança são tomadas sem sequer levar em consideração seus desejos e opiniões.

É conhecida a maneira como o jornalismo é produzido e sabemos que diversos pontos contribuem para a ausência da criança nesse campo, como fator tempo, mercadológico e falta de preparação para conversar e escrever para o público infantil, como trouxemos em nosso estado da arte através do trabalho de Marôpo (2015). São barreiras que podem ser superadas, já que a presença do infante na narrativa jornalística poderia ajudar com que essa área pelo menos, por vezes, siga caminhos diferentes, ao das fontes “oficiais”. A criança possui um arcabouço cognitivo específico e o jornalismo, ao ouvir sua voz e suas preocupações, muito poderia ser beneficiado. O Repórter Rá-Teen-Bum é uma prova disso.

O jornalismo infantil pode e deve ser usado como um espaço para que as crianças usufruam do seu direito à cidadania. Mesmo com as ressalvas do que acreditamos que poderia ter melhorado a experiência do público infantil com o programa, o Repórter Rá-Teen-Bum durante seus três anos de exibição preencheu uma lacuna no que diz respeito a conteúdo audiovisual com cunho jornalístico voltado para crianças na televisão aberta. Como percebemos no estado da arte feito para este trabalho, ao lado do Globinho, esse se tornou um dos poucos programas que buscou levar notícias às crianças. Não há registros de outros produtos semelhantes depois dele. Ou seja, o jornalismo televisivo no Brasil continua a ignorar este grupo.

Não é possível mais aceitar que as crianças fiquem à margem do jornalismo, elas repetidamente e de muitas maneiras dizem aos adultos que querem ser aceitas como cidadãs. Não à toa vemos diversas produções na internet feitas por elas, inúmeros canais infantis, por exemplo, existem no YouTube. O que entendemos é que poderia haver um esforço das

empresas de comunicação para a disponibilização de programas jornalísticos para o público infantojuvenil. O jornalismo é um importante instrumento de cidadania e ofertá-lo às crianças é pensar nesse público, mas também no futuro do próprio campo.

É importante apresentar as limitações deste estudo, uma vez que analisou apenas um único programa, de língua portuguesa, que não está mais em produção, o que impede novas análises. Assim, os achados não podem ser generalizados para outras realidades fora do escopo estudado.

Esperamos que este estudo possa induzir aqueles que fazem jornalismo no Brasil, em especial os que estão no mercado, a pensarem e perceberem a importância da promoção de um discurso mais plural e inclusivo. Com a presença de vozes dos mais diferentes grupos, inclusive, das crianças. Além disso, esperamos que esta pesquisa colabore com os que desejam produzir conteúdos informativos para o público infantil em nosso país. Acreditamos que observar estudos que se debruçaram sobre o assunto pode ser um importante auxílio para os que possam vir a ter esse propósito. Então, desejamos que essa seja uma das aplicações deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDI; IAS. **A mídia dos jovens**: esqueceram de mim. Ano 6. n. 10. jun. 2002.

ANDRADE, Tamires Vichi de; SILVA, Elizeu do Nascimento. **Jornalismo Infantil**: a extinção de um segmento. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba – PR, 2017.

ARAÚJO, Mariana; FIEL, Felipe Arthur. **A Televisão infantil no Brasil e na China**: Uma perspectiva histórica para além dos modelos ocidentais. Revista Novos Olhares. Ano 1 – Volume 11 Edição 22 – Janeiro-Junho de 2022.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARROYO, Gabriela Vanni. **Jornalismo infantil no jornal impresso**: um estudo dos suplementos Folhinha e JC criança. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, p. 219. 2017.

BALDIN, Ana Luiza Menezes. **Continuidades e discontinuidades em representações do Leitor infantil**: Uma análise de projeções discursivas do leitor da Folhinha de 1963 aos dias atuais. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, p.129. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso (1952-1953)**. In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes. p. 277-326,

1992.

BENETTI, Márcia. **O jornalismo como acontecimento**. Editora Insular, Florianópolis. 2016.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antonio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, p. 188-193. 1996.

BEZERRA, Elisângela Marinho. **Jornal aquarela: a experiência de um telejornal voltado para o público infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Jornalismo), Universidade Estadual da Paraíba, p. 82. 2017.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

BONINI, Adair. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 11, n. 1, enero-marzo, p. 149-175 Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, 2011.

BORGES, A.; ARREGUY, S.; SOUZA, L. **O auge e o declínio da programação infantil na TV comercial brasileira**. Mediação, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, p. 79-94, jul./dez. de 2012. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/1357/926>. Acesso em: 08/01/2016.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CERQUEIRA, Laerte. **A função Pedagógica do Telejornalismo: E os saberes de Paulo Freire na prática jornalística**. 1ª Edição. Florianópolis: Insular, 2018.

CUSTÓDIO, Michele Letícia; MACIEL, Suely. **Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil**. Revista Alterjor. Ano 10 – Volume 02 Edição 22 – Julho-Dezembro de 2020.

DELORME, Maria Inês Carvalho. **Domingo é dia de Felicidade- As crianças e as notícias**. 1º Ed, Rio de Janeiro, Multifoco, 2012.

DIAS, Anelise Schütz; BORGES, Gabriela. **Jornalismo para crianças: um serviço público da televisão portuguesa**. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9, n.2, p.397-406, Julho a Dezembro, 2012.

DINIZ, Izabel Cristina; ANASTÁCIO, Leila Aparecida. Natureza do hipertexto no jornalismo digital em dois suplementos para o público infantil. **Revista Texto livre linguagem e tecnologia**. v.5, n.2, 2012.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel: Jornalismo infantil na ‘Folhinha’ e no ‘Estadinho’**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, p.150. 2010.

DORETTO, Juliana. **‘Fala conosco!’: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências

Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa- FCSH, Lisboa, p.286. 2015.

DORETTO, Juliana. **“Minhas próprias notícias”**: jornalismo e o público jovem brasileiro e português em contexto digital. Revista Intercom – RBCC, São Paulo, v.42, n.1, p.113-129, jan./abr. 2019.

DORETTO, Juliana. **Jornalismo para a infância**: uma proposta de definição. Revista Ciberlegenda. p. 59-72. 2014.

DORETTO, Juliana. **Criança de jornal**: representações de infância e juventude em Brasil e em Portugal. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9, n.2, p.383–395, Julho a Dezembro, 2012.

DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro**. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2018.

DORETTO, Juliana. **”Sou fã da revistinha”**: as mensagens enviadas pelas crianças ao jornalismo infanto-juvenil. XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. V.11, n. 22, julho - dezembro 2017.

DORETTO, Juliana. **‘Escreva-nos’**: a participação do leitor no jornalismo infantojuvenil brasileiro e português. Revista ponto-e-vírgula. V.16, p. 134-150, 2014.

ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 25 fev.2022.

FERNANDES, Rodrigo Fonseca. **Rádio Brincadeira**: os jogos sonoros e performances do corpo nos programas infantis. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. p. 106, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio** – O veículo, a história e a técnica. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Potencialidades Educomunicativas do Jornalismo para Crianças**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: m o d o s d e e d u c a r n a (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo**: o discurso da Revista Recreio. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil revistativo da Recreio**. Revista Vozes&Diálogo. Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, São Cristóvão-SE. 2005.

GOMES, Itania Maria Mota. **Telejornalismo de qualidade Pressupostos teórico-metodológicos para análise.** XV Encontro da Compós, Bauru -SP, 2006.

INOCÊNCIO, Kellin Cristina Melchior; FERREIRA, Juliana Battistus Mateus. **O jornal impresso e a teoria de alfabetização de Paulo Freire: a mídia escrita como recurso didático-pedagógico para a alfabetização de crianças.** Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 13, n. 29, p. 278-292, maio/ago. 2021.

JESPERS, Jean-Jaques. **Jornalismo Televisivo.** Coimbra, Edições Minerva Coimbra, 1998.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. **Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem.** Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 14, nº 1, p. 51-62, jan/jun, 2017.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. **O jornalismo como crença verdadeira Justificada.** Revista Brazilian Journalism Research, v.11, nº. 2, p. 10-29. 2015.

LORENZONI, Marcela; TOPPEL, Camila Costa; FEILER, Camila Petry; FERRARI, Francielle; LIRA, Cícero. **Revista Amarelinha: Jornalismo segmentado para crianças de 9 a 12 anos.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Prêmio Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Universidade Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, 2012.

MARÔPO, Lídia. **Jornalismo e direitos infantis: a voz de crianças e jovens na produção, recepção e monitorização do discurso noticioso.** Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania". Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, p.648-657, 2011.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-tico um marco nas histórias em quadrinhos do Brasil.** II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho – Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. Acesso em: 16 set. 2007.

MARÔPO, Lidia Soraya Barreto. **Jornalismo e direitos infantis: a voz das crianças e jovens na produção, recepção e monitorização do discurso noticioso.** Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania". Universidade de Minho, Braga, 2011.

MARÔPO, Lidia. **Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo.** Revista Vozes&Diálogo. Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane, MEURER, Flávio. **Mídia e representações da infância: narrativas contemporâneas.** Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PATERNOSTRO, Vera íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Vol. 2. Elsevier Brasil, 2006.

PEREIRA, Heron Ledon. **Jornalismo Rá-Tim-Bum: uma proposta de vínculos entre**

imprensa, escola e criança. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, p. 125. 2018.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, Brasília, INL, 1979.

PINTO, Manoel. **As crianças contextos e identidades**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto. A infância como construção social. Universidade do Ninho – Centro de estudos da criança. p.33 a 71, 1997.

PONTE, Cristina. **A pesquisa em jornalismo e as pesquisas sobre crianças e adolescentes**. Revista Contracampo. 2006.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. **Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia**. Revista Galáxia. São Paulo, n. 18, pp. 44-56. 2009.

PROUT, Alan. **Reconsiderando a nova sociologia da infância**. Tradução: Fátima Murad. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.141, p.729-750, set./dez. 2010.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate**. Revista Perspectiva.v.20, n. Especial. p. 137-164, jul./dez. 2002.

QVORTRUP, Jens. **A dialética entre a proteção e a participação**. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2015.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2010. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso: 30/07/2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou Da educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 91 e 97, 2004.

SALAMON, Ana Paula Braga. **A voz de crianças e adolescentes na imprensa - Uma análise sobre a inclusão de meninas e meninos como fontes noticiosas nos diários Gazeta do Povo e Folha de Londrina**. IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. IX Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadão. 2013.

SARDIGLIA, Laíssa Grabinski Saldanha Brocker. **Qualidade no jornalismo infantil: estudo do programa TV Piá da TV Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo), Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, p.131. 2015.

SARMENTO; Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma Sociologia da Infância crítica**. Revista Configurações. v.4, 91-113. 2008.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. v.II n. 1 - 1º Semestre, 2005.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. **Da necessidade e da vontade de se consumir notícia**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v.8 n.23 p. 181-198 nov. 2011.

SILVEIRA, Patrícia. **Notícias televisivas e públicos infantis: o porquê da aposta em jornalismo segmentado para as crianças.** Revista Observatório, v. 13, n.2, p.48-67. 2019.

SILVESTRE, Maria João Cunha; FERREIRA, Cristiana. **As crianças protagonistas de notícias: sujeitos e objetos de crime.** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 36, n. 1, p. 81-102, jan/jun, 2013.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.** Disponível em:
<<http://br.geocities.com/ciberliteratura/literinfantil/adelaide.htm>>. Acesso em: 23 out. 2022.

TAVARES, Patricia Raffaini **A Voz da Infância: um jornal escrito para as crianças pelas crianças, 1936-1948.** Trashumante. Revista Americana de Historia Social, núm. 8, Julho-Dezembro, pp. 84-107, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Volume II, Florianópolis: Insular, 2005.

UNICEF. **Convenção sobre os direitos da Criança.** Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 25 fev.2022.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Verônica. **Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças.** Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza: Alcar, 2009.

VARELA, Julia; URIA-ALVAREZ, Fernando. **A maquinaria escolar.** Revista Teoria e Educação, v.6, p. 68-96.1992.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV: telejornalismo aplicado na era digital.** Ed. Ciência Moderna, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista Famecos, v.16, nº 40, 77-83. 2009.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Tradução: Editora Presença. 8ª edição, Lisboa. 1985.

WUNDERLICH, Camila Brandão. **Jornalismo para crianças: um estudo sobre a produção audiovisual informativa dedicada ao público infantil na TV.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social/Jornalismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 76. 2016.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo.** Ed. Roca, 2006.